

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Emmanuel Sá Resende Pedroso

**A MEMÓRIA DO IDOSO E A IDENTIDADE DA CIDADE COMO REFERÊNCIAS NA
ANÁLISE DA APROPRIAÇÃO FORMAL/ESPACIAL DO ESPAÇO URBANO**

Florianópolis

2007

Emmanuel Sá Resende Pedroso

**A MEMÓRIA DO IDOSO E A IDENTIDADE DA CIDADE COMO REFERÊNCIAS NA
ANÁLISE DA APROPRIAÇÃO FORMAL/ESPACIAL DO ESPAÇO URBANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Vera Helena Moro Bins Ely

Florianópolis

2007

Emmanuel Sá Resende Pedroso

**A MEMÓRIA DO IDOSO E A IDENTIDADE DA CIDADE COMO REFERÊNCIAS NA
ANÁLISE DA APROPRIAÇÃO FORMAL/ESPACIAL DO ESPAÇO URBANO**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do grau de **Mestre em Arquitetura e Urbanismo** no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 25 de maio de 2007.

Prof^a. Alina Gonçalves Santiago, Dr^a.
Coordenadora do Programa

Banca Examinadora

Prof^a. Vera Helena Moro Bins Ely, Dr^a.
Orientadora

Prof^a. Alina Gonçalves Santiago, Dr^a.

Prof^a. Marta Dischinger, PhD.

Prof. Paulo Afonso Rheingantz, Dr.

Prof^a. Maristela Moraes de Almeida, Dr^a.

Dedicatória

Ao meu Pai.

Ao meu Pai, à minha Mãe e à Jojô, pelo carinho, incentivo e apoio.

À Ana Paula, pelo companheirismo e força a todo momento.

À Prof^ª. Vera Helena, não somente minha orientadora, mas também uma grande amiga, com quem muito aprendi ao longo desses dois anos.

Aos professores do PósARQ, pela experiência transmitida ao longo das conversas e disciplinas.

Ao Eduardo Gaulitchi e a Lissandra Muller, pelo empenho e apoio, principalmente ao longo da pesquisa de campo.

Aos meus amigos, antigos de Minas e novos do Sul, pela força nos momentos mais difíceis.

À Ivonete, secretária do curso, sempre solícita no atendimento das minhas dúvidas.

Aos Professores da banca, pela participação e pelas contribuições à minha pesquisa.

À CAPES, pela confiança e apoio à minha pesquisa.

Ao Prof. Antonio Colchete, grande amigo, pelo apoio desde o início.

À Prof^ª Ângela Alvarez e a todos os professores e alunos do NETI/UFSC, pelo apoio.

Ao Sr. Hipólito Pereira, funcionários e idosos do Asilo Irmão Joaquim, pela ajuda desde o período das disciplinas.

Aos idosos que pacientemente e de forma muito prestativa, cederam suas histórias e experiências de vida à minha pesquisa.

A todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

“Assim como o edifício contém os seres e valores que lhe cruzam a porta, o espectador em si contém os vultos e circunstâncias que percebe e grava, de sorte que ele é também um recinto e a litúrgica se ordena, graças à memória e à imaginação. Muitos ambientes arquitetônicos se dedicam, em especial, a acolher certas atitudes com as quais o devaneio de cenas distantes se fortalece; requerendo-se, para isso, que o portador dos sonhos, verdadeiro lugar dentro de outro lugar, escolha o propício das horas, a meditação a significar sempre o escondido acervo de que o detentor mais se nutre quando se localiza no âmago do espaço” (COUTINHO, 1998, p.210).

PEDROSO, Emmanuel Sá Resende. **A memória do idoso e a identidade da cidade como referências na análise da apropriação formal/espacial do espaço urbano**. Florianópolis, 2007. 159 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação, UFSC, 2007.

O rápido crescimento das cidades brasileiras, ocorrido nas últimas décadas, tem levado muitas delas a um processo de descaracterização formal/espacial, com a perda de seus elementos urbanos mais significativos, lugares essenciais à manutenção dos laços locais dos idosos, bem como da identidade formal/espacial da cidade. A constatação desse vínculo entre a memória do idoso e a identidade da cidade, deu origem à hipótese deste trabalho, acerca da possibilidade de identificação dos elementos urbanos portadores da identidade formal/espacial da cidade a partir da memória do idoso. Essa hipótese, uma vez verificada pela revisão da literatura, constituiu o pressuposto teórico que deu origem a um procedimento de análise da apropriação formal/espacial do espaço urbano pela pessoa idosa, objetivo principal do presente estudo. Na parte prática da pesquisa, foi elaborado o procedimento de análise propriamente dito e aplicado no centro urbano de Florianópolis, estudo de caso selecionado. As entrevistas estruturadas possibilitaram: a evidenciação prática do pressuposto estabelecido, por meio da comparação entre os elementos urbanos apropriados ao longo da vida pelos idosos da amostra e os elementos tombados existentes no local; a análise da apropriação do espaço urbano ao longo do tempo, com a comparação entre os elementos urbanos apropriados por esses idosos no passado e no presente; e a identificação dos fatores ambientais que influenciam nessa apropriação atual. Com a observação e o levantamento *in loco*, foram constatadas as relações entre os fatores ambientais e os componentes morfológicos existentes em cada elemento urbano. A partir desses componentes morfológicos, foi verificado, com base nas técnicas de fotointerpretação e análise regressiva da paisagem, como a cidade, mais especificamente a área objeto de estudo, contribui morfológicamente para a apropriação dos elementos urbanos pelos idosos da amostra e se a sociedade zelou por esses componentes. Consolida-se, então, o procedimento de análise da apropriação formal/espacial do espaço urbano pela pessoa idosa, auxílio direto à manutenção dos laços locais do idoso e da identidade da cidade.

Palavras-chave: memória, idoso, identidade, apropriação, cidade.

PEDROSO, Emmanuel Sá Resende. **The elderly's memory and the city's identity as references to the analysis of the formal/spatial appropriation of the urban space.** 2007, Florianópolis. 159 p. Dissertation (Master Degree in Architecture and Urbanism) – 2007, UFSC, Graduate Program.

The quick growth of Brazilian cities, happened in the last few decades, has led many of them to a formal/spatial deprive of its characteristics, causing the lost of its most significant urban elements, essential places to the maintenance of elderly's local bond as well as to the formal/spatial identity of the city. The concern of this bond between the elderly's memory and the city's identity, gave origin to this research's hypothesis, concerning the identification possibility of urban elements, carriers of the city's formal/spatial identity from the elderly's memory. This hypothesis, once verified by literature revision, constituted the presuppose support to the creation of an analysis's procedure of formal/spatial appropriation of urban space by the older people, main objective of this research. In the study practical part, the procedure was elaborated and was applied in the Florianópolis downtown, selected as study of case. The structured interviews made possible: the confirmation of the established presuppose, by means of comparison between urban elements appropriated by the elderly (enclosed in this research) through out their lives and the elements protected by the law existents in the local area; the analysis of urban space's appropriation all over the years, with the comparison between the urban elements appropriated by the elderly in the past and nowadays; and the identification of environmental factors that influence in this currently appropriation. Through the observation and survey *in loco*, the relationship between environmental factors and morphological components was evidenced in each urban element. From these morphological components, it was verified, based in photo-interpretation techniques and in the landscape regressive analysis, how the city, specifically the study area, contributed to the urban elements appropriation by the elderly and if the society watched over for these components. It is consolidate, so, the analysis procedure of the formal/spatial urban space's appropriation by the elderly, directed assistance to the maintenance of local bonds of the elderly and the city's identity.

Keywords: memory, elderly, identity, appropriation, city.

Quadro 01 – Métodos e técnicas empregados na pesquisa.....	21
Quadro 02 – Expectativa de vida brasileira, ao nascer.....	26
Quadro 03 – Alterações nos sistemas do organismo com o processo de envelhecimento.....	28
Quadro 04 – Alterações nos sistemas sensoriais com o processo de envelhecimento.....	29
Quadro 05 – O envelhecimento da memória humana.....	37
Quadro 06 – Métodos e técnicas utilizados no procedimento de análise.....	78
Quadro 07 – Roteiro da entrevista estruturada.....	81
Quadro 08 – Especificação dos locais, datas e horários de coleta da amostra.....	83
Quadro 09 – Caracterização da amostra.....	83
Quadro 10 – Estrutura da planilha de observação/levantamento <i>in loco</i>	85
Quadro 11 – Componentes morfológicos considerados na pesquisa.....	86
Quadro 12 – Especificação dos locais, datas e horários de coleta da amostra.....	96
Quadro 13 – Caracterização da amostra em espaços públicos.....	97
Quadro 14 – Caracterização da amostra em instituição asilar.....	98
Quadro 15 – Caracterização da amostra em instituição de ensino superior.....	98
Quadro 16 – Caracterização da amostra geral.....	99
Quadro 17 – Elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida.....	100
Quadro 18 – Elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida (frequência).....	100
Quadro 19 – Elementos urbanos apropriados pelos idosos somente no presente.....	105
Quadro 20 – Elementos urbanos apropriados pelos idosos atualmente (frequência).....	105
Quadro 21 – Elementos urbanos e fatores ambientais avaliados pelos idosos (Grupo 1).....	110
Quadro 22 – Elementos urbanos e fatores ambientais avaliados pelos idosos (Grupo 2).....	110
Quadro 23 – Elementos urbanos e fatores ambientais avaliados pelos idosos (Grupo 3).....	111
Quadro 24 – Importância dos fatores ambientais na apropriação de elementos urbanos pelos idosos.....	111
Quadro 25 – Fatores ambientais/Componentes morfológicos (Palácio Cruz e Sousa).....	115
Quadro 26 – Fatores ambientais/Componentes morfológicos (Largo da Carioca).....	116
Quadro 27 – Fatores ambientais/Componentes morfológicos (Praça XV de Novembro).....	117
Quadro 28 – Fatores ambientais/Componentes morfológicos (Mercado Público).....	118
Quadro 29 – Fatores ambientais/Componentes morfológicos (Largo da Alfândega).....	118
Quadro 30 – Fatores ambientais/Componentes morfológicos (Rua Felipe Schimdtl).....	119
Quadro 31 – Fatores ambientais/Componentes morfológicos (Catedral).....	119
Quadro 32 – Componentes morfológicos/fatores ambientais (Senadinho).....	120
Quadro 33 – Componentes morfológicos/fatores ambientais (Igreja de São Francisco).....	122
Quadro 34 – Fotointerpretação e análise regressiva da paisagem (Shopping Beiramar).....	122
Quadro 35 – Fotointerpretação e análise regressiva da paisagem (Praça XV de Novembro).....	126

Figura 01 – Esquema fatores determinantes do processo de envelhecimento.....	27
Figura 02 – Esquema teórico do processo perceptivo.....	57
Figura 03 – Estrutura simplificada das operações com signos.....	61
Figura 04 – Relação entre o ser humano e seu ambiente.....	69
Figura 05 – Relação apropriação/fatores ambientais/componentes morfológicos.....	74
Figura 06 – Utilização da planilha de observação/levantamento <i>in loco</i>	84
Figura 07 – Esquema das fichas da relação fatores ambientais/componentes morfológicos.....	86
Figura 08 – Esquema base da análise regressiva da paisagem.....	89
Figura 09 – Localização da cidade de Florianópolis no Estado de Santa Catarina e delimitação do município.....	91
Figura 10 – Localização do centro urbano e do centro histórico da cidade de Florianópolis.....	93
Figura 11 – Planta de vila de Desterro, 1823.....	94
Figura 12 – Área objeto de estudo em perspectiva.....	95
Figura 13 – Elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida.....	102
Figura 14 – Elementos urbanos tombados.....	102
Figura 15 – Elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida e que são tombados.....	103
Figura 16 – Elementos urbanos apropriados pelos idosos atualmente.....	106
Figura 17 – Elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida e que ainda o são atualmente	106
Figura 18 – Elementos urbanos apropriados pelos idosos atualmente, hierarquizados.....	109
Figura 19 – Legenda para síntese da planilha de observação/levantamento <i>in loco</i>	114
Figura 20 – Legenda para as relações fatores ambientais/componentes morfológicos.....	115
Figura 21 – Relações entre fatores ambientais e componentes morfológicos, Grupo 1.....	116
Figura 22 – Relações entre fatores ambientais e componentes morfológicos, Grupo 2.....	120
Figura 23 – Relações entre fatores ambientais e componentes morfológicos, Grupo 3	123
Figura 24 – Esquema da análise regressiva da paisagem realizada	125
Figura 25 – Fotografias aéreas do centro urbano de Florianópolis de 2004, 1994, 1977 e 1957.....	127

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA.....	15
1.2 JUSTIFICATIVA.....	16
1.3 HIPÓTESE.....	17
1.4 QUESTÕES LEVANTADAS.....	18
1.5 OBJETIVOS.....	19
1.5.1 Objetivo geral	19
1.5.2 Objetivos específicos	19
1.6 MÉTODOS E TÉCNICAS.....	20
1.7 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	21
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
2.1 O IDOSO: CULTURA E HISTÓRIA PERSONIFICADAS.....	24
2.1.1 O idoso	25
2.1.2 Memória do idoso	32
2.1.3 Memória do idoso, cultura e história	38
2.2 A CIDADE: CULTURA E HISTÓRIA MATERIALIZADAS.....	41
2.2.1 A cidade	42
2.2.2 Identidade da cidade e morfologia urbana	43
2.2.3 Morfologia urbana e Patrimônio Histórico	47
2.3 O IDOSO E A CIDADE: CULTURA E HISTÓRIA COMUNS.....	50
2.3.1 A memória do idoso e a identidade da cidade	51
2.3.2 Apropriação da cidade pelo idoso	55

2.3.3 Condições de uso da cidade pelo idoso: fatores ambientais.....	66
2.3.4 Aspectos formais/espaciais da cidade: componentes morfológicos.....	71
3 ELABORAÇÃO DO PROCEDIMENTO DE ANÁLISE.....	75
3.1 ESTRUTURA.....	76
3.2 MÉTODOS E TÉCNICAS.....	78
4 APLICAÇÃO DO PROCEDIMENTO DE ANÁLISE.....	90
4.1 ESTUDO DE CASO: CIDADE DE FLORIANÓPOLIS - SC.....	91
4.2 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	95
4.3 1º MOMENTO: MEMÓRIA DO IDOSO x IDENTIDADE DA CIDADE.....	99
4.3.1 Análise dos resultados encontrados.....	103
4.4 2º MOMENTO: APROPRIAÇÃO.....	104
4.4.1 Análise dos resultados encontrados.....	107
4.5 3º MOMENTO: APROPRIAÇÃO E FATORES AMBIENTAIS.....	108
4.5.1 Análise dos resultados encontrados.....	111
4.6 4º MOMENTO: FATORES AMBIENTAIS E COMPONENTES MORFOLÓGICOS.....	113
4.6.1 Análise dos resultados encontrados.....	128
5 CONCLUSÕES.....	131
5.1 A CONSOLIDAÇÃO DO PROCEDIMENTO DE ANÁLISE: TEORIA, ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO.....	132
5.2 SUGESTÕES PARA FUTURAS PESQUISAS.....	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	139
APÊNDICES	
APÊNDICE A: ROTEIRO DA ENTREVISTA ESTRUTURADA	
APÊNDICE B: QUADRO DE RESPOSTAS DA ENTREVISTA ESTRUTURADA	

APÊNDICE C: PLANILHA DE OBSERVAÇÃO/LEVANTAMENTO

ANEXOS

ANEXO A: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS DA UFSC

ANEXO B: RELAÇÃO DOS CONJUNTOS TOMBADOS E ÁREAS DE PRESERVAÇÃO CULTURAL EXISTENTES NO CENTRO URBANO DE FLORIANÓPOLIS



Fonte: Acervo próprio. Adaptado de: www.ufsc.br/~esilva/

“Quem nasceu lá e viveu
Crescendo percebeu
O canto do ferreiro
Da casa do doutor
O velho mensageiro
Das cartas de amor
O homem, o vassourão
Limpando o chão da manhã
Sabe, crê e chora
Vive cada hora
No canto do ferreiro
Da casa do doutor

Quem nasceu lá e viveu
Crescendo percebeu
Viu descer o amor
No céu de cada tarde
Encontros nas esquinas
Corridos pra esconder
A moça e a canção
Deixando a graça para alguém
Sabe, crê e chora
Vive cada hora
No encontro nas esquinas
Nas tardes de amor

Quem nasceu lá e viveu
Crescendo percebeu
O sino da capela
Chamando pra rezar
As noites de domingo
As festas do lugar
As rodas de ciranda
E as cantigas de ninar
Sabe, crê e chora
Vive cada hora
No sino da capela
Nas festas do lugar

Sabe, crê e chora
Vive cada hora
Presente na lembrança
Ausente do lugar”

(Vivência, composição de Waltinho e Roberto Andrade).

O que somos senão a memória que portamos? Relembrar o passado não implica necessariamente em mero saudosismo. É, antes de tudo, se por diante de um espelho e, assim, vislumbrar o caminho vivencial percorrido, não somente por nós mesmos, mas também pela sociedade da qual fazemos parte. É, portanto, manter viva a cultura e história de um povo.

Neste momento, podemos nos indagar: em que etapa de nossas vidas insistimos em olhar para trás?

É preferencialmente quando somos idosos¹, que nos colocamos diante dos lugares que constituíram os cenários mais importantes de nossas vidas, espelhos construídos de nossa cultura e história, e neles nos vemos através da memória.

1.1 Caracterização do problema

O rápido crescimento das cidades brasileiras, verificado nas últimas décadas, tem sido acompanhado por uma transformação formal/espacial constante. Como consequência desse fenômeno, temos a descaracterização de muitas delas mediante a perda de seus elementos urbanos significativos. Esses elementos – arquiteturas, monumentos e/ou espaços públicos, como praças e ruas – são essenciais à formação e reconhecimento dos valores sócio-culturais e à manutenção da identidade local.

Essa carga cultural e histórica revela-se presente, tanto no ser humano, de maneira mais marcante na memória do idoso, quanto na cidade, por meio de sua constituição formal/espacial. Essa identidade comum é responsável pela manutenção dos laços locais da pessoa idosa, por meio de elementos urbanos que fizeram parte de sua vida, e pela caracterização formal/espacial do espaço urbano, através de seus elementos urbanos mais significativos, seus ícones culturais². Assim, os mesmos elementos urbanos responsáveis pelo apego do idoso ao lugar, também representariam formal e espacialmente a própria cultura da sociedade que ali habita? Este questionamento, por sua vez, lança as bases para a realização de uma análise da apropriação formal/espacial do espaço urbano pela pessoa idosa com base nesses elementos tão relevantes tanto para a memória do idoso quanto para a identidade da cidade.

¹ Segundo a Política Nacional do Idoso (Lei nº 8842 de 1994) e o Estatuto do Idoso (Lei nº 10741 de 2003), considera-se a pessoa idosa quando esta ultrapassa a idade de 60 anos.

² Segundo Elias (1989), o desenho urbano pode ser compreendido como uma “trama de ícones” interconectados tridimensionalmente, compondo espaços capazes de evocar um simbolismo a partir de seu uso, culminando na criação de uma fisionomia temporalizada, própria de uma determinada época.

1.2 Justificativa

No campo científico, importantes pesquisas têm sido realizadas em prol da obtenção de edificações cada vez mais adequadas ao idoso, como o projeto arquitetônico “Casa Segura” de Barros (2006)³, no Brasil, e obras como “Home for the Third Age” de Robson, Nicholson e Barker (1997)⁴ e “Aging in the Design Environment” de Christenson (1990)⁵, no exterior. Entretanto, é notória a quase inexistência de estudos voltados para uma melhor adequação do meio urbano à terceira idade. Pesquisar a relação da cidade com a pessoa idosa revela-se, pois, de suma importância uma vez que, dentro da realidade brasileira, podemos observar alguns agravantes. O envelhecimento da população, fenômeno mundial, não é acompanhado por uma infra-estrutura urbana eficiente no Brasil, fato este que contribui decisivamente para a baixa qualidade de vida da maioria dos idosos. Além disso, é visível a constante transformação das cidades brasileiras – sobretudo as de médio a grande porte, onde essas alterações são mais rápidas e intensas – que leva à descaracterização de muitas delas. Essa perda da identidade se dá especialmente nos âmbitos formal e espacial, ou seja, junto às formas da cidade (topografia, volumetria dos edifícios, vegetação,...) e as espacialidades criadas em meio a essa conformação (ruas, áreas abertas, praças,...). Tal ocorrência acaba por afetar os seus elementos urbanos mais significativos (edifícios, ruas, praças e/ou monumentos), essenciais à formação e reconhecimento dos valores sociais e responsáveis pela manutenção da identidade formal/espacial do espaço urbano.

Resultado de uma obra coletiva, a cidade representa, ao longo da história, a fixação do ser humano à terra e a criação de um forte vínculo com o território. Esses laços locais criados, por sua vez, atuam fortemente na formação da cultura de um povo, encontrando-se formalizados em espaços e locais significativos, essenciais à preservação dos valores sociais e verdadeiras referências concretas de sua história.

160_____

³ O projeto arquitetônico “Casa Segura” - que resultou em um livro com o mesmo nome - foi desenvolvido pela arquiteta Cybele Ferreira Monteiro de Barros, no intuito de propiciar uma moradia mais adequada às necessidades do idoso.

⁴ A obra “Home for the Third Age” consiste em um guia inglês de design para a concepção de abrigos destinados à terceira idade.

⁵ A obra “Aging in the Design Environment” reúne dados a cerca da relação entre a pessoa idosa e os ambientes de edificações, principalmente a moradia.

Essa relação com a cidade e a eleição dos elementos urbanos mais representativos pelo indivíduo, e conseqüente constituição dos laços locais, originam-se de todo um processo de vivência do espaço que abrange todas as fases de sua vida. A pessoa idosa, então, surge como o ser humano em seu estágio maior de entendimento e compreensão do meio em que vive, tanto por carregar consigo a memória de seu povo como também por unir os valores acumulados de uma sociedade com a sua cidade.

Além disso, essa vivência espacial urbana do idoso atual deu-se desde a infância, na maioria das vezes, em espaços públicos, no contato direto com a rua, a praça e os demais elementos urbanos. Assim, os elementos que fizeram parte da vida do idoso guardados em sua memória constituem tanto o cenário das relações sociais como a formalização da cultura de seu povo, ou seja, são os elementos por ele apropriados, vivenciados, ao longo da vida e, acreditamos, portadores da identidade formal/espacial da cidade.

No entanto, é importante salientar que esses elementos urbanos significativos para os idosos caracterizam formal e espacialmente a cultura e história somente de seus contemporâneos, de seu povo em sua época, haja vista que a identidade urbana é dinâmica e os elementos mais representativos para a sociedade atual podem não mais o ser para outras gerações.

Sendo assim, identificar os elementos urbanos mais significativos na memória do idoso atual pode possibilitar a compreensão dos locais portadores da identidade da cidade para a sociedade da qual ele faz parte nos dias de hoje. A partir dessa constatação, temos uma importante base para a análise da apropriação atual do espaço urbano pela pessoa idosa, em função da constituição formal/espacial dos elementos urbanos mais importantes ao longo de sua vida.

1.3 Hipótese

É de consenso geral o reconhecimento do idoso como um ser sábio, cuja memória detém a experiência de vida e os valores de seu povo. Ao mesmo tempo, a identidade de uma cidade é por

vezes apreendida a partir das formas e espacialidades de seus elementos urbanos mais significativos.

Todavia, há um ineditismo no tocante ao estabelecimento de uma relação direta entre as cargas culturais e históricas de uma sociedade, existentes na memória de seus idosos e na constituição formal/espacial de seus elementos urbanos mais significativos da cidade que habitam. Evidenciamos, assim, a existência de uma identidade comum entre a pessoa idosa e o espaço urbano, que pode torná-los correspondentes culturais.

Seguindo este raciocínio, é possível identificar os elementos urbanos portadores da identidade formal/espacial da cidade a partir da memória do idoso. Eis a hipótese formulada.

1.4 Questões levantadas

Visto que a pesquisa aqui proposta tem como foco a apropriação da cidade pelo idoso em função da constituição formal/espacial de seus elementos urbanos mais significativos, as seguintes perguntas são levantadas:

- O idoso ainda se apropria dos elementos urbanos que foram mais significativos ao longo de sua vida, ou seja, seus laços locais ainda estão mantidos?
 - Quais características ambientais existentes nesses elementos urbanos favorecem ou inibem a sua apropriação atual pelo idoso?
 - Quais aspectos relacionados à constituição formal/espacial da cidade influenciam na apropriação do espaço urbano pelo idoso?
 - A sociedade atual tem zelado pela manutenção formal/espacial dos elementos urbanos apropriados pelos idosos?
-

1.5 Objetivos

A possibilidade da apreensão dos elementos portadores da identidade da cidade a partir da memória do idoso permite toda uma gama de estudos. O caminho enveredado pela presente pesquisa parte dos elementos urbanos presentes na memória do idoso, elementos estes que constituíram o cenário de suas vidas, os lugares da cidade com os quais ele nutriu um forte vínculo, enfim, dos quais ele se apropriou. Logo, podemos afirmar que os elementos urbanos mais significativos para o idoso – e também portadores da identidade formal/espacial da cidade – são os elementos por ele apropriados ao longo da vida. A partir dessa constatação, é possível analisar a apropriação formal/espacial do espaço urbano pela pessoa idosa.

1.5.1 Objetivo geral

O objetivo principal do presente estudo consiste em elaborar um procedimento de análise da apropriação formal/espacial do espaço urbano pela pessoa idosa, com base na hipótese formulada, ou seja, na possibilidade da identificação dos elementos urbanos portadores da identidade da cidade a partir da memória do idoso.

1.5.2 Objetivos específicos

- Verificar em teoria a hipótese formulada, ou seja, a possibilidade da identificação dos elementos urbanos portadores da identidade da cidade a partir da memória do idoso.

- Verificar em teoria a viabilidade da ligação entre a hipótese formulada e a análise da apropriação formal/espacial do espaço urbano pela pessoa idosa.

- Verificar se os elementos urbanos mais importantes ao longo da vida dos idosos correspondem aos elementos urbanos reconhecidos como portadores da identidade da cidade.

- Verificar se os elementos urbanos apropriados pelos idosos no passado ainda o são atualmente.

- Verificar a influência dos fatores ambientais na apropriação ou não dos elementos urbanos atualmente pelos idosos.

- Observar de que maneira a cidade contribui morfologicamente para a apropriação do idoso, a partir da relação fatores ambientais/componentes morfológicos.

- Verificar como a sociedade em geral (órgãos públicos, demais entidades e civis) zelou por esses componentes morfológicos relacionados à apropriação dos elementos urbanos pelos idosos, por meio da análise das transformações desses componentes ao longo da vida desses idosos.

1.6 Métodos e técnicas

Uma vez que o foco principal da presente pesquisa encontra-se na percepção do meio pelo idoso e na identificação dos elementos urbanos mais importantes ao longo de sua vida armazenados em sua memória, sua abordagem revela-se quali-quantitativa.

Logo, foi adotado para esta pesquisa o método de abordagem hipotético-dedutivo. Segundo Cruz e Ribeiro (2003, p. 35), esse método “[...] se inicia por uma percepção de uma lacuna nos conhecimentos, acerca da qual formula hipóteses e, pelo processo de inferência dedutiva, testa a predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese.”

Assim, o método hipotético-dedutivo engloba as seguintes etapas.

Problema → Hipótese → Evidenciação da hipótese → Conclusões

Para a realização da presente pesquisa, foram estabelecidos os métodos de documentação indireta, entrevista estruturada, observação e levantamento in loco e as técnicas de fotointerpretação e análise regressiva da paisagem, distribuídos conforme o Quadro 01:

Métodos e técnicas empregados na pesquisa		
Métodos	Fundamentação teórica	Elaboração e aplicação do procedimento de análise
Documentação indireta	X	X
Entrevista estruturada		X
Observação		X
Levantamento <i>in loco</i>		X
Técnicas		
Fotointerpretação		X
Análise regressiva da paisagem		X

Quadro 01 – Métodos e técnicas empregados na pesquisa.

No Quadro 01, podemos observar que a documentação indireta foi o único método utilizado tanto na fundamentação teórica – constituição de bibliografia e documentos textuais referentes ao tema da pesquisa – quanto na elaboração e aplicação do procedimento de análise – seleção de documentos fotográficos necessários às etapas do instrumento. Os demais métodos e técnicas, por sua vez, constituem o próprio procedimento de análise da apropriação formal/espacial do espaço urbano pela pessoa idosa, sendo detalhados no “Capítulo 3 – Elaboração do procedimento de análise”.

1.7 Estrutura da dissertação

A dissertação está estruturada da seguinte forma.

No Capítulo 1 é apresentado o tema da pesquisa. Além disso, são definidos os objetivos, listados os métodos e técnicas empregados ao longo do estudo e elaborada a hipótese.

No Capítulo 2 há a constituição da base teórica da pesquisa, a fim de verificar a hipótese formulada e estabelecer o pressuposto base para a análise da apropriação. Para tanto, são abordados três temas principais: o idoso, a cidade e a relação entre o idoso e a cidade.

No Capítulo 3 é elaborado o procedimento de análise, objetivo principal desta pesquisa, abrangendo a evidenciação do pressuposto e de sua aplicabilidade no estudo da apropriação, por meio de quatro momentos sequenciais voltados para a pesquisa de campo.

No Capítulo 4 o procedimento de análise é aplicado em um estudo de caso, a fim de validá-lo enquanto instrumento de análise da apropriação formal/espacial do espaço urbano pela pessoa idosa.

No Capítulo 5 são realizadas as considerações finais acerca da consolidação do procedimento de análise e sugeridas pesquisas subseqüentes.

Nas Referências Bibliográficas são relacionadas as fontes que constituíram a base bibliográfica suporte do presente estudo.

No Apêndice são reunidos o roteiro da entrevista estruturada (Apêndice A) e seu quadro de respostas (Apêndice B), além da planilha de observação/levantamento (Apêndice C), utilizados na pesquisa.

Por fim, constam nos Anexos o Parecer Final Consubstanciado Projeto nº 181/2006 do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEP/UFSC) (Anexo A) e a relação dos Conjuntos Tombados e Áreas de Preservação Cultural (APCs) existentes no centro urbano de Florianópolis, de acordo com Dias (2005) (Anexo B).



Fonte: Acervo próprio. Adaptado de: www.ufsc.br/~esilva/

Sendo objetivo principal do presente estudo a consolidação de um procedimento de análise da apropriação formal/espacial do espaço urbano pela pessoa idosa, com base na possibilidade de apreensão dos elementos urbanos portadores da identidade da cidade a partir da memória do idoso, neste capítulo, tal proposta é embasada teoricamente. Para tanto, são aqui abordados o idoso (em especial a sua memória) e a cidade (principalmente sua constituição formal/espacial), temas essenciais tanto à verificação teórica da hipótese formulada e conseqüente estabelecimento do pressuposto quanto à sua aplicabilidade junto à análise da apropriação, evidenciados no item 2.3.

Enquanto o idoso carrega em sua memória a carga cultural e histórica de seu povo, esta encontra-se formalizada no espaço urbano, mais precisamente em seus elementos urbanos mais significativos, seus ícones culturais. A existência dessa carga cultural e histórica comum entre o idoso e a cidade, torna possível a identificação dos elementos urbanos portadores da identidade da cidade a partir da memória do idoso. Assim, os elementos urbanos apreendidos como mais importantes para os idosos ao longo de suas vidas, conseqüentemente, também o são para a cidade que eles habitam. Eis a hipótese sobre a qual o procedimento de análise da apropriação aqui proposto se apóia, uma vez que os elementos urbanos mais relevantes para a pessoa idosa constituem os lugares por ela vivenciados, ou seja, apropriados. Por conseguinte, faz-se a ligação entre a hipótese formulada e sua aplicabilidade na análise da apropriação formal/espacial do espaço urbano pela pessoa idosa.

2.1 O idoso: cultura e história personificadas

“O homem idoso interioriza seu passado sob a forma de imagens, de fantasmas, de atitudes afetivas. Depende desse passado ainda de outro modo: é o passado que define minha situação atual e sua abertura para o futuro; ele é o dado a partir do qual eu me projeto, e que tenho de ultrapassar para existir. Isso é verdade em qualquer idade. Eu conservo, do passado, os mecanismos que se montaram no meu corpo, os instrumentos culturais de que me sirvo, meu saber e minhas ignorâncias, minhas relações com outrem, minhas ocupações, minhas obrigações” (BEAUVOIR, 1990, p.459).

Durante a vida, o ser humano compartilha e agrega valores à cultura de sua sociedade, construindo a sua história e a da coletividade à qual pertence. Assim, quando idoso, ele traz consigo o conhecimento não somente reunido ao longo do processo de vivência, mas também

transmitido de geração a geração. Esse saber, pois, armazenado na memória da pessoa idosa, permite reconhecer o idoso como a personificação da cultura e história de seu povo. Nesta primeira parte teórica, são abordadas as questões referentes a esta constatação, como a conceituação e reconhecimento do que é ser idoso, a memória humana e sua relação com o processo de envelhecimento e com a carga cultural e histórica adquiridas.

2.1.1 O idoso

A visível marginalização da pessoa idosa pela sociedade, ainda verificada nos dias de hoje, passa, principalmente, pela não compreensão do que é ser idoso. É preciso, sim, ter ciência do envelhecimento humano como um processo atuante sobre todas as etapas de sua vida. O ser humano nasce, tem sua infância, juventude, idade adulta e sua velhice. Mas como essas etapas são determinadas e quando, por fim, ele alcança a terceira idade?

Para essa diferenciação, o caráter cronológico é mais utilizado. Segundo Mascaro (1997), a Organização das Nações Unidas (ONU) estabelece como início da terceira idade os 60 anos. No Brasil, tanto a Política Nacional do Idoso (Lei n° 8842/94) quanto o Estatuto do Idoso (lei n° 10741/03) confirmam essa mesma idade. Já a Organização Mundial de Saúde (OMS) estabelece 4 estágios para essa fase da vida, sendo eles a meia-idade (de 45 a 59 anos), o idoso (de 60 a 74 anos), o ancião (de 75 a 90 anos) e a velhice extrema (de 90 anos em diante) (SIMÕES, 1998).

No entanto, é necessário reconhecer os limites dessas definições. A fixação indiscriminada do limite de idade como caracterização da pessoa idosa pode contribuir para a criação de expectativas sociais e estereótipos de comportamento. A adoção desse parâmetro torna-se útil no trabalho com dados mais gerais e populações maiores. Mas, diante de populações menores, ele é viável, tão somente, como ponto de partida para pesquisas pormenorizadas que, por sua vez, irão complementar os dados obtidos com informações e características próprias do grupo estudado (CAMARANO, 1999).

Simões (1998), por sua vez, também confirma a fragilidade da definição cronológica, ao ressaltar que entre as idades cronológica e fisiológica de um indivíduo, podemos ter variações de

até 30 anos. Não obstante, a autora afirma ser a conceituação cronológica do idoso definida, sim, em função da expectativa de vida de uma população. Assim, ao observarmos os dados relacionados por Kalache (1987) no Quadro 02, teremos várias “terceiras idades”, se nos atermos tão somente ao caráter cronológico.

Expectativa de vida brasileira	
Ano	Expectativa de vida, ao nascer
1900	33,7 anos
1950	43,2 anos
1960	55,0 anos
1970	57,1 anos
1980	63,5 anos
2000*	68,6 anos
2020*	72,0 anos
* Estimativa	

Quadro 02 – Expectativa de vida brasileira, ao nascer. Fonte: Kalache (1987).

Logo, o conceito de idoso é determinado não somente por fatores cronológicos, mas também biológicos, psicológicos e sociais. Sendo assim, o indivíduo acaba por ter “várias idades” (ABREU; WAGNER, 1997 apud MASCARÓ, 1997):

- A idade cronológica: determinada pela idade do indivíduo, a partir de seu nascimento;
 - A idade biológica: determinada pela herança genética e pelo ambiente, abrangendo aspectos fisiológicos, anatômicos, hormonais e bioquímicos do organismo do indivíduo;
 - A idade psicológica: determinada por mudanças de comportamento influenciadas por fatores biológicos e sociais. Nela, são confrontadas a personalidade do indivíduo e as normas e expectativas sociais vigentes;
 - A idade social: determinada pelas normas, crenças, estereótipos e eventos sociais, ou seja, o indivíduo é reconhecido como idoso por meio de sua colocação frente às expectativas estabelecidas pela sociedade.
-

Estabelecer o que é ser idoso passa, segundo Camarano (1999), pela compreensão da heterogeneidade entre as pessoas e grupos sociais no espaço e no tempo, da influência da cultura e das particularidades de cada lugar. Em suma, reconhecer o indivíduo como idoso não consiste simplesmente em delimitar uma classe ou etapa da vida, mas, sobretudo, em apreender as características próprias do ser humano, advindas das relações consigo, com os outros e com o meio, no ápice de seu processo de vivência.

No entanto, mesmo diante da dificuldade em definir a pessoa idosa, é notória a diminuição da capacidade funcional do indivíduo idoso⁶. Essa perda gradativa é, por sua vez, advinda do processo de envelhecimento do corpo humano. E para a compreensão das características inerentes à pessoa idosa, é necessário abordar os fatores que atuam sobre o envelhecimento. Papaléo Netto e Brito (2002) relacionaram esses fatores no seguinte esquema (Figura 01):

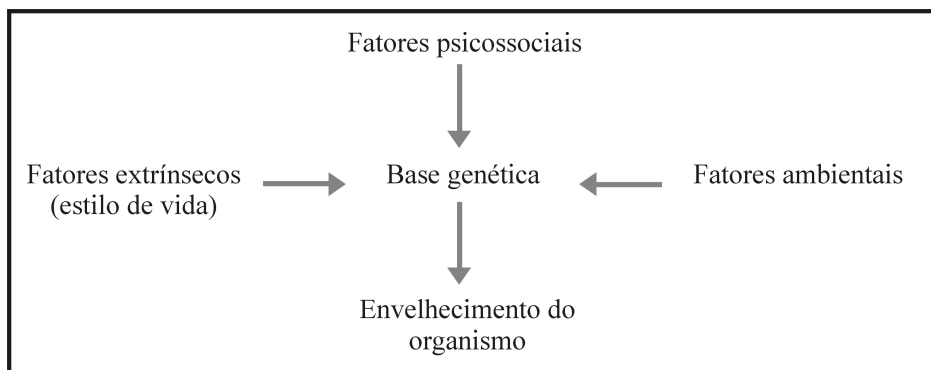


Figura 01 – Esquema fatores determinantes do processo de envelhecimento. Fonte: Papaléo Netto e Brito (2002).

Podemos verificar que, sobre a base genética do indivíduo, atuam os fatores psicológicos e sociais, além dos fatores extrínsecos, relacionados ao estilo de vida, e ambientais, vinculados às características do meio no qual ele se insere. Além disso, esse esquema (Figura01) reitera a afirmação de Camarano (1999) acerca da caracterização do processo de envelhecimento a partir das relações do indivíduo com ele mesmo, com os outros e com o meio. Daí, podemos identificar três respectivos tipos de envelhecimento: o envelhecimento biológico (base genética + fatores

⁶ A capacidade funcional diz respeito às capacidades físicas e mentais do ser humano. Podemos, como afirma Papaléo Netto (2002, p. 9), ter, inclusive, a idade funcional, caracterizada pelo “[...] grau de conservação do nível de capacidade adaptativa, em comparação com a idade cronológica.”

extrínsecos + fatores ambientais), o envelhecimento psicossocial e o envelhecimento cognitivo (a relação da base genética, do indivíduo, com os fatores psicossociais, extrínsecos e ambientais).

- O envelhecimento biológico.

Mesmo sendo mais intrínseco ao ser humano, o fator biológico possui uma grande relação com o meio externo, especialmente no tocante aos aspectos fisiológicos do indivíduo. Embora possuidor de uma carga genética definida, o ser humano é submetido, como já observamos, ao estilo de vida que adota e ao ambiente que usufrui. Logo, a perda da capacidade funcional e as demais alterações advindas do envelhecimento do corpo variam no tempo, de indivíduo para indivíduo (PERRACINI, 2002).

No entanto, mesmo impreciso cronologicamente, esse processo de perda funcional pode ser caracterizado através das alterações fisiológicas, verificadas no corpo humano, em consequência do processo de envelhecimento. Essas alterações foram compiladas por Perracini (2002) em dois grupos: as alterações nos sistemas componentes do organismo humano e as alterações sensoriais.

O primeiro grupo (Quadro 03) compreende as alterações ocorridas nos sistemas muscular, conjuntivo, ósseo, neurológico, cardiopulmonar, gastrointestinal e genitourinário.

Alterações nos sistemas do organismo com o processo de envelhecimento	
Sistema	Alteração
Sistema muscular	- Diminuição da força, da potência e da flexibilidade muscular.
Sistema conjuntivo	- Diminuição da elasticidade; - Perda da elasticidade e da altura dos discos intervertebrais; - Perda da altura corporal.
Sistema ósseo	- Diminuição da densidade óssea; - Alteração da microarquitetura óssea.
Sistema neurológico	- Lentidão no tempo de reação, no julgamento e planejamento do ato motor e dos mecanismos antecipatórios; - Dificuldade na seleção de estratégias sensoriais e motoras do equilíbrio; - Déficit da memória de curto prazo.

Sistema cardiopulmonar	- Diminuição da captação de oxigênio, diminuição da força dos músculos respiratórios e da elasticidade da caixa torácica, diminuição da atividade ciliar pulmonar: risco de infecções respiratórias; - Diminuição da circulação periférica, aumento da resistência vascular periférica: risco de lesões nos pés.
Sistema gastrointestinal	- Dificuldade na deglutição com queimação e refluxo; - Constipação crônica.
Sistema geniturinário	- Incontinência urinária, aumento da frequência e da urgência miccional; - Infecções urinárias de repetição.

Quadro 03 – Alterações nos sistemas do organismo com o processo de envelhecimento. Fonte: Perracini (2002, p. 801).

O segundo grupo (Quadro 04) reúne as alterações ocorridas nos sistemas sensoriais. Elas são divididas por Perracini (2002) em visão, audição e sistema vestibular, paladar, olfato e tato e propriocepção. Entretanto, o presente trabalho adotará a classificação dos sentidos realizada por Gibson (1966), na qual temos os sistemas básico de orientação, auditivo, háptico, paladar-olfato e visual.

Alterações nos sistemas sensoriais com o processo de envelhecimento		
Sistema	Característica	Alteração
Sistema básico de orientação	- Ocorre no labirinto; - Responsável pelo equilíbrio e postura do corpo estático e durante o deambular.	- Diminuição do equilíbrio: dificuldade em lidar com o autodeslocamento e em selecionar as informações sensoriais.
Sistema auditivo	- Ocorre no ouvido; - Responsável pela orientação do indivíduo a partir dos sons.	- Diminuição na discriminação de sons e percepção da fala.
Sistema háptico	- Ocorre nas células presentes na pele, articulações e músculos; - Responsável pela percepção de toque, temperatura e movimento.	- Diminuição da sensibilidade tátil na palma das mãos e nas solas dos pés, na latência da sensibilidade dolorosa.
Sistema paladar-olfato	- Ocorre nas células do nariz e boca; - Responsável pela compreensão das composições dos objetos ingeridos ou inalados.	- Diminuição na sensação gustativa, perda pelo interesse pela comida; - Diminuição na percepção de odores.
Sistema visual	- Ocorre nos olhos; - Responsável pela percepção do espaço a partir da luz, detectando formas, profundidades, distâncias e cores.	- Diminuição da acuidade visual, do campo visual periférico, da noção de profundidade e da discriminação de cores e da capacidade de adaptação ao claro-escuro.

Quadro 04 – Alterações nos sistemas sensoriais com o processo de envelhecimento. Fonte: Perracini (2002, p. 800) e Gibson (1966, p. 59/75/97/116/154).

É interessante observar que, de acordo com Perracini (2002), além da imprecisão temporal quanto ao início do declínio fisiológico, este não acontece de maneira uniforme. Assim, é possível que um idoso tenha uma boa visão, mas apresente um comprometimento de sua audição. Além disso, é necessário considerar a existência de patologias associadas ao processo de envelhecimento, que aceleram as perdas funcionais, debilitando o indivíduo mental e/ou fisicamente (PERRACINI, 2002).

- O envelhecimento psicossocial.

A vida humana é fundamentada em rituais, procedimentos e posturas intimamente relacionadas a cada uma de suas etapas. Seja na infância, na juventude, na idade adulta ou na velhice, o ser humano é alvo de expectativas sociais, às quais sente-se muitas vezes compelido a atender. Essa postura cobrada pela sociedade de um modo geral, aliada a situações próprias da velhice, como a saída do mercado de trabalho e a morte de pessoas próximas, criam uma pressão psicológica considerável no ser humano.

Na terceira idade, sobre o indivíduo, incide um importante aspecto social: a aposentadoria. A tríade velhice-aposentadoria-invalidéz, então, é muitas vezes assumida e imposta pela sociedade. Com a saída do mercado de trabalho, na maioria dos casos acompanhada por uma diminuição salarial significativa, a sensação de improdutividade, paralela às perdas funcionais advindas do próprio processo de envelhecimento, chega a contribuir para a marginalização social. Soma-se a este fato a perda do cônjuge, bem como dos amigos e conhecidos, o que aumenta ainda mais o isolamento social do idoso, levando-o, até mesmo, a apresentar quadros de depressão.

- O envelhecimento cognitivo.

A abordagem do processo de envelhecimento chega, por fim, aos fatores cognitivos. No estudo acerca da capacidade mental da pessoa idosa, é importante mencionar a inteligência e a memória. Sendo a memória abordada no capítulo seguinte (Capítulo 2.1.2), iremos observar, aqui, a inteligência. De acordo com Neri (2002, p. 900), “[...] na cultura ocidental, a inteligência é

considerada como a base da aprendizagem, da solução de problemas, do raciocínio e do ajustamento.” E como a inteligência se porta ao longo da vida humana, especialmente na terceira idade? A avaliação da competência intelectual é utilizada para esse fim. Para cada situação, é convencionado um desempenho, um comportamento estabelecido como inteligente. Quando há essa correspondência entre “pergunta” e “resposta”, ocorre a chamada competência cognitiva, a partir da qual a inteligência é deduzida (NERI, 2002).

A aplicação dessa idéia junto à pessoa idosa pode ser vista no estabelecimento das competências de vida diária que, segundo Neri (2002, p. 900), “[...] representam a capacidade ou o potencial para realizar adequadamente as atividades consideradas como essenciais à vida independente.” Essas expectativas deram origem a dois parâmetros de competência do idoso, muito empregados em trabalhos científicos:

- As atividades de vida diária (AVDs): relacionadas ao autocuidado, alimentação, banho, toalete e mobilidade básica (KATZ, *et al.*, 1963 *apud* NERI, 2002).

- As atividades instrumentais de vida diária (AIVDs): englobam atividades mais complexas e decisivas para uma vida independente, como manejo da medicação, compras, finanças, uso do transporte, uso do telefone, manutenção da casa e preparo de refeições (FILLEMBAUM; SMYER, 1985 *apud* NERI, 2002).

Essa avaliação revela-se apoiada em uma base social, contextualizada e voltada ao atendimento a um propósito. Logo, na determinação do desempenho intelectual de um indivíduo, é preciso reconhecer os vários aspectos relacionados à inteligência e à competência intelectual, como motivações e questões afetivas (NERI, 2002).

Podemos, então, observar a inter-relação entre os aspectos psicológicos, sociais e biológicos. Essa conjunção é verificada também nos dois tipos de inteligência, propostos por Horn e Castell (1996) *apud* Neri (2002, p. 902) a inteligência fluida (genética, com base no sistema nervoso) e a inteligência cristalizada (voltada para os conhecimentos adquiridos, experiências e aprendizagens). Todavia, há uma diferença entre elas ao longo da vida humana.

Em Simões (1998), podemos verificar que, com o processo de envelhecimento, a inteligência cristalizada tende a se estabilizar e até mesmo a aumentar, enquanto a inteligência fluida normalmente diminui. A manutenção, pois, da inteligência cristalizada na terceira idade, justifica a grande importância das informações retidas pela pessoa idosa durante a vida. Aqui, é possível traçar um paralelo com a opinião de Neri (2002). Para a autora, no tocante à inteligência, devemos sempre ter em mente as diferenças existentes entre capacidades (proficiência do desempenho intelectual, capacidade mental do indivíduo em várias áreas de conteúdo), áreas de conteúdo (domínios específicos do indivíduo) e processos (operações através das quais as informações sensoriais são colhidas, tratadas e recuperadas).

Enquanto a capacidade do indivíduo (inteligência fluida) declina com o envelhecimento, as áreas de conteúdo (inteligência cristalizada) são mantidas, preservadas. No entanto, os processos responsáveis pela manipulação, elaboração, armazenamento e resgate das informações sensoriais e do conteúdo acumulado apresentam perdas.

2.1.2 Memória do idoso

A inteligência permite ao indivíduo adquirir as informações oriundas do meio e de outros seres. Esses dados se acumulam ao longo de sua vida, caracterizando-o cultural e historicamente. Mas o que possibilita a retenção dessa experiência? A memória humana. Estudar o funcionamento da memória e suas condições é buscar a compreensão da capacidade humana de reter conhecimento. Abordá-la durante o processo de envelhecimento torna-se, pois, extremamente importante, na medida em que a pessoa idosa é, ao mesmo tempo, o ser com maior tempo de vivência e mais susceptível a problemas funcionais que atingem também a sua memória. Sendo assim, a memória do idoso revela-se o ponto central das informações de sua vida.

A memória constitui uma das principais funções cognitivas do ser humano. Enquanto a cognição pode ser entendida como o manuseio das informações, desde a sua apreensão até o seu processamento, a inteligência refere-se à capacidade humana no cumprimento dessa tarefa. O ser humano, sua capacidade mental, sua carga de conhecimento e o meio ao seu redor possuem uma

relação direta, estabelecida com base na cognição. Segundo Vieira e Koenig (2002), a cognição está relacionada ao funcionamento mental como um todo, compreendendo habilidades como sentir, pensar, perceber, lembrar, raciocinar e reagir diante de estímulos do meio.

As habilidades e capacidades cognitivas, pois, são influenciadas pelas características do indivíduo e pelo meio no qual ele se insere. O envelhecimento, de acordo com Vieira e Koenig (2002), pode levar o idoso a perdas cognitivas. Sendo assim, considerar a pessoa idosa, o ambiente e, sobretudo, a comunicação entre ambos, é essencial à preservação da cognição e qualidade de vida na terceira idade. Dentre as funções cognitivas, podemos observar a atenção, a linguagem, as funções executivas e a memória (VIEIRA; KOENIG, 2002).

A atenção, de acordo com esses autores, divide-se em atenção seletiva – quando ocorre a distinção entre as fontes de informações relevantes e irrelevantes é realizada durante a tarefa, possibilitando o indivíduo focar somente as informações relevantes e atenção dividida – quando não há distinção entre as fontes de informações e ambas recebem atenção simultânea do indivíduo. Esta revela-se a mais afetada com o envelhecimento.

Quanto à linguagem, ainda segundo Vieira e Koenig (2002), as habilidades lingüísticas (vocabulário e processamento sintático) são normalmente preservadas com o envelhecimento. Todavia, funções referentes aos seguintes aspectos sofrem alterações em nível semântico-lexical – ao aparecerem problemas junto à capacidade de lembrar palavras durante uma conversa e de realizar tarefas que exijam fluência verbal – e em nível discursivo – ao surgirem dificuldades narrativas, na descrição de procedimentos e na conversação. No entanto, esses problemas lingüísticos que afetam a pessoa idosa podem ter outra origem, tais como desgastes ocorridos na memória e nos aparelhos visual e auditivo. Com isso, as habilidades visuoespaciais e visuoconstrutivas também são afetadas (VIEIRA; KOENIG, 2002).

As funções executivas, de acordo com Vieira e Koenig (2002, p. 924), englobam a “[...] formulação de conceitos e objetivos, ao planejamento e à manipulação de conhecimento adquiridos, a insights, análise, auto-regulação, abstração e flexibilidade mental, todos elementos fundamentais à produção de respostas comportamentais a diferentes contextos.” Atualmente, não

há um consenso, por parte dos pesquisadores, quanto à natureza dos déficits encontrados nas funções executivas. Entretanto, o decréscimo dessas funções durante o envelhecimento é fato.

Explicadas as três primeiras funções cognitivas – atenção, linguagem e funções executivas – abordamos, enfim, a memória.

“A memória é essa incrível habilidade que possuímos de armazenar informações e conhecimento sobre nós mesmos e o mundo que nos cerca. Ela é a base para o desenvolvimento da linguagem, do reconhecimento das pessoas e dos objetos que encontramos todos os dias, para sabermos quem somos e para termos a consciência da continuidade de nossas vidas” (YASSUDA, 2002 p. 914).

Através da memória, o ser humano retém a experiência advinda de sua relação com o meio e resgata valores apreendidos. Assim, quando idoso, este ser tem na memória um dos principais instrumentos de ciência de si mesmo e identificação com o seu mundo. Logo, a perda da memória pode acarretar a perda de sua identidade. Yassuda (2002) afirma que, na terceira idade, essa perda da memória é verificada não somente devido a patologias graves, como demências, derrames cerebrais e depressões agravadas, mas também de forma gradual ao longo do processo de envelhecimento. Analisar, pois, a memória durante o envelhecimento humano possibilita compreender melhor de que forma ocorre esse declínio. É importante ressaltar também que essa perda da memória não se dá de maneira uniforme, afetando mais alguns tipos de memória que outros. Além disso, devido à sua relação direta com as demais características humanas (genética, nível educacional, nível socioeconômico, estilo de vida,...), a perda da memória não acontece da mesma forma para todos os indivíduos (YASSUDA, 2002).

O funcionamento da memória é estabelecido por vários modelos teóricos. Entretanto, o mais aceito entre os pesquisadores é o “modelo de processamento de informações”, no qual o funcionamento da memória é comparado ao funcionamento de um computador. Nesse modelo, Yassuda (2002, p. 914) afirma que, “[...] a memória é composta por estruturas e processos que são responsáveis pela passagem da informação pelo sistema.” Assim, é traçado um paralelo entre o *hardware* e *software* do computador e as estruturas e processos da memória humana.

Compreendendo todos os componentes do funcionamento da memória, torna-se possível avaliar com maior precisão de que maneira o envelhecimento a afeta. Recorremos, então, aos três tipos de memória definidos por Vieira e Koenig (2002): a memória sensorial, a memória de curto prazo e a memória de longo prazo, cada qual com seus subsistemas.

- A memória sensorial: responsável, de acordo com Vieira e Koenig (2002), pelo armazenamento inicial dos estímulos externos captados pelos nossos sentidos que, processados, são transferidos na forma de imagens, palavras ou números para a memória de curto prazo. Segundo Yassuda (2002, p. 916), “o traço de memória sensorial desaparece quase que imediatamente, e somente permanecerá no sistema se receber atenção ou interpretação, quando será transferido para a memória de curto prazo.” Embora praticamente não sofra perdas com o processo de envelhecimento, a memória sensorial pode ser afetada por deficiências sensoriais e aumento do tempo de reação do indivíduo. Assim, um idoso, embora mantenha sua memória sensorial, pode encontrar dificuldades relacionadas a perdas nos seus sistemas sensoriais, como, por exemplo, a visão (VIEIRA; KOENIG, 2002).

- A memória de curto prazo: responsável, segundo Vieira e Koenig (2002), pelo armazenamento de eventos ou informações aprendidas para uso imediato. Yassuda (2002, p. 916), afirma ainda ser a memória de curto prazo “[...] o centro da consciência humana, pois abriga nossos pensamentos e as informações a que estamos dando atenção no momento.” Essa memória conta com dois subsistemas, sendo eles a memória primária e a memória operacional (VIEIRA; KOENIG, 2002).

A memória primária, passiva, é responsável pela retenção de informações por um período muito curto. Já a memória operacional (working memory), ativa, é responsável pelo armazenamento de informações e, ao mesmo tempo, sua utilização para resolver problemas ou tomar decisões. De acordo com Yassuda (2002), a memória primária não apresenta decréscimos significativos com o envelhecimento, enquanto ocorrem perdas na memória operacional. Para Vieira e Koenig (2002), esse declínio da memória operacional pode ter sua origem nas perdas sensoriais, no medo do fracasso e em possíveis distrações. Tal situação explica o fato da discriminação dos idosos que permanecem no mercado de trabalho, uma vez que há, sim, uma

diminuição da velocidade de processamento das informações, sobretudo de maneira simultânea (manutenção e manipulação dessas informações).

- A memória de longo prazo: responsável, de acordo com Yassuda (2002), pela manutenção de informações gravadas por longos períodos de tempo. A memória de longo prazo é estruturada em dois mecanismos: a codificação (classificação e arquivamento da informação) e recuperação (evocação do dado arquivado). Enquanto a codificação é pouco afetada pelo envelhecimento, o mesmo não ocorre na recuperação, que diminui entre os idosos (VIEIRA; KOENIG, 2002).

Segundo Vieira e Koenig (2002), a memória de longo prazo possui dois subsistemas: a memória declarativa ou explícita e a memória não-declarativa, processual ou implícita. A memória declarativa ou explícita é responsável pelo armazenamento e uso consciente de experiências. Ela é subdivida em memória para eventos ou episódica, quando remete a lembranças de coisas ou eventos vinculados a um tempo ou lugar (mais afetada com o envelhecimento); e memória para fatos ou semântica, quando se refere a conteúdos e conhecimento (raramente afetada com o envelhecimento). Já a memória não-declarativa, processual ou implícita é responsável pelo armazenamento e codificação das informações de maneira inconsciente, não intencional. Yassuda (2002) afirma que, comparativamente, a memória explícita é mais afetada com o processo de envelhecimento que a memória implícita.

Ao analisarmos as memórias de curto e de longo prazo, verificamos dois pontos importantes. Na memória de curto prazo, existem maiores perdas onde há a atuação da consciência humana, ou seja, onde o indivíduo tem a intenção de memorizar algo, de manusear uma informação. A segunda questão encontra-se na memória de longo prazo, onde podemos observar que o subsistema da memória responsável pela manutenção do conhecimento é preservado. Este fato valida sobremaneira a adoção da pessoa idosa como fonte de informações acerca de sua vivência. Segundo Yassuda (2002), há ainda um último tipo de memória denominado “memória de procedimentos”. Assim como a memória implícita, ela se dá de forma inconsciente – e também é pouco afetada com o envelhecimento - e está relacionada a atividades

rotineiras que já se tornaram automáticas, como dirigir um automóvel, operar eletrodomésticos e escovar os dentes.

Verificamos, pois, que o envelhecimento normalmente traz consigo uma perda gradual em alguns tipos de memória. Todos esses componentes, por sua vez, foram compilados por Yassuda (2002) no quadro seguinte (Quadro 05). As memórias destacadas são as mais afetadas pelo envelhecimento.

O envelhecimento da memória humana	
Memória	Característica
1. Memória sensorial	Breve manutenção de dados sensoriais.
2. Memória de curto prazo	Processamento atual.
Memória primária	Manutenção passiva de poucos itens.
Memória operacional	Manutenção e processamento simultâneos.
3. Memória de longo prazo	Manutenção de dados por longos períodos.
Memória episódica	Eventos específicos.
Memória semântica	Conhecimento.
Memória explícita	Memorização deliberada.
Memória implícita	Memorização sem consciência.
Memória de procedimento	Ativação automática.

Quadro 05 – O envelhecimento da memória humana. Fonte: Yassuda, 2002, p. 917.

De um modo geral, a memória de curto prazo é mais afetada pelo processo de envelhecimento que a memória de longo prazo. Sendo assim, o idoso muitas vezes tende a recordar com riqueza de detalhes fatos antigos e não se lembra do que almoçou no dia anterior. Essa dificuldade da pessoa idosa em armazenar informações recentes não acontece somente com relação ao passado, haja vista que os idosos por vezes apresentam dificuldades em memorizar os horários dos remédios, por exemplo. No entanto, é importante abordar também a perda da memória devido a patologias graves. Destacamos, aqui, a doença de Alzheimer, a forma mais comum de demência⁷. De acordo com Caramelli e Barbosa (2002), a doença de Alzheimer é um processo degenerativo mental, caracterizado por alterações cognitivas e comportamentais, com a manutenção do funcionamento motor e sensorial até as fases mais agudas da doença.

⁷ A demência é definida por Giacomini (2002) como sendo uma deterioração cognitiva, podendo ser reversível ou não.

A memória humana ainda apresenta inúmeros desafios aos pesquisadores e ainda há muito por descobrir. Entretanto, já é notória a sua importância dentro do processo cognitivo, como instrumento de resgate da experiência adquirida e de ação presente, uma vez que a conduta humana é influenciada por conhecimentos anteriores. Tal relevância, torna a memória um verdadeiro referencial do passado para o ser humano e, sobretudo, para o idoso.

2.1.3 Memória do idoso, cultura e história

Conhecer o passado é olhar para si. A cultura e história, bem como a personalidade humana, são esculpidas ao longo do seu caminho vivencial. A experiência de vida torna a pessoa idosa o ser no ápice do contato mundano, responsável pela constituição e transmissão de valores de seu povo.

“O que pode significar o passado para nós? As pessoas olham para trás por várias razões, mas uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do eu e da identidade. Eu sou mais do que aquilo definido pelo presente fugaz” (TUAN, 1983, p.206).

O ser humano nasce e tem em sua infância e juventude todo o vislumbre de uma vida porvir, planos estes consumados, revistos, adiados e sufocados pelo dinamismo da vida adulta atual, e que muitas vezes vêm à tona na velhice, na forma de contemplação, frustração ou simplesmente saudade. A todo momento, em qualquer etapa da vida, o indivíduo se relaciona com o tempo que domina ou pensa dominar. Assim, quando idoso, diante da finitude nunca antes cogitada, este ser volta-se para o passado, através das lembranças de sua vida, das memórias que retém consigo. Bosi (1994, p. 421) ilustra de maneira clara esse vínculo entre o idoso e o passado, ao afirmar que “curiosa é a expressão *meu tempo* usada pelos que recordam. Qual é o meu tempo, se ainda estou vivo e não tomei emprestada minha época a ninguém, [...]”.

Mas o que essas lembranças evocam? A sua experiência. Esta, adquirida de duas formas: a primeira, enquanto carga cultural transmitida de geração a geração e a segunda, enquanto carga cultural adquirida ao longo do processo de vivência.

Primeiramente, temos a experiência enquanto carga cultural transmitida de geração a geração.

“É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas idéias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato de entrada em nossa vida. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal” (BOSI, 1994, p. 407).

Como afirma Bosi (1994, p. 18), a função social do idoso é “[...] unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir”. Assim, a pessoa idosa revela-se ponte maior viva de comunicação e transmissão de conhecimento entre as gerações.

Podemos ter também a experiência enquanto carga cultural adquirida ao longo do processo de vivência. De acordo com Beauvoir (1990, p. 469), “a noção de experiência é válida na medida em que remete a um aprendizado ativo.” Logo, sendo o idoso o ser humano em seu estágio maior de vivência, este se coloca como detentor da experiência, na forma de cultura, de toda uma vida. Além disso, essa carga cultural também é histórica. Todavia, esse seu valor histórico é, sim, conseqüência do processo de vivência e não determinado previamente. Para essa diferenciação, podemos observar a comparação entre a história vivida, real e verossímil, e a história escrita, deliberada e passível de manipulação, realizada por Halbwachs (2004).

“É nesse sentido que a história vivida se distingue da história escrita: ela tem tudo o que é preciso para constituir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado” (HALBWACHS, 2004, p. 75).

Essa história escrita de Halbwachs (2004) pode ser observada na memória voluntária citada por Bolle (1984) em seu texto “Cultura, patrimônio e preservação”⁸. Essa memória é auxiliada não somente pela escrita, mas também por aparatos técnicos como a fotografia, o cinema, o gravador e o computador. De acordo com Bolle (1984) deve-se atentar para a importância da memória involuntária, verdadeira responsável pelo elo entre passado e presente,

⁸ O texto “Cultura, patrimônio e preservação”, escrito por Willi Bolle (1984), propõe uma conceituação desses três termos com base no texto *Infância berlinense por volta de 1900*, de Walter Benjamin.

pela experiência. Há ainda um terceiro tipo de memória, relacionado à memória involuntária: a memória afetiva, responsável pela identidade comum entre indivíduo e meio.

“Para um indivíduo cuja cultura sofre ameaça de destruição, uma arma eficiente de resistência é a memória afetiva. Dela é que depende a preservação da identidade, sua ou do seu grupo; ela é o núcleo de sua personalidade” (BOLLE, 1984, p. 13).

Assim, a carga cultural e histórica, constituinte da memória, mais precisamente na memória afetiva, se reflete nos valores construídos pelo ser ao longo de sua vida.

Esses três tipos de memória estabelecidos por Bolle (1984) não rivalizam com os sistemas de memória observados por Vieira e Koenig (2002) e os subsistemas citados por Yassuda (2002) e, sim, os permeiam, configurando um entendimento em paralelo da memória. A presença ou não da consciência enquanto intenção humana (memórias voluntária e involuntária) e os laços afetivos (memória afetiva) descritos por Bolle (1984) podem ser observados especialmente junto aos subsistemas da memória de longo prazo (memórias episódica, semântica, explícita e implícita) relatados por Yassuda (2002). Logo, desse enlace entre os tipos de memória estabelecidos por Bolle (1984), Vieira e Koenig (2002) e Yassuda (2002) podemos concluir que, além das partes da memória onde não há ação direta da consciência humana serem as responsáveis pelo armazenamento do conhecimento advindo da experiência de vida, elas são preservadas durante o processo de envelhecimento.

É importante salientar também que, mesmo individuais, os valores culturais e históricos contidos na memória são influenciados pelo grupo no qual o idoso encontra-se inserido. Há, então, uma complementaridade entre as memórias individual – interna, pessoal ou autobiográfica, e coletiva – externa, social ou histórica (HALBWACHS, 2004).

“Se essas duas memórias se penetram freqüentemente; em particular se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela; nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente à sua substância. A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal” (HALBWACHS, 2004, p. 57).

O reconhecimento das memórias individual e coletiva pode ser obtido também através da análise das diferenças existentes entre elas com relação aos limites espaciais e temporais (HALBWACHS, 2004).

“Durante o curso de minha vida, o grupo nacional de que eu fazia parte foi o teatro de um certo número de acontecimentos, dos quais digo que me lembro, mas que não conheci a não ser pelos jornais ou pelos depoimentos daqueles que deles participaram diretamente. Eles ocupam um lugar na memória da nação. Porém eu mesmo não os assisti” (HALBWACHS, 2004, p. 58).

Por fim, Halbwachs (2004) afirma a importância da memória individual na obtenção da memória coletiva.

“[...] se eu quiser reconstituir em sua integridade a lembrança de um tal acontecimento, seria necessário que eu juntasse todas as reproduções deformadas e parciais de que é o objeto entre todos os membros do grupo” (HALBWACHS, 2004, p. 59).

Assim, é possível obter a memória coletiva de uma sociedade a partir da memória dos indivíduos que a integram, sobretudo a partir da memória de seus idosos, visto que a carga cultural e histórica neles existente, tende a ser maior devido à sua longevidade e experiência adquirida. Pesquisar acerca da memória do idoso é, então, estabelecer uma importante base para a compreensão da história e a cultura da coletividade à qual pertence. Enfim, é ter no idoso a personificação da memória e da cultura de um povo.

2.2 A cidade: cultura e história materializadas

“A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que refluí das recordações que se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras” (CALVINO, 1990, p. 14).

A cada elemento construído, a cidade, por meio do fazer de seus habitantes, escreve uma página de sua história. Assim, suas formas e espaços, ao longo do tempo, congregam valores sociais, evocam laços afetivos e acabam por constituir-se em verdadeiras referências temporais de toda uma sociedade. A cidade, pois, revela-se na materialização da cultura e história das pessoas

que nela vivem. Nesta segunda parte teórica, são consideradas tanto a idéia de cidade, especialmente de sua composição pelos elementos urbanos, quanto a existência de sua identidade em suas formas e espaços, sobretudo em seus elementos tombados.

2.2.1 A cidade

Objeto de estudo, a cidade, segundo Rolnik (2001), apresenta-se como um aglomerado humano que pode ser criado em função da agricultura, de cerimônias, ou de atividades econômicas. Todavia, independente das funções comportadas, a cidade sempre manteve uma estreita relação com a constituição da história e cultura da sociedade.

“[...] a grande construção feita de milhares de tijolos marca a constituição de uma nova relação homem/natureza, mediada pela primeira vez por uma estrutura racional e abstrata. É evidente o paralelismo que existe entre a possibilidade de empilhar tijolos, definindo formas geométricas, e agrupar letras, formando palavras para representar sons e idéias. Deste modo, construir cidades significa também uma forma de escrita. Na história, os dois fenômenos – escrita e cidade – ocorrem quase que simultaneamente, impulsionados pela necessidade de memorização, medida e gestão do trabalho coletivo” (ROLNIK, 2001, p. 16).

Essa relação evidencia-se na representação cultural de um povo através da configuração formal/espacial de seu espaço urbano. Criação coletiva, essa espacialidade revela-se, por sua vez, essencialmente pública. De acordo com Vaz (2005, p. 155), “o conceito de espaço público urbano envolve os lugares abertos da cidade, os lugares acessíveis à livre freqüentação, à passagem de cidadãos e pessoas desconhecidas.”

No espaço urbano, encontramos os elementos urbanos. Arquiteturas, monumentos, vias, praças ou demais áreas livres, esses elementos compõem formal e espacialmente a malha urbana e representam a cultura e história de uma cidade (AYMONINO, 1984).

Além disso, reunidos, esses elementos constituem a paisagem urbana, extremamente importante no contato entre o ser humano e a cidade.

“A paisagem é uma forma histórica específica que se explica através da sociedade que a produz, um produto da história das relações materiais dos homens que a cada momento adquire uma nova dimensão; [...]” (CARLOS, 1994, p. 56).

A ligação entre a cidade e a história e cultura de seu povo é, então, evidenciada.

2.2.2 Identidade da cidade e morfologia urbana

Desde as primeiras aldeias, o ser humano materializou o espaço comum, segundo Santos (2006), configurando-o territorialmente, de acordo com valores próprios de seu grupo. Ao longo da história, essa relação entre o ambiente trabalhado e o agente humano culminou na caracterização formal/espacial de cada cidade, em suma, na presença de sua identidade na morfologia urbana.

“A forma física corresponde à organização social e contém numerosas informações sobre as características da sociedade, muitas das quais só podem ser conhecidas desta maneira e as únicas que podem ser experimentadas [...]” (BENÉVOLO, 1991, p.14).

Partimos, então, do seguinte questionamento: o que seria essa identidade da cidade?

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), mais precisamente através da Carta de Brasília de 1995, estabelece o termo identidade “[...] como uma forma de pertencer e participar. É por isso que somos capazes de encontrar nosso lugar, nosso nome ou nossa personalidade, não por oposição, mas porque descobrimos vínculos verdadeiros que nos ligam ao destino das pessoas com as quais compartilhamos da mesma cultura.” (IPHAN, 1995, p. 2).

Portanto, a ligação existente entre a identidade do espaço urbano e a ação humana é visível. Sendo assim, através da análise da morfologia urbana, podemos observar o que Peixoto (2004) chamou de testemunho cultural da cidade, reconhecendo nela os elementos urbanos mais importantes para a sociedade que a habita.

A morfologia urbana, segundo Butina (1987) apud Nobre (2003), consiste fundamentalmente no estudo da forma urbana, por meio da análise de seus componentes físico-

160

⁹ A Carta de Brasília, de 1995, diz respeito ao Documento Regional do Cone Sul sobre Autenticidade. Ela constitui uma das Cartas Patrimoniais e encontra-se disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=265>> Acesso em: 02 de agosto 2006.

espaciais (lotes, ruas, edifícios e áreas livres) e sócio-culturais (usos, apropriação e ocupação), bem como a variação dos mesmos ao longo do tempo. Vários estudos têm sido realizados com base na forma da cidade, dentre os quais encontram-se Lynch (1997), Cullen (2004), Rossi (2001) e Kohlsdorf (1996).

A análise da legibilidade da paisagem urbana norteou a obra “A imagem da cidade”, de Lynch (1997). Seu estudo está focado na imagem ambiental, uma imagem construída pelo indivíduo a partir de um ambiente, “[...] produto tanto da sensação imediata quanto da lembrança de experiências passadas, e seu uso se presta a interpretar as informações e a orientar a ação” (LYNCH, 1997, p. 4).

Segundo Lynch (1997, p. 11), a legibilidade de cada elemento urbano pode ser compreendida como a sua *imaginabilidade*, ou seja, “[...] a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado.” Para Lynch (1997, p. 3), “estruturar e identificar o ambiente é uma capacidade vital entre todos os animais que se locomovem”. Logo, a orientação adquire grande importância junto à formação da imagem ambiental e, conseqüentemente, da legibilidade da cidade. Então, para a compreensão da imagem da cidade - a partir de seus objetos perceptíveis, sua forma - Lynch (1997) estabeleceu cinco elementos de análise: as vias (caminhos, percursos e canais de circulação), os limites (fronteiras, barreiras ou referências laterais), os bairros (regiões da cidade com características próprias), os pontos nodais (focos, pontos de encontro, lugares estratégicos) e os marcos (referências no espaço urbano).

Para Lynch (1997, p. 102) “[...] se o ambiente for visivelmente organizado e nitidamente identificado, o cidadão poderá impregna-lo de seus próprios significados e relações. Então se tornará um verdadeiro lugar, notável e inconfundível.” Logo, verificamos que a existência de uma identidade comum entre o ser humano e o meio se baseia em uma influência mútua entre eles.

A importância da forma da cidade como base para a compreensão da cidade também foi preconizada por Cullen (2004, p. 9), ao apontar “[...] que assim como a reunião de pessoas cria

um excedente de atrações para toda a coletividade, também um conjunto de edifícios adquire um poder de atração visual a que dificilmente poderá almejar um edifício isolado.” A composição formal, então, apresenta-se como característica fundamental do espaço urbano. O conjunto edificado, segundo Cullen (2004), comporta fenômenos que não podem ser observados diante de somente um edifício. Esses fenômenos, possibilitados pela reunião de elementos (edificações, vias, vegetação,...), contribuem para a criação de um ambiente, agindo diretamente sobre a emoção e o interesse humanos, caracterizando o que chamou de a *arte do relacionamento*.

Para Cullen (2004), a emoção faz a ligação entre indivíduo e meio, sendo a visão o principal veículo de apreensão do espaço. Enquanto o ser humano tem a capacidade de se emocionar, o meio formal tem a propriedade de evocar emoções. E essa emoção comum pode ser entendida como a identidade estabelecida por Lynch (1997). Nesse processo de compreensão espacial, de acordo com Cullen (2004), três aspectos devem ser considerados, sendo eles a óptica (a sucessão de imagens da paisagem urbana, apreendidas pelo indivíduo ao percorrer cidade – gênese da *arte do relacionamento*), o local (a interferência da posição do indivíduo no meio, uma vez que a visão é o principal canal de comunicação com o espaço) e o conteúdo (a heterogeneidade plástica da cidade).

Podemos realizar um paralelo entre as idéias de Lynch (1997) e Cullen (2004), especialmente no tocante à existência de uma identidade comum entre o ser humano e o meio. Todavia, Cullen (2004) chama a atenção para o ambiente gerado pela composição formal/espacial da cidade, estabelecendo-o como o verdadeiro espaço com o qual o indivíduo se relaciona, relação esta que se altera na medida em que o observador se desloca no espaço. Cabe ressaltar também que essa conformação do espaço urbano se dá a partir do invólucro dos elementos urbanos que o compõem. Assim, mesmo arquiteturas participam da criação dessa ambiência – advinda da *arte do relacionamento* – relatada por Cullen (2004), por meio de sua volumetria, enfim, de sua constituição formal/espacial.

Ao propor “A arquitetura da cidade”, Rossi (2001, p. 1) aborda a “[...] construção da cidade no tempo.” Essa aproximação entre a cidade e a história pode ser verificada também no

método histórico de Rossi (2001). Segundo o autor, a pesquisa acerca do espaço urbano possibilita dois pontos de vista: o primeiro, relacionado “ao estudo da cidade como fato material” e o segundo, referente “à história como estudo do próprio fundamento dos fatos urbanos e da sua estrutura.” Esses dois pontos, por sua vez, encontram-se em diálogo constante. A partir da união entre a estrutura urbana e a sociedade, forma e memória, o espaço urbano é configurado e são conferidos significados aos lugares da cidade (ROSSI, 2001).

Para Rossi (2001), o espaço urbano é composto por tráfego, residências e atividades fixas, estas de caráter público. Dentro dessas atividades extras encontram-se os “elementos primários”, elementos urbanos que se diferem dos demais por seu valor significativo e conseqüente importância na constituição da estrutura física da cidade. Por conseguinte, esses “elementos primários” constituem elementos urbanos referenciais, “[...] fatos urbanos definidos, um acontecimento e uma arquitetura que resumem a cidade. Como tais, já são a história e a idéia da cidade que se constrói a si mesma, [...]” (ROSSI, 2001, p. 139).

A composição formal, estabelecida por Cullen (2004), com a qual o ser humano interage, de acordo com Rossi (2001), se relaciona com o tempo, fixando-se nele, denotando sua época, configurando sua identidade e “contando” sua história.

Em sua obra “A apreensão da forma da cidade”, Kohlsdorf (1996) confirma a extrema importância da composição formal do espaço urbano no processo de apreensão dos lugares. A autora também chama a atenção para o fato de que, ao longo da história, vários estudiosos associaram o espaço à composição plástica, como Vitruvius, Alberti, Palladio e Sitte. A apreensão dos lugares parte da relação entre a forma física e os mecanismos cognitivos. Da observação dos lugares como composições plásticas, tem-se as totalidades. Conseqüentemente, tem-se também a relação todo/partes explicitada em totalidades/subtotalidades. A Teoria da Gestalt possui extrema importância nesse contexto, uma vez que contribui, através das noções de composição, para a identificação de ordens existentes (KOHLSDORF, 1996).

“A escola gestaltista distingue um “objeto com forma” de um “disforme” pelo confronto entre composição e aglomerado: ambos possuem elementos relacionados segundo certas leis, mas somente no primeiro entendemos seu sentido” (KOHLSDORF, 1996, p. 32).

Então, Kohlsdorf (1996) observa como fator comum no estudo da forma urbana, o caráter simbólico sempre presente, condição esta que faz com que a cultura assuma um papel primordial na decodificação e consumo das formas. “A forma como meio de aprendizado dos lugares, responde a expectativas sociais, genéricas ou específicas, colocadas pelo próprio processo de conhecimento” (KOHLSDORF, 1996, p.33).

Em Lynch (1997), verificamos que existe uma identidade comum entre ser humano e meio formal. Essa emoção, segundo Cullen (2004), é proporcionada pela composição formal/espacial do espaço urbano vislumbrada pelo indivíduo. Já em Rossi (2001), essa vivência urbana se aproxima de um caráter histórico não somente para o observador, mas, sobretudo, para a constituição formal da cidade. Para ele, a plástica urbana, associada ao tempo, caracteriza o que chamou de “fatos urbanos”, elementos referenciais existentes no espaço urbano. Estes elementos formais, segundo Kohlsdorf (1996), são imbuídos de um caráter simbólico. Por conseguinte, identidade, emoção e simbolismo impregnam a relação entre o indivíduo o meio; o que, ao longo do tempo, contribui não somente para vivência humana, mas também para a criação de referenciais formais da cultura e, conseqüentemente, da história de um povo. Assim, quando idoso, este ser humano possui uma identificação plena com a cidade, com base nos elementos urbanos para ele mais significativos, elementos estes denominados fatos por Rossi (2001), ou seja, símbolos de passagens da sua vida, cenários de todo o seu percurso vivencial.

O ser humano constrói e molda o espaço urbano segundo o seu conhecimento. Logo, a associação constituída entre forma, cultura e história torna possível a apreensão da identidade da cidade a partir de sua morfologia urbana.

2.2.3 Morfologia urbana e Patrimônio Histórico

A identidade de uma cidade está atrelada à sua constituição formal que, por sua vez, tem a capacidade de evocar emoções humanas. Mas de que natureza são essas emoções?

Em cada época, o ser humano constrói o espaço urbano e o molda segundo seus anseios e sua cultura. Essa existência relacional, segundo Santos (2006), confere o valor social do objeto.

Logo, o espaço urbano traz consigo o acúmulo formal/espacial da história humana, simbolizando a evolução de toda uma sociedade e promovendo o enlace emocional por parte do indivíduo. Sendo assim, a identidade formal de uma cidade pode ser observada por meio do caráter histórico de seus elementos urbanos.

“Desde sua origem a cidade ocupou uma posição dominante na história da civilização, investindo-se de uma grande quantidade de significados utilitários e simbólicos que se expressaram de diversas formas dentro de uma ordem visível geométrica e arquitetônica. Essas regras urbanísticas e de construção fazem parte das características originais de cada cultura, [...]” (VEIGA, 1993, p. 49).

A morfologia urbana relacionada à cultura e história de um povo pode ser apreendida por várias fontes, como consulta popular ou classificações e estudos já existentes. Um desses parâmetros possíveis para a obtenção da identidade urbana pode ser encontrado no patrimônio histórico local. A própria definição de Patrimônio Histórico de Choay (2001), segundo a qual o Patrimônio Histórico se caracteriza pela ligação temporal entre ser humano e elemento, reafirma essa condição.

“Patrimônio histórico. A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos” (CHOAY, 2001, p. 11).

Para Varine-Bohan *apud* Lemos (2004), o Patrimônio Histórico, ao lado da natureza e do conhecimento humano, compõem o chamado Patrimônio Cultural de um povo.

Mas como esses bens culturais, mais especificamente o Patrimônio Histórico, são preservados? De acordo com a Constituição Federal, cabe à União, ao Estado e aos Municípios o zelo para com esse patrimônio. Essa preservação, por sua vez, pode ser realizada por mecanismos tais como o inventário, através do registro das principais características dos bens culturais e ambientais; os Planos Diretores, com a inserção de formas de preservação desses bens junto ao planejamento urbano, e, o mais utilizado, o Tombamento.

Segundo o IPHAN (1996), o Tombamento consiste em um ato administrativo do Poder Público estabelecido com fins de preservar, com base em uma legislação específica, bens de valor cultural, histórico, arquitetônico, ambiental e/ou afetivo para uma determinada população. O

Tombamento pode incidir tanto sobre bens móveis quanto sobre bens imóveis. Todavia, no caso dos imóveis, pode haver níveis de preservação, atuando sobre a edificação como um todo, sobre sua fachada e volumetria ou, até mesmo, não incidindo diretamente na construção, mas somente nas relações espaciais urbanas. Além disso, o entorno do imóvel também é considerado, ou seja, existe uma área destinada à preservação da ambiência local e da inserção do elemento no entorno imediato (DIAS, 2005).

Uma vez estabelecidos esses mecanismos de preservação do Patrimônio Histórico, torna-se necessário reconhecê-los no contexto urbano. A partir do levantamento e agrupamento dos bens imóveis históricos existentes na cidade podem ser constituídos os chamados sítios históricos urbanos. Segundo a Carta de Petrópolis, de 1987¹⁰, considera-se sítio histórico urbano um espaço que reúne testemunhos culturais da cidade, valores estes relacionados às paisagens natural e construída, bem como à vivência de seus habitantes (IPHAN, 2006).

Em 2003, o Ministério da Cultura do Brasil publicou o Termo Geral de Referência para a preservação de sítios históricos urbanos. Nesse documento, os sítios históricos urbanos são classificados, de acordo com o seu porte, em:

- Cidade Histórica: sítio histórico urbano que compreende a área-sede do município;
- Centro Histórico: sítio histórico urbano localizado na área central da cidade;
- Conjunto Histórico: sítio histórico urbano que compreende um fragmento do tecido urbano ou uma área da cidade na qual estejam monumentos tombados isolados (IPHAN *apud* Dias, 2005).

Intimamente relacionado à cultura e, sobretudo, à história local, o sítio histórico urbano normalmente encontra-se situado nas primeiras áreas ocupadas, junto aos locais onde a cidade

160

¹⁰ A Carta de Petrópolis, de 1987, diz respeito ao 1º Seminário Brasileiro para Preservação e Revitalização de Centros Históricos. Constitui umas das Cartas Patrimoniais e encontra-se disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=257> em 03 de agosto de 2006.

surgiu e a partir dos quais cresceu. Essa constatação justifica a grande coincidência entre os centros urbanos e os sítios históricos.

O caráter histórico da composição formal urbana evoca a emoção humana, uma vez que indivíduo e espaço compartilham da mesma cultura, da mesma história, da mesma identidade. Logo, a adoção do Patrimônio Histórico tombado, localizado na área central de uma cidade, como parâmetro de análise da identidade formal/espacial da cidade, revela-se extremamente viável.

2.3 O idoso e a cidade: cultura e história comuns

“Na cidade-escrita, habitar ganha uma dimensão completamente nova, uma vez que se fixa em uma memória que, ao contrário da lembrança, não se dissipa com a morte. Não são somente os textos que a cidade produz e contém (documentos, ordens, inventários) que fixam esta memória, a própria arquitetura urbana cumpre também este papel.

O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. É por isto que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto hábitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto” (ROLNIK, 1995, p.16).

A cultura e história comuns entre o idoso e a cidade remetem à identidade de uma determinada sociedade. Identidade esta passível de obtenção seja a partir da memória da pessoa idosa, seja por meio da constituição formal/espacial do espaço urbano. Temos, então, um elo que, por sua vez, permite a identificação dos elementos urbanos mais importantes para o idoso, relevantes à análise de sua apropriação atual em função da forma urbana, bem como da manutenção da identidade formal/espacial da cidade.

Nesta terceira parte teórica, é verificada a hipótese formulada (possibilidade de identificação dos elementos urbanos portadores da identidade da cidade a partir da memória do idoso) e estabelecido o pressuposto a partir do qual é possível realizar um estudo da apropriação formal/espacial do espaço urbano pela pessoa idosa.

2.3.1 A memória do idoso e a identidade da cidade

A relação ser humano/meio, preconizada e tão estudada na materialização e vivência da cidade, encontra na pessoa idosa o ápice temporal do contato humano com o mundo. Enquanto o idoso carrega consigo a cultura e história de seu povo em sua memória (acumuladas por gerações e vivenciadas ao longo da vida), a cidade as materializa em suas formas e espaços, conformando e espacializando sua identidade. A partir dessa relação idoso/cidade, são constituídos os lugares, conceituados por Duarte (2002) como porções do espaço dotadas de significado. Para o autor, esse significado diz respeito, sobretudo, à correspondência cultural entre o indivíduo e o espaço. Essa identidade comum, por sua vez, permite não somente o reconhecimento, por um grupo ou comunidade, de seu lugar, mas também a identificação de uma determinada sociedade a partir de seus elementos urbanos.

Duarte (2002) ainda afirma que a relação cultural entre ser humano e espaço pode ser compreendida através dos elementos fixos e fluxos.

- Os fixos: elementos aos quais o indivíduo atribui ou reconhece características neles existentes como, por exemplo, uma estrela, uma árvore ou um personagem mítico;

- Os fluxos: informações que podem circular entre os fixos, tendo-os como balizas ou catalisadores. Um exemplo dessa situação pode ser observado na variação térmica (fluxo) ocorrida em um quarto e sentida por um corpo (fixo).

No entanto, ainda segundo Duarte (2002), a apreensão desses elementos não se dá de maneira igual entre pessoas e grupos, uma vez que os seres humanos possuem filtros biológicos e culturais distintos. É possível, então, encontrarmos vínculos variados entre cada indivíduo e um determinado elemento. Todavia, quando analisamos um grupo, por exemplo, uma sociedade, esta, imbuída de uma carga cultural comum, tende a estabelecer o mesmo vínculo com a constituição formal/espacial da cidade que habita.

A cultura, sim, constitui o elo, a identidade comum, entre o ser humano e a cidade. Mas onde reside essa identidade?

“Se devemos preservar as características de uma sociedade, teremos forçosamente que manter conservadas as suas condições mínimas de sobrevivência, todas elas implicadas no meio ambiente e no seu saber” (LEMOS, 2004, p. 25).

Ao citar a importância da preservação do Patrimônio Cultural, especialmente do conhecimento e dos bens culturais construídos, em prol da manutenção do que denominou “identidade cultural”, Lemos (2004) chama a atenção para as duas principais formas de relação do indivíduo com o meio: o conhecimento e o bem construído. Logo, a carga cultural e histórica de uma sociedade pode ser encontrada tanto no ser humano quanto na cidade, em suma, tanto na memória humana quanto na constituição formal/espacial do espaço urbano. Essa identidade comum, por sua vez, interliga indivíduo e meio, tornando-os correspondentes culturais.

Ao estudar essa relação existente entre a pessoa e o espaço, Lynch (2001) decompôs a imagem ambiental em três componentes: a identidade, a estrutura e o significado. É preciso que o objeto tenha uma identidade, uma relação com outros objetos e com o observador e um significado para esse observador.

“Uma imagem viável requer, primeiro, a identificação de um objeto, o que implica sua diferenciação de outras coisas, seu reconhecimento enquanto entidade separável. A isso se dá o nome de identidade, não no sentido de igualdade com alguma outra coisa, mas com o significado de individualidade ou unicidade. Em segundo lugar, a imagem deve incluir a relação espacial ou paradigmática do objeto com o observador e os outros objetos. Por último, esse objeto deve ter algum significado para o observador, seja ele prático ou emocional. O significado também é uma relação, ainda que bastante diversa da relação espacial ou paradigmática” (LYNCH, 2001, p. 9).

No entanto, esse processo não é puramente individual. Segundo Leitão (2002), devemos considerar a influência do meio no indivíduo.

“O processo de identificação, no entanto, não se esgota no tempo nem se limita a um outro específico. Tampouco se restringe a particularidades do individual, uma vez que cada indivíduo está, necessariamente, inserido em uma ordem simbólica, inscrita em uma cultura que lhe é anterior.” (LEITÃO, 2002, p. 366).

Em Leitão (2002), observamos que, mesmo diante das particularidades de cada indivíduo constituinte de uma determinada sociedade, todos os membros dela participantes compartilham de uma cultura e história comuns. Além disso, sendo a memória humana a portadora dessa carga cultural e histórica junto ao indivíduo, podemos aferir que essa identidade reside na interação entre as memórias individual e coletiva, observada em Halbwachs (2004). Já com relação ao meio, espaço urbano, este revela-se formal e espacialmente identificável (LEITÃO, 2002).

“Ao não se restringir a particularidades do individual, articulando-o a um universo simbólico, o conceito de identificação permite considerar que o ambiente construído, como expressão privilegiada da cultura, oferece-se como objeto de identificação, [...], e portanto elemento fundamental nessa apropriação singular que o processo de identificação propicia, na qual características próprias do objeto de identificação se tornam parte constitutiva de quem com ele se identifica” (LEITÃO, 2002, p. 366).

O indivíduo se vê no elemento urbano por ele apreendido, ou seja, ele identifica valores e signos de sua cultura na constituição formal/espacial do meio. Assim, de acordo com Leitão (2002, p. 367), “[...] o sujeito percebe e apreende o espaço edificado a partir de si mesmo.” Aqui, cabe atentar para o fato de que, mesmo diante de possíveis alterações em suas funções ao longo do tempo, os elementos urbanos podem ter o seu vínculo preservado com o indivíduo. Como afirma Santos (2006, p. 156), “as formas asseguram a continuidade do tempo mas o fazem através da sucessão dos eventos, que mudam o seu sentido.” Assim, em cada época de uma cidade, podemos verificar diferentes elementos urbanos representativos formal e espacialmente de sua cultura e história. O mais importante é, sim, a existência de elementos, ou seja, a manutenção do enlace indivíduo/lugar.

Rossi (2001, p. 198) confirma essa relação de identidade comum entre o indivíduo e o espaço urbano e sua ligação com o tempo, quando diz que

“[...] a própria cidade é a memória coletiva dos povos; e como a memória está ligada a fatos e a lugares, a cidade é o “locus” da memória coletiva. Essa relação entre o “locus” e os cidadãos torna-se, pois, a imagem predominante, a arquitetura, a paisagem; e, como os fatos fazem parte da memória, novos fatos crescem juntos na cidade. Nesse sentido, de todo positivo, as grandes idéias percorrem a história da cidade e a conformam.”

A relação entre o ser humano e a cidade, então, é consumada com base nessa carga cultural e histórica, nessa identidade comum. Mas como essa identidade é construída?

A resposta para essa questão pode ser encontrada, na cidade, na materialização da cultura e história em formas e espaços, e no indivíduo, ao longo do processo de vivência, bem como através da cultura transmitida por gerações.

A importância do tempo da experiência do lugar também deve ser considerada. Tuan (1983, p. 203) afirma que “[...] “sentir” um lugar leva [...] tempo: se faz de experiências, [...], repetidas dia após dia e através dos anos.” Entretanto, ele mesmo ressalta que, assim como o tempo, a intensidade da experiência também deve ser considerada. Além disso, a relação sensorial do indivíduo com o espaço, quando criança, segundo Tuan (1983), é mais intensa do que nas demais fases da vida. Todavia, Tuan (1983) reconhece que a criança, não possui ainda um passado e é neste passado, construído com base na experiência e carga cultural adquiridas ao longo da vida que, segundo ele mesmo, permitem o ser humano conferir significado aos elementos e constituir lugares.

“A criança não apenas tem um passado curto, mas seus olhos, mais que os dos adultos, estão no presente e no futuro imediato. Sua vitalidade para fazer coisas e explorar o espaço não condiz com a pausa reflexiva e com a olhada para trás que fazem com que os lugares pareçam saturados de significância” (TUAN, 1983, p. 37).

Logo, se considerarmos a relação de um idoso com o seu meio, com o qual teve contato ao longo de toda ou grande parte de sua vida, essas duas ponderações podem ser contempladas. A pessoa idosa retém a experiência sensorial considerável na infância e, devido à sua longevidade cronológica/temporal, constitui o indivíduo mais exposto – portanto, mais susceptível – ao processo de vivência dentre os seres humanos dele contemporâneos, pertencentes à sua época. Além disso, o idoso ainda traz consigo a carga cultural acumulada por gerações.

Hall (1977), ao analisar as artes e arquiteturas de épocas passadas, evidencia a importância da percepção do indivíduo que as vivenciou na sua interpretação.

“A tradição quer que interpretemos ou reinterpretemos sempre a arte e a arquitetura por referência às realidades contemporâneas. Mas não devemos nos

esquecer que o homem moderno se encontra definitivamente cortado dos múltiplos mundos sensoriais dos seus antepassados: a riqueza dessas experiências continuará a faltar-lhe para sempre, uma vez que tais experiências se encontravam irremediavelmente enraizadas e integradas em estruturas que apenas os seres humanos da época correspondente eram capazes de compreender em pleno” (HALL, 1977, p. 95).

Logo, o idoso surge, em sua geração, como o ser humano no ápice de seu contato com o mundo e portador da cultura e história de seu povo.

“Há algo na disposição espacial que torna inteligível nossa posição no mundo, nossa relação com outros seres, o valor do nosso trabalho, nossa ligação com a natureza. Esse relacionamento cria vínculos que as mudanças abalam, mas que persistem em nós como uma carência.

Os velhos lamentarão a perda do muro em que se recostavam para tomar sol. Os que voltam do trabalho acharão cansativo o caminho sem a sombra do renque de árvores. A casa demolida abala os hábitos familiares e para os vizinhos que a viam há anos aquele canto de rua ganhará uma face estranha ou adversa” (BOSI, 2003, p. 451).

Assim como o lugar denuncia formal e espacialmente a cultura e história de um povo em uma determinada época, esse mesmo povo, em especial sua parcela idosa, também traz consigo, em sua memória, esses lugares culturalmente importantes, lugares estes com os quais se identifica. Por conseguinte, ao analisar o espaço urbano a partir da memória da pessoa idosa, chegar-se-á aos elementos urbanos mais significativos para ela ao longo da vida e, conseqüentemente, para a manutenção da cultura, história e identidade locais. É possível, então, identificar os elementos urbanos portadores da identidade da cidade a partir da memória do idoso. A verificação, pois, de tal hipótese, culmina no seu reconhecimento enquanto pressuposto.

2.3.2 Apropriação da cidade pelo idoso

A relação existente entre a memória do idoso e a identidade da cidade possibilita a identificação, a partir da memória da pessoa idosa, dos elementos urbanos mais importantes ao longo de sua vida. Cenários de passagens, momentos e épocas significativas, esses lugares constituem os elementos urbanos apropriados pelo idoso durante a sua vivência, responsáveis pela manutenção de seus laços locais e conseqüente preservação da identidade formal da cidade. Sendo assim, um estudo acerca da apropriação formal/espacial do espaço urbano pelo idoso deve ser pautado nesses elementos por ele vivenciados.

O processo de apropriação compreende uma relação recíproca entre o ser humano e o espaço, na qual o comportamento humano reflete a percepção do ambiente. Em suma, a “[...] apropriação significa tomar para si, tendo subjacente uma idéia de identidade com esse espaço” (TALETE, 2003, p. 51).

Aqui, observamos que há uma diferença entre apropriação e uso. Podemos utilizar determinados elementos urbanos, mas nunca nos apropriarmos deles, haja vista que na apropriação, ao contrário da simples utilização, tem como base uma identificação do ser humano com o meio. A apropriação diz respeito, sim, ao imaginário urbano, à imagem da cidade com a qual o indivíduo se identifica. Essa identidade comum propicia o reconhecimento do próprio idoso e dos significados dos espaços, bem como a consolidação dos laços locais e a criação do lugar. Assim, temos a apropriação enquanto intenção, presente na identificação entre a pessoa idosa e o meio, e gesto, existente no uso espacial direto. Logo, torna-se necessário compreender o contato ser humano/meio (o processo de percepção e comportamento), a constituição desse enlace (a criação do vínculo indivíduo/lugar, com a semantização dos espaços e a topofilia) e a apropriação decorrente (criação do espaço pessoal e territorialidade).

- Percepção e comportamento.

A relação entre o ser humano e o meio, é fundamentada no processo de percepção e comportamento humanos frente ao espaço. O vínculo entre o indivíduo e a cidade se dá pela maneira como a percebemos.

“Usos e hábitos constituem a manifestação concreta do lugar urbano, na mesma medida em que o lugar é manifestação concreta do espaço. Usos e hábitos, reunidos, constroem a imagem do lugar, mas sua característica de rotina cotidiana projeta, sobre ela, uma membrana de opacidade que impede sua percepção, tornando o lugar, tal como o espaço, homogêneo e ilegível, sem decodificação.

Superar essa opacidade é condição de percepção ambiental, ou seja, de gerar conhecimento a partir da informação retida, codificada naqueles usos e hábitos. Percepção é informação na mesma medida em que informação gera informação: usos e hábitos são signos do lugar informado que só se revela na medida em que é submetido a uma operação que expõe a lógica da sua linguagem. A essa operação dá-se o nome de percepção ambiental” (FERRARA, 1999, p. 153).

Perceber é apreender o ambiente do qual fazemos parte, é ter para si informações com as quais nos identificamos e dados relevantes à nossa relação com o meio. Logo, a percepção é de extrema importância junto à memória e à apropriação dos lugares.

O processo perceptivo é estabelecido por Del Rio (1999, p. 3) “[...] como um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente, cognitivos.” Enquanto os mecanismos perceptivos referem-se aos estímulos externos captados pelos cinco sentidos – sistemas básico de orientação, auditivo, háptico, paladar-olfato e visual, estabelecidos por Gibson (1966) – os mecanismos cognitivos estão relacionados à inteligência humana, atuante desde a motivação (na qual encontram-se também humores, necessidades, conhecimentos prévios, valores, julgamentos e expectativas) até a conduta e relacionada às funções cognitivas estabelecidas por Yassuda (2002) (atenção, linguagem, funções executivas e memória).

A atuação mental junto à percepção tem como uma das principais características a formação da imagem mental. Del Rio (1999, p. 3) afirma que “nossa mente organiza e representa essa realidade percebida através de esquemas perceptivos e imagens mentais, com atributos específicos.” O processo perceptivo, então, é esquematizado por Del Rio (1999), na Figura 02:

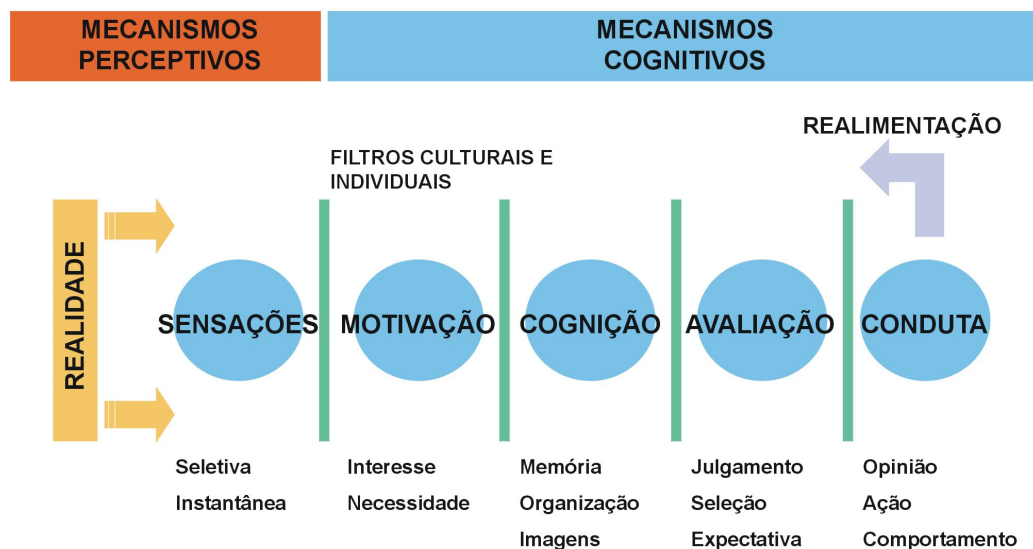


Figura 02 – Esquema teórico do processo perceptivo. Fonte: Del Rio (1999).

Assim, podemos compreender a percepção por meio das etapas das sensações, motivação, cognição e avaliação; e o comportamento como a conduta resultante do processo perceptivo (DEL RIO, 1999).

Por meio da obra “Fenomenologia da percepção”, Merleau-Ponty (1999) oferece uma importante contribuição ao entendimento dessas etapas.

1) As sensações.

Segundo Merleau-Ponty (1999), podemos compreender a sensação como a maneira através da qual o ser humano é afetado pelo meio no qual está inserido. Há uma interação entre o indivíduo, seu aparelho sensorial e o meio. Sendo assim, “[...] o funcionamento normal deve ser compreendido como um processo de integração em que o texto do mundo exterior é não recopiado, mas constituído” a partir dos dados apreendidos pelos sistemas sensoriais (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 31).

2) A motivação.

Na motivação, são verificados os interesses e as necessidades do indivíduo frente ao meio. Aqui, podemos fazer uma relação com a atenção, descrita por Merleau-Ponty (1999). Para ele, a atenção é imbuída de uma intencionalidade. É o início da consciência humana. Essa passagem do indeterminado para o determinado se traduz na obtenção de um novo sentido, sendo esse processo o próprio pensamento. A atenção é, pois, subjetiva.

3) A cognição.

As funções cognitivas, como já explicitado no Capítulo “2.1.2. A memória do idoso”, possuem extrema importância dentro do processo perceptivo, uma vez que, através delas, os dados, informações e imagens são organizados e memorizados. Mas como se dá essa organização?

De acordo com Merleau-Ponty (1999), tanto a “associação de idéias” quanto a “projeção das recordações” podem responder à essa pergunta. No tocante à “associação de idéias”, o conhecimento gerado está fundamentado no significado do que é percebido. Esse significado, por vez, é composto de imagens diversas evocadas de acordo com a experiência de cada ser humano. Assim, ocorre uma “associação de idéias”, com a recuperação de experiências passadas. Já no que diz respeito à “projeção das recordações”, para Merleau-Ponty (1999, p. 43), “[...] o passado de fato não é importado na percepção presente por um mecanismo de associação, mas desdobrado pela própria consciência presente.” E esse desdobramento, por sua vez, é realizado com base no significado presente, advindo de uma “associação de idéias”. Para Merleau-Ponty (1999), é preciso, primeiramente, reconhecer o objeto para, então, ocorrer a “projeção das recordações”, ou seja, recordar, procurar no passado experiências concordantes com o algo percebido. A imagem mental, então, é formada na cognição, constituindo a base do processo perceptivo e o elo entre presente e passado, entre percepção e memória.

O signo do objeto existe. Chamado de “realidade” no processo perceptivo de Del Rio (1999), este, quando apreendido, é “moldado” segundo a percepção de cada indivíduo. Todavia, a subjetividade existente na percepção não invalida a percepção enquanto ciência e fonte de pesquisa. Ao propor uma percepção sobre o mundo natural, Merleau-Ponty (1999) não descarta a importância do mundo cultural. O ser humano precisa ter ciência sobre si mesmo para, então, perceber o mundo. Del Rio (1999) compartilha dessa posição, ao intercalar o que denominou de “filtros culturais e individuais” junto às etapas do processo perceptivo. Acabamos por ter, então, o que Oliveira (1999) chamou de espaço perceptivo, vinculado diretamente ao algo percebido, e espaço cognitivo, relacionado às operações mentais e à inteligência. Assim, os dados apreendidos a partir do meio são tratados de acordo com os interesses e com a própria cultura do indivíduo.

4) A avaliação.

Avaliar implica em julgar, realizar um julgamento sobre algo. Assim, temos, de acordo com Merleau-Ponty (1999), o juízo. Esse julgamento, humano, condiz, sim, com a postura subjetiva (ou seu grau) diante do processo perceptivo. Para o Merleau-Ponty (1999), é preciso, também, evidenciar a diferença entre a percepção e o juízo. Enquanto perceber é apreender o sentido, o

juízo é o julgamento sobre o algo percebido. Percebemos a natureza que se coloca à nossa frente segundo seu conceito próprio, transportado para a nossa percepção que, subjetiva, constrói, com base em nossas experiências, um “conceito paralelo”, o qual julgamos.

5) A conduta.

A avaliação realizada diante do algo percebido pode, por sua vez, resultar em uma resposta comportamental do indivíduo diante do meio. Tem-se, então, a conduta. A conduta constitui as bases para a “realimentação” estabelecida por Del Rio (1999), incitando novas percepções. Assim, fecha-se o ciclo composto pela influência mútua entre ser humano e meio, através da percepção e do comportamento.

Para Fitch (1978), as sensações (mecanismo perceptivo) são fisiológicas, ou seja, o indivíduo sente o mundo segundo o seu metabolismo, sua fisiologia. Assim, a influência da cultura na relação com o meio – quando o ser humano percebe o mundo - fica a cargo das funções cognitivas (mecanismos cognitivos), listadas por Vieira e Koenig (2002) no Capítulo 2.1.2.

Ao observarmos o processo perceptivo estabelecido por Del Rio (1999), podemos verificar a importância da cognição na percepção. A maior capacidade sensorial da criança citada por Tuan (1983) no Capítulo 2.3.1 tem, pois, explicações tanto na vitalidade fisiológica do aparelho sensorial quanto na pequena carga cultural que ela carrega (sua noção de tempo é imediata e ela não possui ainda uma base de dados considerável). Já a pessoa idosa, embora tenha, muitas vezes, seu aparelho sensorial desgastado, carrega consigo uma carga cultural - que permeia as funções cognitivas e a identificação dos lugares - extremamente rica, de suma importância na percepção do meio.

- Semantização e topofilia.

Uma vez estabelecido o processo perceptivo e sua correspondência com o comportamento, é preciso saber de que forma ocorre a identificação entre o ser humano e o ambiente, ponto fundamental da apreensão e apropriação do espaço.

“É, inquestionavelmente, a partir do corpo que se vive um espaço, que se produz um espaço – isto é, que um espaço recebe uma carga semântica qualquer. Esta é a operação mínima, necessária e indispensável para a investidura de um léxico sobre um tecido espacial” (COELHO NETTO, 1999, p.118).

A apropriação, em si, constitui um vínculo, um elo entre o ser humano e o meio no qual o ponto comum é a identidade. Essa identidade, por sua vez, tem como ponto de partida a existência de um significado do espaço contemplado para o observador. A estruturação desse signo pode ser compreendida por meio da tríade estímulo (S) – signo (X) – resposta (R) observada em Vigotzki (2003), mostrada na Figura 03.

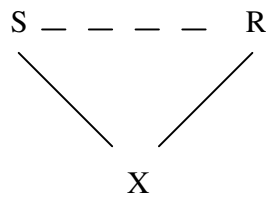


Figura 03 – Estrutura simplificada das operações com signos. Fonte: Vigotzki (2003).

A percepção e o comportamento compõem a estrutura estímulo (S) – resposta (R). De acordo com Vigotzki (2003), além da correspondência direta entre os dois, há um elo intermediário baseado no signo (X), este responsável por uma nova relação entre estímulo (S) e resposta (R) do indivíduo. Esse elo adicional também possui uma ação reversa, agindo sobre o ser humano e permitindo a ele, com auxílio de estímulos do meio, controlar o seu próprio comportamento. Para Vigotzki (2003, p. 54), “o uso de signos conduz os seres humanos a uma estrutura específica de comportamento que se destaca do desenvolvimento biológico e cria novas formas de processo psicológicos enraizados na cultura.”

O indivíduo se identifica com o espaço a partir do estabelecimento de seu caráter semântico. Essa semantização ocorre por meio da *prática* desse espaço. Prática esta, segundo Coelho Netto (1999), dividida em uma *prática física* e uma *prática imaginária* do espaço.

- A *prática física*: mais explorada pelos pesquisadores, constitui a relação de uso entre o indivíduo e o meio.

- A *prática imaginária*: diz respeito à relação do imaginário do indivíduo com o meio.

Extremamente ligadas, essas duas práticas “[...] dependem de uma ideologia e/ou produzem uma ideologia” (COELHO NETTO, 1999, p. 119).

Aqui é importante frisar a diferenciação entre imaginário e ideológico, estabelecida por Coelho Netto (1999). Para ele, o imaginário pode ser definido “[...] como o universo de um modo de relacionamento da consciência individual com objetos reais ou virtuais.” Quanto ao ideológico, a ideologia seria “[...] composta necessariamente por uma apreensão da realidade baseada numa multiplicidade de pontos de vista (o aspecto político, o aspecto religioso, o aspecto estético, etc.)” (COELHO NETTO, 1999, p. 102).

Ao verificarmos que as práticas físicas e imaginárias estão vinculadas a uma ideologia, concluímos que a semantização delas resultante depende tanto do indivíduo quanto da sociedade. Essa mesma complementaridade indivíduo/sociedade é também encontrada nas relações imaginário/ideológico e memória individual/memória coletiva, esta última citada por Halbwachs (2004).

Ainda de acordo com Coelho Netto (1999), a partir dessa primeira semantização, podem ocorrer duas outras operações. A suprassemantização do espaço, a primeira delas, diz respeito à ocorrência de modificações semânticas simples relacionadas à prática física, como a mudança de uso de uma edificação ou espaço público, ou até mesmo mais complexas, relacionadas à prática imaginária, como alterações nos limites de uma cidade ou município. Segunda operação, a dessemantização do espaço, está relacionada à perda de significado, inclusive devido à suprassemantização de outros espaços, situação visível na degradação de várias áreas centrais urbanas de cidades de médio a grande porte em decorrência da migração da população para zonas periféricas. Todavia, para Coelho Netto (1999), não existe o espaço ou elemento urbano neutro

(desprovido de todo e qualquer significado), uma vez que não há somente um significado para cada lugar e sim muitos, cada qual vinculado a um indivíduo ou grupo.

De acordo com Coelho Netto (1999), a semantização do espaço é possibilitada pelas práticas imaginária e física. A partir dessa constatação, podemos observar que a identificação e apropriação dos lugares se pode ser baseada tanto no imaginário urbano quanto no uso direto desses espaços. Por fim, a semantização, física e imaginária, revela-se a base para a constituição dos laços locais e consolidação dos lugares, em suma, ela leva à passagem do espaço ao lugar.

A existência de um significado do meio para o ser humano culmina no estabelecimento de um vínculo. Esse laço com o local, e conseqüente criação do lugar, é impulsionado, sobretudo, por aspectos emotivos. Esse enlace afetivo entre o indivíduo e o ambiente material é denominado por Tuan (1980) como topofilia. O chamado sentimento topofílico é despertado pelo lugar, por meio de estímulos sensoriais que, por sua vez, são organizados e interpretados pelo ser humano, resultando nesse enlace. Esse apego ao lugar, segundo Tuan (1980), possui uma grande ligação com a estética do meio, acompanhada, nos casos mais intensos, por uma certa surpresa. Todavia, essa apreciação estética não constitui um fenômeno tão somente ligado ao presente, mas também ao passado. Além disso, ela não se limita ao social - ideológico, como diria Coelho Netto (1999) – considerando também o indivíduo. Aqui, a memória e o conhecimento pessoal exercem um importante papel.

Tuan (1980, p. 110) afirma que “a apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos. Também perdura além do efêmero, quando se combinam o prazer estético com a curiosidade científica” O autor também menciona a relevância do contato físico com o ambiente. Para ele, o indivíduo urbano contemporâneo tem um contato cada vez menor com o meio, ao contrário de uma criança, cujos sentidos estão mais “suceptíveis” ao entorno que um adulto, ou de um agricultor, que possui um contato intenso com a terra. Esse apego ao espaço torna a vida humana mais saudável. A afeição por um lugar é pautada também na familiaridade que se tem com ele (TUAN, 1980).

“Assim como as pessoas são relutantes em abandonar um velho casaco por um novo, algumas pessoas – especialmente idosas – relutam em abandonar seu velho bairro por outro com casas novas.

A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar”
(TUAN, 1980, p. 114).

No entanto, segundo o autor, pode haver um sentimento contrário, de rejeição, diante do lugar. Nesse caso, tem-se a chamada topofobia. Outros termos também estão relacionados à topofilia, como topocídio e topo-reabilitação, observados em Filho (1999). De acordo com Filho (1999), enquanto o topocídio diz respeito à degradação dos lugares, a topo-reabilitação, como o próprio nome diz, está voltada para a recuperação desses locais. Analisando, então, o processo de identificação entre o indivíduo e o meio, podemos observar não somente a seqüência semantização/topofilia, mas também a suprassemantização ou a dessemantização/topofobia; esta última relação responsável pelo topocídio, o qual podemos exemplificar com o mesmo caso de êxodo populacional e conseqüente degradação das áreas centrais das cidades de médio a grande porte brasileiras, citado anteriormente, sendo a topo-reabilitação o conjunto de medidas contrárias a essa tendência.

Preponderante tanto na constituição quanto no rompimento dos laços locais, o aspecto emocional relaciona-se diretamente à memória afetiva de Bolle (1984), esta, responsável pela identificação entre indivíduo e meio. Por conseguinte, essa emoção, assim como vista em Cullen (2004), revela-se o ponto de partida para a constituição de uma identidade comum entre o indivíduo e o espaço. Essa correspondência, gênese da topofilia, fundamenta-se na memória humana, sendo não somente cultural – ativada por gostos estéticos e aspectos familiares – mas também histórica – proporcionada pela relação com as lembranças e o passado – tornando possíveis palavras como terra natal, pátria e lar.

- Espaço pessoal e territorialidade.

A apropriação, identificação entre o ser humano e o meio, enquanto ato, traduz-se num comportamento. No entanto, esse ato de apropriar-se também induz ao exercício de um controle sobre o meio. Controle este que pode ser psicológico ou físico. A apropriação psicológica se

refere à constituição do espaço pessoal enquanto a apropriação física diz respeito à delimitação da territorialidade (ITTELSON; PROSHANSKY; RIVLIN; WINKEL, 1974).

Apropriação psicológica do ambiente pelo ser humano, o espaço pessoal revela-se móvel e ligado diretamente ao indivíduo. Denominado órbita por Parr (1978) ele constitui um invólucro humano invisível, uma área de transição entre o ser humano e os demais que se expande ou contrai de acordo com cada situação regulando, assim, as distâncias das relações interpessoais (SOMMER, 1973 *apud* BINS ELY, 1997).

O espaço pessoal ainda pode ser observado também nas duas primeiras das quatro zonas de distâncias estabelecidas a partir do indivíduo por Hall (1977): a distância íntima, mais próxima, e a distância pessoal, limite da “bolha” que o separa das distâncias social e pública, mais distante. As distâncias que determinam o espaço pessoal são passíveis de variações devido à personalidade do indivíduo, à sua cultura e aos fatores ambientais existentes. Assim, cada uma delas apresenta uma fase mais próxima e uma mais distante.

Enquanto apropriação física, o território caracteriza-se por ser evidenciado através da demarcação do espaço. A territorialidade, cujo termo advém de uma analogia com o meio animal, segundo Stea (1978), compreende um fenômeno amplo, podendo estar relacionado ao comportamento de um indivíduo ou grupo devido à apropriação de uma idéia, objeto ou espaço físico.

A territorialidade é afetada tanto pelo nível de controle exercido quanto pela duração do mesmo. Essas variáveis permitem, de acordo com Altman e Chemers (1984), a classificação dos territórios em primários (onde o controle é exercido por um indivíduo ou grupo sobre uma área de maneira permanente, como numa casa), secundários (onde o controle é exercido por um indivíduo ou grupo sobre uma área na qual o acesso é permitido, como num bairro) ou públicos (áreas abertas ao uso da coletividade, cujo acesso é livre e em caráter provisório, como em parques e praias).

Além disso, os territórios podem ser classificados também de acordo com a sua organização. Segundo Goffman (1973) *apud* Bins Ely (1997), os territórios podem ser fixos (territórios geograficamente demarcados e reconhecidos legalmente, como uma casa), situacionais (equipamento fixo de um lugar, público ou privado, à disposição para o uso temporário, como bancos de uma praça ou mesas de um restaurante) ou egocêntricos (territórios móveis vinculados a uma pessoa, como uma bolsa).

Os elementos urbanos considerados nesta pesquisa podem ser classificados, segundo o nível de controle e duração do mesmo, em territórios públicos. Já de acordo com a sua organização, esses elementos constituem territórios situacionais, uma vez que são apropriados temporariamente. Tal forma de apropriação remete ao fenômeno denominado por Bins Ely (1997, p. 45) como nidificação, ou seja a “[...] à criação de um local próprio para si e que, através de certos artifícios e organização, permite ao indivíduo construir seu ‘ninho’.”

O reconhecimento de um espaço pessoal ou a delimitação de um território tem na identidade – seja ela do próprio indivíduo e de seu grupo, do lugar ou da relação entre ambos – o seu ponto de intersecção. Essa identificação comum, além de determinar as relações interpessoais, aproxima ser humano e espaço, tornando possível o processo de apropriação.

2.3.3 Condições de uso da cidade pelo idoso: fatores ambientais

A apropriação, como observado, está fundamentada na identificação entre o ser humano e o meio. No entanto, as condicionantes pertencentes ao ambiente, paralelamente ao aspecto afetivo, também interferem nesse processo, revelando as condições de uso desses lugares. Assim, especialmente no caso da pessoa idosa, a análise das condições de uso dos elementos urbanos por ela apropriados, possibilita o entendimento dos fatores ambientais que influenciam na sua utilização.

“O ambiente tem um papel fundamental na nossa qualidade de vida e no nosso bem-estar. Pode ser definido como um conjunto de atributos físicos, sensoriais, cognitivos, afetivos, espirituais, climáticos e funcionais que nos circundam no dia-a-dia e do qual fazemos parte” (PERRACINI, 2002, p. 798).

Para a compreensão dos fatores ambientais que atuam na apropriação do espaço urbano pelo idoso, devemos ter ciência, primeiramente, das demandas espaciais próprias da terceira idade. Essas particularidades, relacionadas às perdas funcionais normalmente observadas na velhice, podem causar restrições na realização de atividades pelos idosos. Logo, se o ambiente atende às necessidades espaciais específicas dessa população, tais restrições podem ser minimizadas.

Haja vista que por vezes a terceira idade é associada erroneamente a patologias, cabe aqui salientar que esse novo quadro funcional observado na velhice não caracteriza necessariamente a existência de doenças. Ele revela a capacidade funcional da pessoa idosa, ou seja, a sua capacidade de manter suas habilidades físicas e mentais no desempenho de suas atividades.

Essa capacidade funcional característica do idoso, por sua vez, implica em restrições no uso do espaço urbano, dentre as quais destacamos a instabilidade postural e a possibilidade de queda. Ambas, de acordo com Neto (1999, p. 17) “[...] representam a principal causa de incapacidade entre os idosos.” A fim de evitar quedas e demais acidentes, é necessário que exista um equilíbrio entre a capacidade funcional do idoso e a atividade a ser desempenhada por ele. Quando o desequilíbrio é verificado e ocorre a queda, esta pode estar associada, segundo Neto (1999), a fatores intrínsecos – relacionados aos aspectos próprios do envelhecimento, associados ou não a patologias – e/ou a fatores extrínsecos – dizem respeito aos aspectos ambientais. Embora Neto (1999) tenha vinculado esses fatores intrínsecos e extrínsecos à instabilidade postural e queda, eles atuam em toda e qualquer relação de apropriação e uso direto entre o idoso e o meio. Assim, sendo os fatores intrínsecos relacionados à capacidade funcional da pessoa idosa e/ou de ordem pessoal, abordaremos, em virtude do foco do presente estudo, os fatores extrínsecos, ou seja, os fatores ambientais.

Como já observamos, os fatores extrínsecos reúnem as condições de uso do espaço utilizado. Mas quais são esses fatores ambientais? Perracini (2002) listou alguns aspectos básicos relacionados ao espaço adequado ao idoso, sendo eles acessibilidade (uso irrestrito), conforto (espaços adequados à circulação e orientação), comunicação (aspectos sensoriais, na relação indivíduo meio, e interação social), segurança (sem riscos de acidentes), confiabilidade (espaços

previsíveis) e privacidade (respeito à individualidade). Esses aspectos, por sua vez, podem ser enquadrados nas necessidades espaciais do idoso, estabelecidas por Hunt (1991): as necessidades físicas, informativas e sociais.

- Necessidades físicas: relacionadas aos aspectos físicos do indivíduo e do meio. Segundo Hunt (1991), as necessidades físicas em prol do idoso contemplam sua saúde física, segurança e conforto. Assim, o espaço adequado à pessoa idosa deve ser livre de barreiras físicas, de fácil manutenção, amigável, adequado à capacidade funcional do idoso – propício à execução de atividades – e seguro.

- Necessidades informativas: dizem respeito à maneira através da qual o idoso processa as informações do ambiente. Estão diretamente ligadas à percepção e cognição da pessoa idosa. Enquanto a percepção é o processo de recebimento da informação, a cognição permite que a informação seja organizada e lembrada. Logo, diante da diminuição da velocidade de compreensão das informações, observada na velhice, são necessários espaços legíveis e compreensíveis aos idosos e que estimulem seus sentidos (HUNT, 1991).

- Necessidades sociais: contemplam a necessidade de interação do idoso com o meio social e de seu reconhecimento próprio enquanto indivíduo pertencente e atuante nesse meio. De acordo com Hunt (1991), os espaços em geral devem atender a demanda da pessoa idosa tanto por sua privacidade quanto por seu convívio social e contribuir para a manutenção de seus laços locais.

Identificadas as necessidades espaciais da pessoa idosa, é necessário estabelecer as características do espaço que atendem a essas demandas, ou seja, os fatores ambientais. A relação entre o indivíduo e os fatores ambientais foi estabelecida por Fitch (1978), na Figura 04.

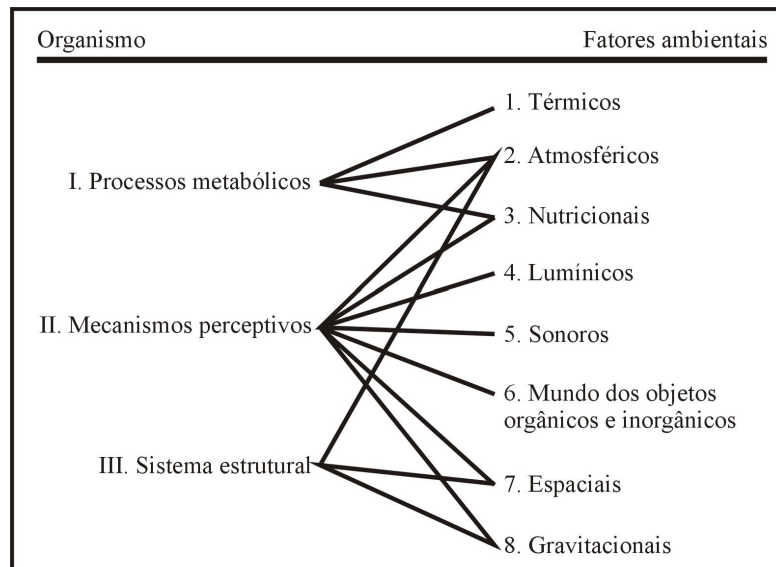


Figura 04 – Relação entre o ser humano e seu ambiente. Adaptado de Fitch (1978).

Segundo Fitch (1978), o organismo se relaciona com os fatores ambientais através dos processos metabólicos (processos fundamentais do metabolismo), dos mecanismos perceptivos (os cinco sistemas sensoriais) e, por fim, do sistema estrutural (estrutura do corpo). Quanto aos fatores ambientais listados por Fitch (1978), há a menção a aspectos físicos (térmicos, atmosféricos, nutricionais, mundo dos objetos orgânicos e inorgânicos, espaciais e gravitacionais), informativos (lumínicos e sonoros) e, indiretamente, a sociais (sonoros e espaciais), estabelecidos por Hunt (1991).

Assim, verificamos que as necessidades identificadas por Hunt (1991) permeiam tanto os aspectos básicos espaciais definidos por Perracini (2002) quanto os fatores ambientais listados por Fitch (1978). Sendo assim, para a presente pesquisa, partimos das necessidades básicas do idoso, segundo Hunt (1991), condensando as classificações de Fitch (1978) e Perracini (2002). Por conseguinte, chegamos à consideração dos seguintes fatores ambientais relacionados às necessidades da pessoa idosa, existentes no espaço urbano:

- Acesso: fator ambiental relacionado às necessidades físicas/informativas estabelecidas por Hunt (1991). Remete às condições de acessibilidade¹¹ (deslocamento, orientação, comunicação e uso) do espaço, favorecendo, sobretudo, a independência do idoso junto ao ambiente por ele apropriado (DISCHINGER; BINS ELY, 2006 *apud* DORNELES, 2006).

São considerados fatores ambientais relacionados ao acesso, os fluxos não somente de idosos, mas também de indivíduos das demais faixas etárias e veículos, as barreiras físicas e informacionais e os pontos de embarque em táxi e ônibus.

- Conservação: fator ambiental relacionado às necessidades físicas estabelecidas por Hunt (1991). Denuncia o estado de conservação, bem como transformações, ou seja, as modificações ocorridas no espaço físico (pisos, mobiliário, edificações ou áreas verdes).

- Conforto: fator ambiental relacionado às necessidades físicas estabelecidas por Hunt (1991). Engloba questões ligadas ao conforto ambiental como um todo (áreas de sombra decorrentes de vegetação ou do gabarito das edificações existentes no entorno do elemento urbano analisado, iluminação noturna, ruído, temperatura, umidade), ao conforto proporcionado ao usuário por equipamentos no espaço urbano (sanitários e telefones públicos) e mobiliário (bancos e mesas, mobiliário específico que acaba por conformar áreas de permanência e/ou descanso).

- Social: fator ambiental relacionado às necessidades sociais estabelecidas por Hunt (1991). Envolve a interação social (como a identificação de um lugar como ponto de encontro entre amigos) ou a simples possibilidade de ver o movimento das pessoas. Dentro desse fator ambiental, são consideradas áreas de concentração de idosos e de indivíduos das demais faixas etárias no espaço urbano.

- Segurança: fator ambiental relacionado às necessidades sociais estabelecidas por Hunt (1991). Diz respeito ao sentimento de segurança (furtos e assaltos, por exemplo) no espaço e

160_____

¹¹ De acordo com Bins Ely (2005), acessibilidade espacial consiste no conjunto de condições que permitem aos indivíduos orientar-se e deslocar-se no espaço, assim como fazer uso dos equipamentos e participar das atividades com independência, conforto e segurança.

possibilidade de vigilância (policimento fixo e móvel, olhares alheios oriundos principalmente de residências localizadas no entorno do elemento urbano analisado e/ou iluminação noturna).

Possibilitar o uso do espaço urbano pela pessoa idosa constitui um auxílio direto à manutenção dos seus laços locais bem como da identidade da cidade. Por isso, a verificação dos fatores ambientais – estabelecidos para esta pesquisa em acesso, conservação, conforto, social e segurança – que influenciam na utilização atual de um lugar pelos idosos possui extrema importância.

2.3.4 Aspectos formais/espaciais da cidade: componentes morfológicos

Mesmo abstratos em alguns casos (como a interação entre pessoas ou o sentimento de segurança, por exemplo), os fatores ambientais (acesso, conservação, conforto, social e segurança) encontram reflexos na constituição formal/espacial dos lugares, tornando-os importantes fontes concretas de informações acerca de sua apropriação pelo ser humano. Assim, esse vínculo entre os fatores ambientais e os componentes morfológicos de um determinado elemento urbano é pautado nos fixos (formas) e fluxos (espaços) estabelecidos por Duarte (2002). Além disso, quando associados aos elementos urbanos mais significativos para os idosos, esses aspectos formais/espaciais da cidade assumem importância ainda maior, na medida em que podem contribuir ou inibir a apropriação desses lugares pela pessoa idosa e afetar diretamente a manutenção dos seus laços locais. Um idoso, por exemplo, pode vir a não mais utilizar uma praça, com a qual ele possuiu uma relação de afeto durante toda a sua vida, porque a vegetação arbórea, que propiciava áreas de sombra junto aos bancos onde ele gostava de se sentar, foi removida.

Mas quais são as propriedades formais/espaciais de um determinado lugar, relacionadas aos fatores ambientais ali existentes que interferem no processo de apropriação pelo idoso?

A análise das categorias morfológicas estruturais do espaço urbano, propostas por Triandafyllidis e Schmidt (1980) *apud* Kohlsdorf (1996) nos permite estabelecer os elementos morfológicos concordantes com os propósitos da presente pesquisa. Essas categorias compõem uma técnica de

caracterização do espaço urbano, criada a partir de analogias entre o espaço urbano e a arquitetura, tendo como base de análise a configuração plástica dos elementos da cidade, naturais ou não. De acordo com Tied e Schmidt (1980) *apud* Kohlsdorf (1996), são categorias morfológicas estruturais do espaço urbano:

- Categoria Sítio Físico: engloba a paisagem natural, considerando o solo, sistema hídrico, vegetação e clima.

- Categoria Planta Baixa: realização de um corte analítico no espaço, projetado ortogonalmente sobre um plano horizontal. Assim, tem-se uma representação geométrica bidimensional, sobre a qual são analisados os tipos de malha e de parcelamento e as relações entre cheios e vazios (entre o solo e os volumes sobre ele dispostos).

- Categoria Conjunto de Planos Verticais: tem como base de análise as projeções ortogonais da cidade no plano vertical, o *skyline* da cidade. Nela, são consideradas as linhas de coroamento e de força, acompanhando a silhueta da composição urbana, e o sistema de pontuações, demarcando os pontos mais sobressalentes entre as alturas observadas.

- Categoria Edificações: diz respeito à composição morfológica dos edifícios, focando a volumetria, as fachadas, as coberturas e as relações intervolumétricas, da edificação com o lote e o espaço público e entre temas-base e temas-destaque, esta referente à existência de uma informação plástica destaque na paisagem.

- Categoria Elementos Complementares: considera os demais elementos formais/espaciais do espaço urbano, sendo eles os elementos de informação (sinalização e propaganda), as pequenas construções e o mobiliário urbano.

- Categoria Estrutura Interna do Espaço: síntese das demais categorias, sua análise parte da escala urbana, da totalidade da área de trabalho. Aqui, são considerados o todo e suas partes, a inserção no entorno imediato, as conexões (acessos) e a constituição plástica das unidades morfológicas (elementos intervolumétricos, como ruas, praças e avenidas).

De acordo com Kohlsdorf (1996), devido ao seu cunho genérico, essa classificação possui ampla aplicação, sendo passível de utilização, por exemplo, na comparação entre diferentes áreas da cidade ou até mesmo de um mesmo elemento em épocas distintas. Sendo assim, na presente pesquisa, elas serão especificadas, de acordo com a escala de trabalho e com os componentes espaciais dos elementos urbanos apropriados pelos idosos que pretende-se abordar. Assim, são considerados componentes morfológicos:

- Componentes Naturais: relacionados à categoria morfológica Sítio Físico, reúnem os elementos pertencentes à paisagem natural, como topografia, sistema hídrico, vegetação e clima.

- Componentes Edificados: englobando as categorias morfológicas Plano Horizontal, Plano Vertical e Elementos Urbanos, estão relacionados à composição formal e volumetria dos elementos urbanos analisados e de seus entornos imediatos, considerando edificações isoladas ou em conjunto e monumentos.

- Componentes Complementares: vinculados diretamente à categoria morfológica Elementos Complementares, mas direcionados somente ao mobiliário urbano, em especial às áreas de permanência e/ou descanso dos idosos (bancos e mesas).

- Componentes Intervolumétricos: relacionados à categoria morfológica Estrutura Interna do Espaço, consideram a composição espacial dos elementos urbanos analisados e de seus entornos imediatos, como ruas e praças.

Estabelecidos os componentes morfológicos considerados neste trabalho, temos o fechamento da análise da apropriação, como mostra a Figura 05:

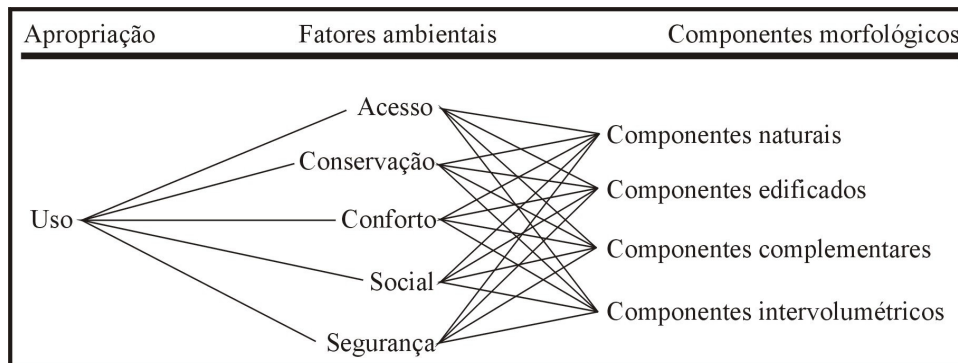


Figura 05 – Relação apropriação/fatores ambientais/componentes morfológicos.

Nesta figura, notamos uma gama de relações possíveis entre a apropriação de um determinado elemento urbano, os fatores ambientais que incidem sobre esse lugar e os componentes morfológicos que dele fazem parte. Assim, é possível analisar a influência da composição formal/espacial de um lugar a partir de sua apropriação, tanto no presente quanto ao longo de um determinado período.

Os componentes morfológicos constituem um importante instrumento na identificação das características formais/espaciais dos elementos urbanos e de seus entornos, relacionadas aos fatores ambientais que, por sua vez, influenciam a apropriação do espaço urbano pelo idoso, caracterizando os lugares mais importantes ao longo de sua vida, guardados na sua memória.



Fonte: Acervo próprio. Adaptado de: www.ufsc.br/~esilva/

Tanto a verificação teórica da hipótese formulada – e seu conseqüente estabelecimento como pressuposto – quanto a verificação da possibilidade de sua aplicação na análise da apropriação, realizadas no capítulo anterior, tornam possível a elaboração de um procedimento de análise da apropriação formal/espacial do espaço urbano com base na possibilidade de identificação dos elementos urbanos portadores da identidade formal/espacial da cidade a partir da memória do idoso, objetivo principal desta pesquisa. São, então, definidos, neste capítulo, a estrutura do procedimento, bem como detalhados os métodos e técnicas empregados.

3.1 Estrutura

A estruturação do procedimento de análise se deu de maneira similar à utilizada na fundamentação teórica, contemplando desde a evidenciação do pressuposto estabelecido até sua aplicabilidade na análise da apropriação formal/espacial do espaço urbano pela pessoa idosa. Para tanto, este instrumento foi estruturado em 4 momentos.

- 1º momento.

O 1º momento constitui a evidenciação prática do pressuposto: é possível identificar os elementos portadores da identidade formal/espacial da cidade a partir da memória do idoso. Como observamos no capítulo 1, este pressuposto está fundamentado na carga cultural comum entre o idoso e cidade, presente no conhecimento da pessoa idosa e nas formas e espacialidades dos elementos urbanos mais significativos. Tal constatação, por sua vez, nos permite afirmar que é possível identificar os elementos urbanos portadores da identidade formal/espacial da cidade a partir da memória do idoso, ou seja, que os elementos urbanos presentes na memória do idoso são os elementos portadores da identidade da cidade. Mas de que forma esses elementos foram memorizados pela pessoa idosa?

A resposta para essa questão encontra-se na própria vivência do indivíduo, sendo esses elementos os lugares que fizeram parte e marcaram sua vida, enfim, dos quais ele se apropriou. Esses lugares significativos para o idoso, por sua vez, acabam por constituir os seus laços com o

espaço urbano, visto que esses elementos são os ícones culturais da cidade responsáveis por sua identidade formal/espacial.

A partir do estabelecimento do pressuposto, partimos para a adoção de um parâmetro de identidade urbana para a evidenciação prática do mesmo. Como vimos no capítulo 2, o Patrimônio Histórico, por meio dos bens tombados, constitui um exemplo consistente de identidade formal/espacial de uma cidade. Este foi o parâmetro adotado, a ser comparado com os elementos urbanos existentes na memória do idoso.

Uma vez evidenciado o pressuposto, partimos para a sua aplicação junto ao estudo da apropriação formal/espacial do espaço urbano pela pessoa idosa, estudo este desenvolvido ao longo do 2º, 3º e 4º momentos.

- 2º momento.

Este 2º momento compreende uma “ponte” entre o passado e o presente. Aqui, é traçado como objetivo verificar se os laços locais criados pela pessoa idosa com o espaço urbano durante o seu processo de vivência foram mantidos nos dias de hoje, ou seja, se os elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida ainda o são atualmente.

- 3º momento.

Uma vez identificados, dentre os elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida, aqueles que ainda o são atualmente, torna-se necessário verificar quais os fatores que influenciam nesse uso ou não. Estes fatores, como observamos no capítulo 2, podem ser intrínsecos, pessoais, pertencentes ao indivíduo, ou extrínsecos, relacionados ao meio.

Todavia, como esta pesquisa está centrada na influência formal/espacial do espaço urbano na apropriação da pessoa idosa, ela se atém aos fatores extrínsecos, ou seja, ambientais. Assim, o objetivo traçado nesta etapa é verificar a influência dos fatores ambientais na apropriação ou não dos elementos urbanos pelos idosos atualmente.

- 4º momento.

Observados os fatores ambientais que influenciam na apropriação ou não dos elementos urbanos pelos idosos atualmente, cabe ao 4º momento fechar o procedimento de análise aqui proposto. Assim, nesta última etapa, é concretizada a “ponte” memória/apropriação/fatores ambientais/componentes morfológicos, ou seja, são identificados os componentes morfológicos relacionados à apropriação ou não dos elementos urbanos pelos idosos atualmente. A partir desses componentes morfológicos, é possível analisar não somente a constituição formal/espacial atual dos elementos urbanos propícia ou não à apropriação pelos idosos, mas também suas transformações – e, conseqüentemente, o seu zelo pela sociedade em geral – ao longo da vida dos idosos.

3.2 Métodos e técnicas

Os 4 momentos criados, subseqüentes, compõem as etapas do procedimento de análise objetivado pela presente pesquisa, sendo atendidos da seguinte forma pelos métodos e técnicas adotados (Quadro 06):

Métodos e técnicas utilizados no procedimento de análise				
Métodos	1º momento	2º momento	3º momento	4º momento
Documentação indireta	X			X
Entrevista estruturada	X	X	X	
Observação				X
Levantamento <i>in loco</i>				X
Técnicas				
Fotointerpretação				X
Análise regressiva da paisagem				X

Quadro 06 – Métodos e técnicas utilizados no procedimento de análise.

- Método da documentação indireta.

O método da documentação indireta possibilitou a aquisição de documentos textuais que constituíram a base da fundamentação teórica. Já nesta parte prática da pesquisa, esse método é utilizado em virtude da obtenção de documentos não somente textuais, mas também fotográficos da área objeto de estudo. Sua contribuição junto ao procedimento de análise se dá da seguinte maneira:

- 1º momento: uma vez adotado o Patrimônio Histórico como parâmetro da identidade formal/espacial da cidade, obtenção da lista e/ou mapa dos elementos urbanos tombados existentes na área objeto de estudo.

- 4º momento: obtenção de fotografias antigas/históricas dos elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida e de fotografias aéreas da área objeto de estudo, ambas necessárias à aplicação das técnicas de fotointerpretação e análise regressiva da paisagem.

- Método da entrevista estruturada.

Como podemos observar no Quadro 06, a entrevista estruturada dá suporte à maioria das etapas do procedimento de análise, atendendo diretamente aos 3 primeiros momentos. Tal condição não se dá por acaso. A entrevista estruturada constitui o principal método utilizado na pesquisa, uma vez que possibilita o contato direto com os idosos. Inclusive, devido a este fato, ela foi avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEP/UFSC) – segundo o Parecer Final Consubstanciado Projeto nº 181/2006 em anexo (ver Anexo A).

A entrevista estruturada é aqui implementada com o objetivo de identificar os elementos urbanos apropriados ao longo da vida pelos idosos e obter a sua avaliação quanto aos fatores ambientais que influenciam no uso atual desses elementos. Sua contribuição junto ao procedimento de análise se dá da seguinte maneira:




- 1º momento: identificação dos elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida (passado e presente).

- 2º momento: identificação dos elementos urbanos apropriados pelos idosos atualmente.

- 3º momento: verificação da influência, positiva, razoável ou negativa, de cada um dos fatores ambientais analisados, na apropriação dos elementos urbanos pelo idoso. Também é identificado, dentre esses fatores, aquele mais relevante para a apropriação de um elemento urbano.

O método da entrevista estruturada permite obter dados individuais, concordando com o conceito de Halbwachs (2004) da apreensão da memória coletiva a partir da memória individual, observado no capítulo 2. Assim, a memória da coletividade é construída a partir da memória e vivência de cada indivíduo. Além disso, a entrevista, aplicada individualmente, inibe a possível influência de outros nas respostas.

A estruturação da entrevista revela-se um ponto muito importante, visto que o estabelecimento de um roteiro confere maior objetividade quanto aos dados obtidos, intercalando a história de vida dos idosos com os objetivos traçados pela pesquisa e reduzindo, inclusive, o tempo gasto em cada entrevista. Ao longo da evolução do roteiro da entrevista, foram elaborados e aplicados 4 pilotos, o piloto 1 (aplicado em agosto de 2006 a 9 idosos, cujo roteiro, muito extenso, fez com que as entrevistas fossem demoradas e cansativas para os idosos); o piloto 2 (aplicado em outubro de 2006 a 8 idosos, onde foi verificada uma redução considerável no tempo gasto em cada entrevista, com a síntese dos fatores ambientais a serem avaliados pelos idosos – de 14 para 5 fatores); o piloto 3 (aplicado em novembro de 2006 a 10 idosos, levou à constatação da pequena amostra feminina e da necessidade de abordar idosos não somente no espaço público, mais utilizado pelos homens, mas também em outros locais, como instituições asilares e grupos de idosos reunidos em espaços educacionais e/ou religiosos, diversificando ainda mais a amostra); e o piloto 4 (aplicado em janeiro de 2007 a 5 idosos, onde foram realizados ajustes finais, consolidando o instrumento a ser aplicado na amostra definitiva). A cada aplicação, a entrevista estruturada foi redimensionada e reorganizada, no sentido de sintetizá-la e, assim, diminuir o número de perguntas. Com isso, o tempo gasto em cada abordagem foi gradualmente reduzido – chegando a 15 minutos – otimizando e agilizando a obtenção dos dados. Em sua versão final (ver Apêndice A), a entrevista estruturada seguiu o seguinte roteiro (Quadro 07):

Roteiro da entrevista estruturada	
Objetivo	Pergunta realizada ao idoso
Selecionar a amostra, atendendo aos critérios de inclusão estabelecidos	1) Idade: 2) Quanto tempo da sua vida morou na cidade de:
Caracterizar a amostra	3) Sexo: 4) Local (cidade) onde nasceu: 5) Bairro onde mora: 6) Mora em (casa/instituição): 7) Profissão: 8) Nível de escolaridade: 9) Estado civil: 10) Atividade realizada no momento anterior a entrevista:
Passado	
Identificar os elementos urbanos mais importantes na área objeto de estudo ao longo da vida do idoso	11) Quando o (a) senhor (a) pensa na sua vida (lembra da sua vida), quais os 3 primeiros lugares da área objeto de estudo da cidade de vêm à sua memória?
Verificar qual a função de cada um desses elementos urbanos na vida do idoso	12) Qual era a importância de cada um desses lugares na vida do (a) senhor (a)?
Presente	
Identificar os elementos urbanos mais importantes atualmente para o idoso	13) Quais os 3 principais lugares da área objeto de estudo da cidade de que fazem parte da sua vida hoje/atualmente?
Verificar qual a função de cada um desses elementos urbanos na vida do idoso	14) Qual a importância/função de cada um desses lugares na vida do(a) senhor(a)?
Identificar os fatores ambientais que contribuem para o não uso atual dos elementos urbanos citados somente no passado pelo idoso	15) Por que o(a) senhor(a) não citou esse lugar como um dos 3 principais da sua vida atualmente?
Obter a avaliação dos idosos acerca dos fatores ambientais existentes em cada um dos elementos urbanos citados pelo idoso no presente. Opções de avaliação mostradas aos idosos:  Negativo  Razoável  Positivo	16) Qual a sua impressão/opinião, no uso desses lugares pelo senhor hoje, com relação... - à facilidade de acesso ao local; - ao estado de conservação do lugar; - ao conforto; - ao encontro com os amigos e o movimento de pessoas; - à segurança. * Em cada um desses tópicos, há espaço para comentários dos idosos
Identificar o fator ambiental decisivo para o uso de um elemento urbano pelo idoso	17) Dentre esses atributos listados (acesso, conservação, conforto, interação social e segurança), quais é o mais importante para o senhor vir a um lugar da área objeto de estudo da cidade?

Quadro 07 – Roteiro da entrevista estruturada.

Os idosos são abordados individualmente e os dados coletados nas entrevistas inseridos em um quadro de respostas (ver Apêndice B). As entrevistas não são gravadas e, ao final das

mesmas, são assinadas pelos idosos e pelos pesquisadores principal (orientando) e responsável (orientador) um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias¹⁶ (ver Anexo B).

A amostra revela-se estratificada, ou seja, dentro de um grupo pré-determinado é realizada uma abordagem aleatória. Para tanto, são definidos critérios de inclusão e de exclusão. Os critérios de inclusão são estabelecidos com o objetivo de selecionar pessoas idosas que possuem uma vivência urbana considerável junto à cidade escolhida como estudo de caso. São incluídos:

- Indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos, que viveram a maior parte da vida (50% + 1 da idade atual) na cidade.

- Indivíduos encontrados em espaços públicos, instituições asilares e grupos de idosos reunidos em instituições religiosas e/ou educacionais da cidade.

Já os critérios de exclusão respondem a alguns preceitos da pesquisa, como a necessidade de ler e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido fornecido com cada entrevista e não considerar fatores intrínsecos (pessoais ou de ordem exclusivamente funcional) que influenciem na apropriação dos elementos urbanos pelos idosos. São, portanto, excluídos:

- Indivíduos analfabetos.

- Indivíduos com restrições funcionais severas e/ou acamados.

As entrevistas são realizadas em locais, datas e horários específicos, determinados de acordo com a disponibilidade do entrevistador, sendo estes dados reunidos como no exemplo seguinte (Quadro 08):

¹⁶ O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido consiste em um documento estabelecido pelo CEP/UFSC para comprovação da autenticidade dos dados fornecidos pelos idosos, descrição da pesquisa realizada e da participação do entrevistados, e das responsabilidades dos pesquisadores envolvidos.

Coleta da amostra				
Local	Espaço	Data	Horário	Nº de idosos
Tipo de local (espaços públicos, instituições, ...)	Nome do local	Data da realização da entrevista	Período em que foram abordados os idosos	Número de idosos que atenderam aos critérios de inclusão e exclusão

Quadro 08 – Especificação dos locais, datas e horários de coleta da amostra.

Reunindo, pois, todas as abordagens realizadas nestes lugares, datas e horários, chega-se ao número de idosos constituintes da amostra e à caracterização da mesma (Quadro 09).

Caracterização da amostra – (tipo de local)
Número de idosos entrevistados:
Idade média: ... anos (... a ... anos).
Sexo:
Naturalidade:
Bairro onde mora:
Tipo de moradia:
Profissão:
Escolaridade:
Estado civil:
Atividade no momento anterior à entrevista:

Quadro 09 – Caracterização da amostra.

Com base nas características dos idosos da amostra, podemos ter um perfil do grupo ou grupos participantes – por meio não somente da amostra geral, mas também de amostras parciais, obtidas, por exemplo, por sexo ou por tipo de local onde o idoso é abordado – e da abrangência do estudo junto à população idosa da cidade estudo de caso.

- Método da observação e levantamento *in loco*.

Embora a entrevista estruturada seja o único método de contato direto com o idoso, a observação e o levantamento *in loco* também permitem uma proximidade, mesmo que menor e indireta, com a pessoa idosa. Por meio da entrevista estruturada, são identificados os elementos urbanos apropriados pelos idosos e os fatores ambientais que influenciam nessa apropriação. A observação e o levantamento *in loco*, por sua vez, têm como objetivo realizar a “ponte” entre os fatores ambientais avaliados pelos idosos nas entrevistas e os componentes morfológicos

existentes nos elementos urbanos, por meio do uso desses lugares pelos idosos. Sua contribuição junto ao procedimento de análise se dá da seguinte maneira:

- 4º momento: verificação das relações entre os fatores ambientais e os componentes morfológicos de cada elemento urbano apropriado pelos idosos ao longo da vida.

A observação e o levantamento *in loco* são realizados através de uma planilha, concebida de maneira a possibilitar a verificação de relações entre cada um dos fatores ambientais avaliados pelos idosos e os componentes morfológicos dos entornos imediatos dos elementos urbanos apropriados por eles. Para tanto, é observada a presença dos idosos nesses lugares e levantada a constituição formal/espacial desses locais. Esses dois métodos são utilizados na verificação das possíveis ligações entre os fatores ambientais e os componentes morfológicos, da seguinte maneira, como mostra a Figura 06:

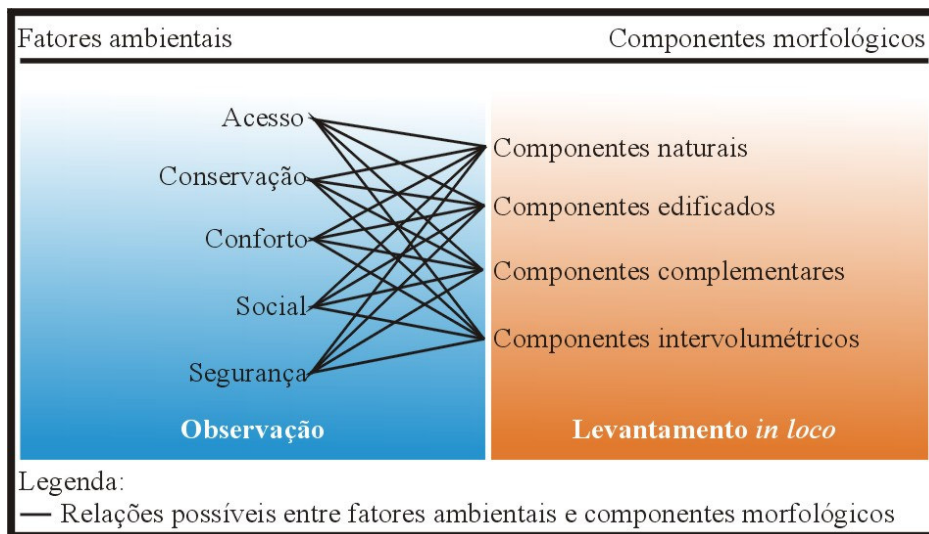


Figura 06 – Utilização da planilha de observação/levantamento *in loco*.

A observação do uso dos elementos urbanos pelos idosos e o levantamento desses lugares possibilitam relacionar os fatores ambientais aos componentes morfológicos. Assim, as ligações entre fatores e componentes são realizadas com base nos aspectos observados e levantados, ou seja, respectivamente, nos fluxos e fixos de Duarte (2002).

Após a aplicação de um piloto em fevereiro de 2007, a partir do qual foram ajustadas as escalas dos mapas de trabalho e sintetizados os dados formais/espaciais a serem obtidos em cada um dos fatores ambientais, a versão final da planilha (ver Apêndice C) foi estruturada conforme o Quadro 10:

Estrutura da planilha de observação/levantamento <i>in loco</i>		
<i>Fator ambiental</i>	Aspectos observados (Fluxos)	Aspectos levantados (Fixos)
Acesso	- Fluxos idosos; - Fluxos demais pedestres; - Fluxos veículos.	- Barreiras físicas; - Pontos de ônibus; - Pontos de táxi.
Conservação	- Presença de idosos; - Presença de pessoas de outras faixas etárias.	- Áreas modificadas; - Áreas degradadas e/ou danificadas.
Conforto	- Sombra; - Ruído.	- Iluminação noturna; - Bancos e mesas; - Telefones públicos; - Sanitários; - Vegetação.
Social	- Área de concentração de idosos (homens); - Área de concentração de idosos (mulheres); - Área de concentração de idosos (mista); - Área de concentração pessoas de outras faixas etárias.	- Bancos e mesas; - Vegetação.
Segurança	- Policiamento móvel.	- Uso residencial; - Uso comercial; - Uso residencial/comercial; - Uso serviços; - Uso institucional; - Policiamento fixo.

Quadro 10 – Estrutura da planilha de observação/levantamento *in loco*.

No Quadro 10, é visível a interação entre os fluxos (aspectos observados) e fixos (aspectos levantados) de Duarte (2002) que, por sua vez, gera a ambiência caracterizadora da relação indivíduo/meio, de Cullen (2004). Logo, a partir dessa ambiência, observada e levantada pela planilha, são recolhidas as informações acerca de cada elemento urbano apropriado pelos idosos da amostra.

Posteriormente, de posse dos conceitos atribuídos pelos idosos aos fatores ambientais na entrevista estruturada, são identificados, dentre os fixos e fluxos listados no Quadro 10, os componentes morfológicos, ou seja, as características formais/espaciais relacionadas aos conceitos atribuídos em cada um deles – acesso, conservação, conforto, social e segurança. Os componentes morfológicos considerados nesta pesquisa encontram-se dispostos no Quadro 11:

Componentes morfológicos considerados na pesquisa	
Componentes morfológicos	Aspectos considerados dentre os fixos e fluxos levantados e observados
Componentes naturais	- Topografia; - Sistema hídrico; - Vegetação; - Clima.
Componentes edificados	- Composição formal; - Tipologia; - Volumetria.
Componentes complementares	- Mobiliário urbano (voltados à conformação de áreas de permanência e/ou descanso dos idosos, como bancos e mesas).
Componentes intervolumétricos	- Composição formal de ruas, praças e demais logradouros.

Quadro 11 – Componentes morfológicos considerados na pesquisa.

Reunidos, os Quadros 10 e 11 dão origem a fichas referentes a cada um dos elementos urbanos apropriados pelos idosos. Essas fichas adotaram o seguinte modelo (Figura 07).

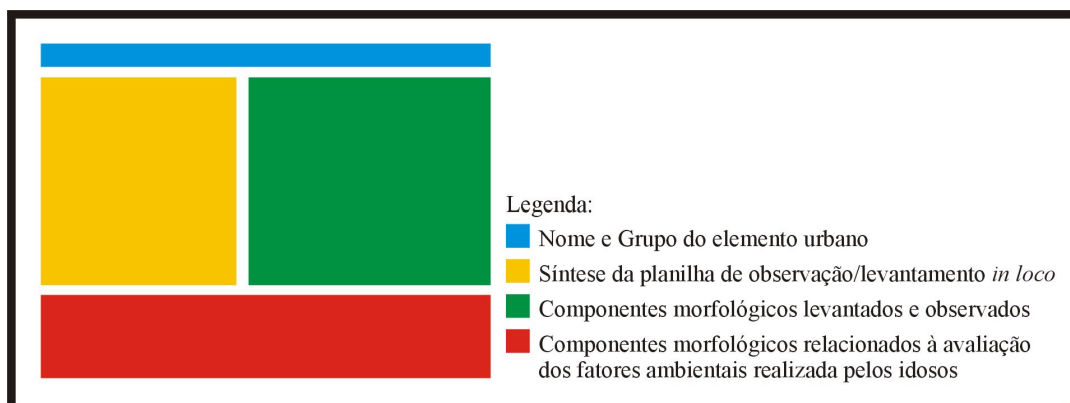


Figura 07 – Esquema das fichas da relação fatores ambientais/componentes morfológicos.

Na ficha de cada elemento urbano consta, primeiramente, a síntese da planilha de observação/levantamento in loco, com os dados formais/espaciais obtidos – os fixos e fluxos de Duarte (2002) – relacionados a cada um dos fatores ambientais (como visto no Quadro 10). Em seguida, são intercalados esses dados com os conceitos atribuídos pelos idosos aos fatores ambientais nas entrevistas estruturadas. Assim, são identificados, em cada elemento urbano, os componentes morfológicos que contribuem ou inibem a sua apropriação pelo idoso.

Por fim, a planilha deve ser aplicada preferencialmente em 3 dias diferentes, sendo eles o sábado, o domingo e outro dia ao longo de toda a semana, em períodos matutinos, vespertinos e noturnos. Logo, são realizados um levantamento e nove observações em cada um dos elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida.

Paralelamente à planilha, é também realizado o levantamento fotográfico desses elementos, a ser utilizado nas técnicas de fotointerpretação e análise regressiva da paisagem.

- Técnica da fotointerpretação.

A fotointerpretação consiste na análise e identificação de objetos ou situações específicas em fotografias aéreas ou outros sensores (WOLF *apud* LOCH, 1993). Sua contribuição junto ao procedimento de análise se dá da seguinte maneira:

- 4º momento: identificação, nas fotografias atuais dos elementos urbanos analisados, dos componentes morfológicos associados aos fatores ambientais e, conseqüentemente, à apropriação dos elementos urbanos pelos idosos. Com isso, é possível avaliar de que maneira a cidade (o espaço urbano) contribui formal e espacialmente para a apropriação desses elementos pela pessoa idosa.

A fotointerpretação é aqui utilizada juntamente com a análise regressiva da paisagem no intuito de verificar se a sociedade zelou pelos componentes morfológicos relacionados à apropriação dos elementos urbanos pelos idosos da amostra. Tal objetivo é alcançado por meio da análise das transformações ocorridas nesses componentes ao longo da vida desses idosos. Assim,

uma vez identificados os componentes morfológicos que influenciam a apropriação de cada elemento urbano – por meio da planilha de observação/levantamento *in loco* – eles são verificados, com o auxílio da fotointerpretação, em fotografias atuais obtidas no levantamento *in loco*. Dessa forma, os componentes naturais, edificados, complementares e intervolumétricos atuantes no enlace do idoso com cada lugar, constatados nessas fotografias, constituem o ponto inicial da análise regressiva da paisagem, a próxima técnica a ser aplicada.

- Técnica da análise regressiva da paisagem.

Também denominada análise histórica, a análise regressiva da paisagem possibilita visualizar impactos ou modificações ocorridas ao longo do tempo. Através desse tipo de análise, podem ser identificados processos de transformação física/espacial promovidos tanto pelo meio natural – relacionadas ao relevo, tipo de solo e vegetação – quanto pelo indivíduo – vinculadas à proximidade e constituição de centros urbanos e instalação de projetos. Sua realização implica na organização temporal das fotografias obtidas, definição de um referencial temporal e análise das alterações ocorridas em comparação a este referencial (ZAMPIERI; SILVA; LOCH, 2000). Sua contribuição junto ao procedimento de análise se dá da seguinte maneira:

- 4º momento: verificação das transformações ocorridas nos componentes morfológicos dos elementos urbanos apropriados pelos idosos, ao longo da vida média da amostra entrevistada. Assim, é possível verificar de que maneira a sociedade em geral tem zelado pela preservação dos componentes morfológicos relacionados à apropriação atual dos elementos urbanos pelos idosos.

Haja vista que o objetivo dessa implantação da técnica da análise regressiva da paisagem é analisar o histórico de cada componente morfológico ao longo da vivência do idoso, é determinado como período de análise o tempo de vida médio dos idosos da amostra. A partir daí, é reunido, por meio da documentação indireta, o material fotográfico antigo/histórico referente a cada um dos elementos urbanos apropriados pelos idosos da amostra, pertencente a esse período. Em seguida, essas fotografias são selecionadas e agrupadas com base nas décadas mais significativas ao longo da evolução urbana da área objeto de estudo e organizadas em uma linha

do tempo que tem como ponto inicial a década atual, conforme podemos observar no esquema a seguir (Figura 08):

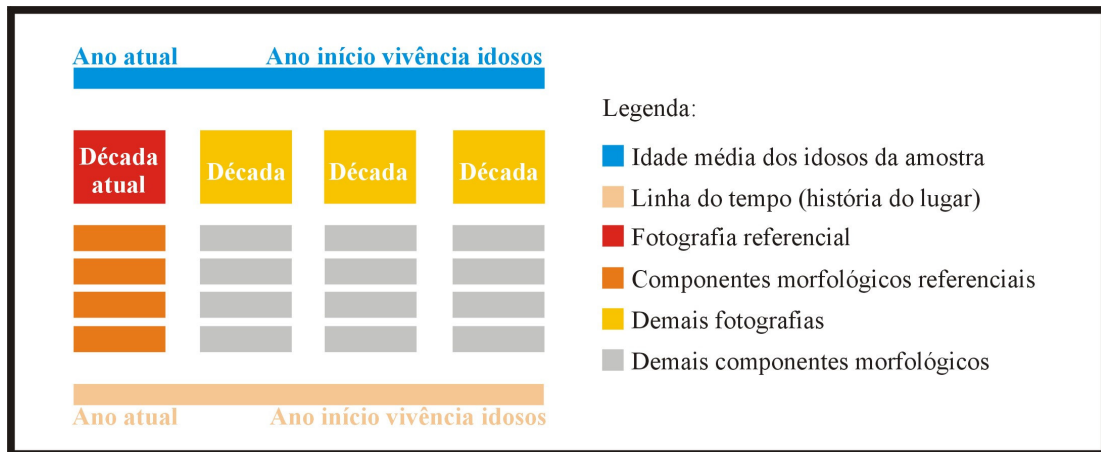


Figura 08 – Esquema base da análise regressiva da paisagem.

Dessa forma, os componentes morfológicos relacionados à apropriação de cada elemento urbano pelos idosos, verificados nas fotografias atuais por meio da fotointerpretação, são base para a comparação com as fotografias das outras épocas, ou seja, são os componentes referenciais para a análise regressiva da paisagem.

Ainda na Figura 08, podemos perceber a grande importância do conhecimento acerca da história da cidade, da área objeto de estudo e dos lugares apropriados pelos idosos, tanto na determinação das décadas das fotografias quanto para a própria análise. Por fim, cabe ressaltar também que esta técnica é aqui adotada principalmente em fotografias atuais e antigas/históricas dos elementos urbanos. Todavia, a utilização de fotografias aéreas em paralelo também é válida, na medida em que elas podem fornecer dados mais gerais da área de inserção do elemento estudado.



Fonte: Acervo próprio. Adaptado de: www.ufsc.br/~esilva/

Uma vez estruturado o procedimento de análise da apropriação formal/espacial do espaço urbano pela pessoa idosa com base no pressuposto teórico (é possível identificar os elementos urbanos portadores da identidade formal/espacial da cidade a partir da memória do idoso), é testada, aqui, a validade de sua construção¹², por meio de sua aplicação em um estudo de caso. Neste capítulo é, pois, estudada a evolução urbana da cidade escolhida, definida a área objeto de estudo, caracterizada a amostra de idosos respondentes e, por fim, aplicado o procedimento de análise.

4.1 Estudo de caso: cidade de Florianópolis – SC

As cidades brasileiras de médio a grande porte são mais indicadas à aplicação desta pesquisa, em virtude de processos de intenso crescimento e perda de seus elementos urbanos mais significativos. Assim, foi escolhido como estudo de caso a cidade de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, Brasil, cuja localização encontra-se na Figura 09.

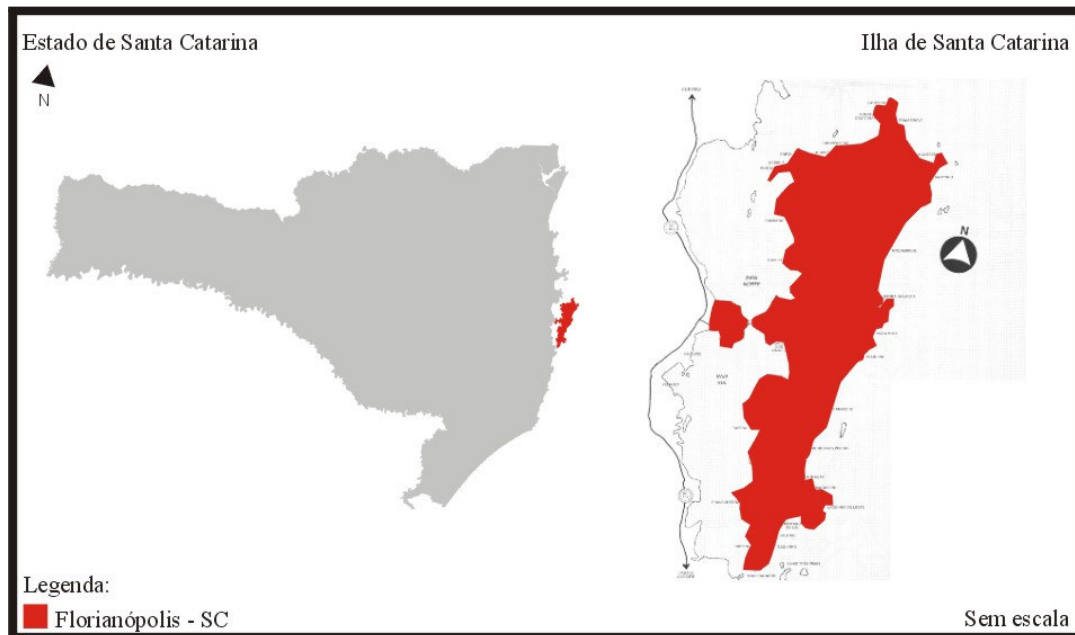


Figura 09 – Localização da cidade de Florianópolis no Estado de Santa Catarina e delimitação do município.

Adaptado de: <http://www.sc.gov.br/conteudo/santacatarina/geografia/paginas/mapas.htm>
e http://www.florianopolistur.com.br/mapa_ilha.htm

¹² Segundo Tuckman (2000) *apud* Bento (2007), a validade de construção, ou de constructo, de um instrumento, é demonstrada a partir da relação entre o conceito e a manifestação a ele vinculada pela hipótese formulada, ou seja, se o instrumento de pesquisa “atende/mede” o que se propõe.

A cidade de Florianópolis encontra-se no litoral do Estado de Santa Catarina, possuindo duas partes: uma continental, com uma área de 12,1 km², e uma insular, com uma área de 436,5 km²¹³. Cidade de médio porte, Florianópolis possui uma população estimada em cerca de 342.315 habitantes, dentre os quais tem-se 28.816 idosos¹⁴. Logo, com mais de 8% de sua população acima dos 60 anos de idade, ela pode ser incluída na condição de cidade envelhecida¹⁵ estabelecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Além disso, seu espaço urbano tem sofrido modificações consideráveis, em decorrência não somente de um crescimento da população nativa, mas, principalmente, de um processo migratório. Esses fenômenos, aliados à especulação imobiliária, demolições, implantação de novos usos e decisões políticas, podem por vezes afetar os elementos urbanos mais significativos para os idosos e, conseqüentemente, para a própria cidade. Assim, a aplicação do procedimento de análise em Florianópolis se justifica, no sentido de evidenciar os verdadeiros ícones formais/espaciais responsáveis pela manutenção dos laços locais da pessoa idosa e preservação da identidade da cidade.

A delimitação da área objeto de estudo se deu baseada em um dos primeiros focos de povoamento do local. Por possuírem um número considerável de elementos urbanos vinculados à cultura e história de seus habitantes, esses lugares são extremamente importantes para a evidenciação do pressuposto estabelecido, bem como de sua aplicabilidade no estudo da apropriação, em suma, para o teste do procedimento de análise aqui proposto. Como observamos no capítulo 2, esses focos, caracterizados pelos sítios históricos urbanos, quando associados ao centro da cidade, configuram o seu Centro Histórico. Tal fato é recorrente em grande parte das cidades brasileiras, onde é verificada a coincidência entre os sítios históricos urbanos e os centros urbanos. A cidade de Florianópolis confirma essa constatação, uma vez que o seu Centro Histórico está contido em seu atual centro urbano, localizado em sua porção insular, como podemos verificar na Figura 10:

160

¹³ Dados obtidos no site <http://www.sc.gov.br/conteudo/municipios/framesetmunicipios.htm>.

¹⁴ Dados obtidos junto ao Censo Demográfico do IBGE (2000).

¹⁵ De acordo com a OMS, são consideradas cidades envelhecidas aquelas que possuem 7% ou mais de sua população acima dos 60 anos de idade.

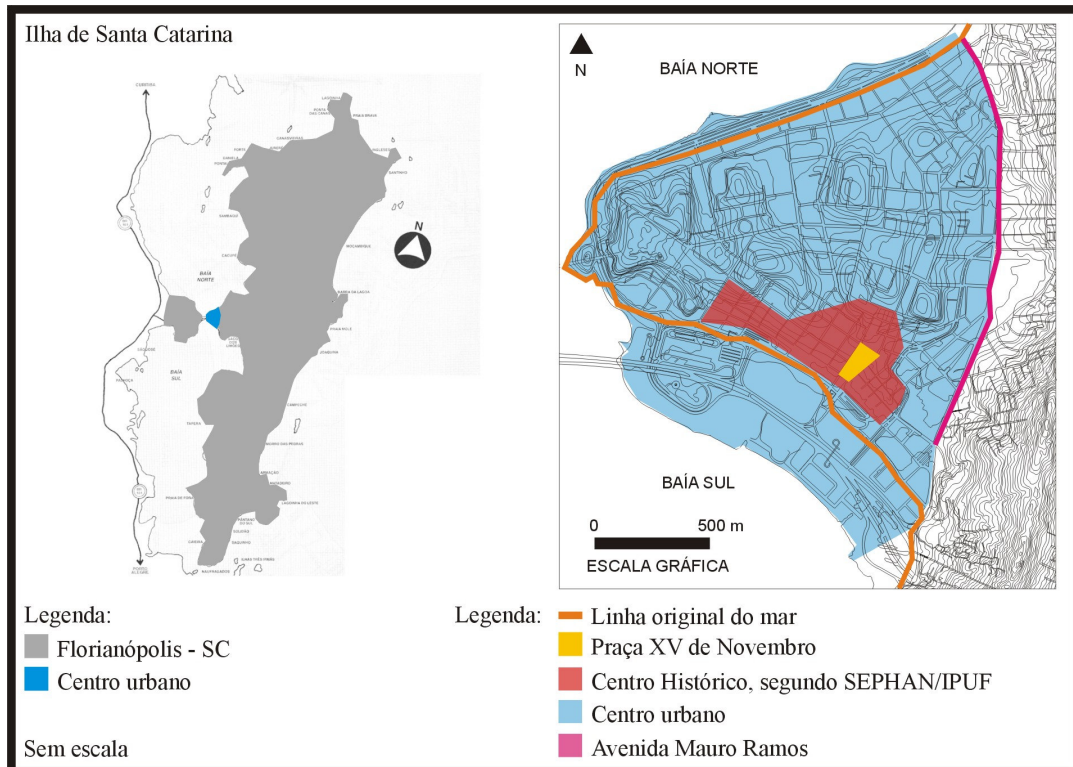


Figura 10 – Localização do centro urbano e do centro histórico da cidade de Florianópolis. Adaptado de Dias (2005).

Embora existam variações quanto aos limites do Centro Histórico, há um consenso quanto à gênese do povoamento da cidade, localizada na área estabelecida pelo Serviço do Patrimônio Histórico Artístico e Natural do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (SEPHAN/IPUF). O povoado de Nossa Senhora do Desterro, um dos primeiros da região, foi fundado em 1662 pelo bandeirante paulista Francisco Dias Velho. Sua ocupação foi inicialmente lenta. A primeira casa do fundador e a igreja de Nossa Senhora do Desterro surgiram em 1673, assim como as edificações mais importantes da época, constituindo, junto à praça, atual Praça XV de Novembro (em amarelo nas Figuras 10 e 11), o centro do povoado (VEIGA, 1993).

De acordo com Veiga (1993), o crescimento lento do local somente foi alterado com a sua elevação a vila, em 1726, e conseqüente implementação de uma maior estrutura não somente política, mas também econômica e social. Aos poucos, o centro urbano foi sendo moldado a partir da Praça XV de Novembro e de seu entorno imediato, com a disposição de vias – em geral, acompanhando o contorno da praia – e através das construções da Igreja Matriz (1749), da Ordem Terceira de São Francisco (1803) e do Palácio do Governo (1765), bem como das

primeiras edificações em alvenaria. O crescimento da vila continuou, até meados do século XVIII, nas áreas livres próximas à praia. A partir do século XIX, as vias, aos poucos, foram direcionadas para a baía norte (rumo às fortificações). Essas características são visíveis na planta da vila de Desterro, levantada pelo tenente Coelho Peniche em 1823, ilustrada na Figura 11.

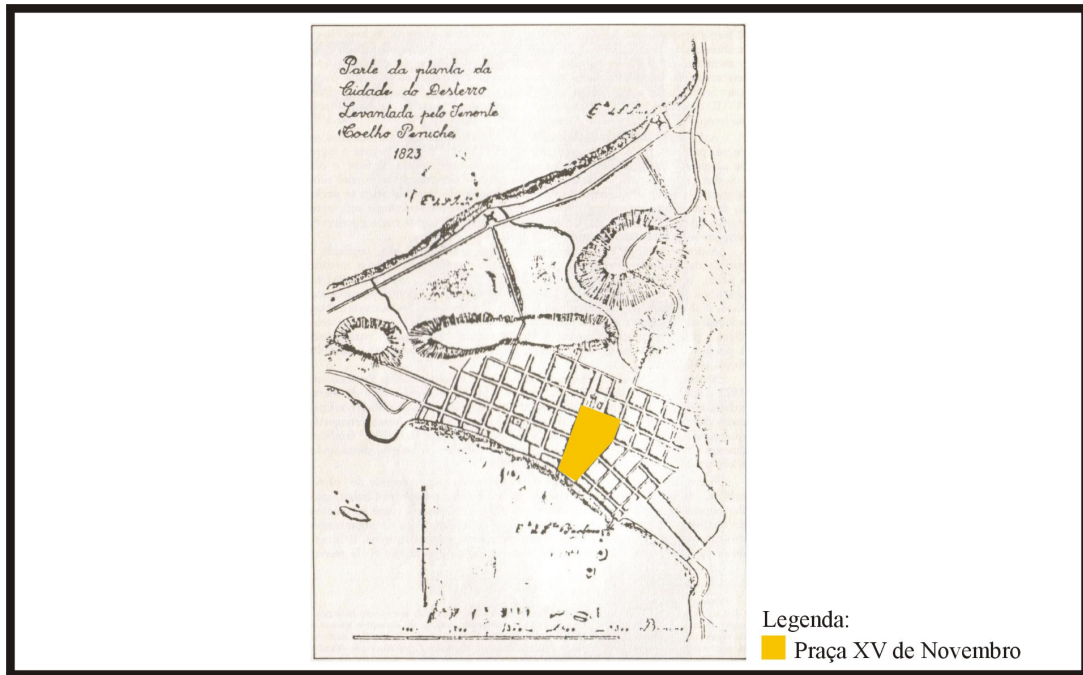


Figura 11 – Planta de vila de Desterro, em 1823. Adaptado de: Peluso e Victor apud Vaz, 1991.

Nessa planta – datada do ano em que a vila foi elevada à categoria de cidade e capital da Província de Santa Catarina – podemos observar a influência das vias, traçadas perpendicularmente a partir da linha da praia, na conformação da Praça XV de Novembro, bem como o estabelecimento de trama urbana quadriculada, característica do Centro Histórico. Por fim, a expansão urbana aumentou ainda mais no século XX, com a construção da primeira comunicação viária com o continente na década de 1920, a Ponte Hercílio Luz. Após a década de 1960, esse crescimento foi ainda mais abrupto. O centro da cidade passou por alterações consideráveis, em decorrência da criação dos aterros da baía norte e da baía sul (ver linha original do mar na Figura 10) e a estruturação urbana, no passado guiada pela atividade portuária, se colocou em função da rede viária, com a construção de novas avenidas e das duas pistas de uma segunda ligação com o continente, a Ponte Governador Colombo Machado Salles, na década de 1970 (VAZ, 1991).

A análise da evolução urbana de Florianópolis nos permite concluir que o Centro Histórico da cidade constituiu seu núcleo gerador, sendo ponto de partida de todo o seu crescimento e comportando elementos urbanos essenciais à manutenção e transmissão da cultura e identidade locais. Além disso, a aplicação do procedimento de análise no centro da cidade torna-se ainda mais importante diante do processo evasivo pelo qual passam praticamente todas as áreas centrais das cidades de médio a grande porte brasileiras, com o deslocamento das residências para regiões periféricas. Logo, foi escolhido o centro urbano da cidade de Florianópolis como área objeto de estudo, já delimitado na Figura 10, e visualizada na Figura 12.



Figura 12 – Área objeto de estudo em perspectiva. Fonte: <http://www.tice.enseeg.inpg.fr/portailri/images/florianopolis.jpg>

Por conseguinte, a adoção do centro urbano da cidade de Florianópolis – delimitado pelas baías norte e sul e pela Avenida Mauro Ramos a leste (ver Figura 10) – como área objeto de estudo, atende prontamente ao procedimento de análise proposto, seja pela incorporação do Centro Histórico, seja pela possibilidade de um estudo da apropriação numa área central de uma cidade desse porte e com os problemas relacionados ao seu rápido crescimento.

4.2 Caracterização da amostra

A caracterização da amostra de idosos respondentes à entrevista estruturada revela-se de extrema importância para a pesquisa, uma vez que todo o procedimento de análise proposto é

fundamentado nas memórias dessas pessoas. Por isso, reconhecer as características dos idosos entrevistados permite identificar os grupos alcançados e, assim, verificar a abrangência do estudo junto à população idosa da cidade.

A amostra definitiva da entrevista estruturada foi composta por 30 idosos: amostragem não significativa¹⁷. Todavia, a pesquisa aqui desenvolvida, focada nas informações contidas na memória do idoso, possui um caráter predominantemente qualitativo, cujo objetivo principal é consolidar o procedimento de análise. Este instrumento, uma vez validado, poderá ser aplicado futuramente a um número maior de idosos, a fim de verificar se existirão alterações quanto aos dados obtidos, podendo fornecer um panorama mais exato da apropriação formal/espacial do espaço urbano de Florianópolis pela pessoa idosa.

As entrevistas foram realizadas em locais, datas e horários específicos (Quadro 12).

Coleta da amostra (N=30)				
Local	Espaço	Data	Horário	Nº de idosos
Espaços públicos	Praça XV	30/01/2007	09:00 às 17:00 h.	09
Espaços públicos	Largo da Alfândega	30/01/2007	09:00 às 15:00 h.	06
Espaços públicos	Rua Felipe Schmidt	30/01/2007	10:00 às 11:00 h.	02
Espaços públicos	Rua Deodoro	30/01/2007	14:00 às 15:00 h.	02
Espaços públicos	Avenida Hercílio Luz	02/02/2007	11:00 às 12:00 h.	01
Instituição asilar	Asilo Irmão Joaquim	02/02/2007	15:00 às 14:00 h.	01
Instituição asilar	Asilo Irmão Joaquim	06/02/2007	14:00 às 16:30 h.	04
Instituição de ensino superior	Núcleo de Estudos da Terceira Idade da UFSC - NETI	19/03/2007	14:00 às 16:30 h.	03
Instituição de ensino superior	Núcleo de Estudos da Terceira Idade da UFSC - NETI	20/03/2007	14:00 às 15:00 h.	02

Quadro 12 – Especificação dos locais, datas e horários de coleta da amostra.

¹⁷ Como já observamos, a cidade de Florianópolis possui, segundo o censo 2000 (IBGE), 28816 idosos. Todavia não há fontes relacionadas à população total de idosos passíveis de participação nesta pesquisa, ou seja, de idosos que viveram a maior parte de suas vidas na cidade. Assim, não é possível determinar um universo, a partir do qual ter-se-ia uma amostragem significativa.

Ao determinarmos os critérios de inclusão e exclusão, bem como os locais, datas e horários de coleta da amostra, chegamos ao número total de 30 idosos selecionados para a entrevista, ou seja, de todos os idosos presentes nesses locais, nessas datas e horários, somente 30 atendiam aos critérios de inclusão e exclusão. Por conseguinte, foram caracterizadas as amostras parciais, em cada tipo de local, e a amostra geral obtidas.

Primeiramente, temos a amostra dos espaços públicos da cidade, no Quadro 13. Essa amostra é extremamente importante, visto que ela revela, em parte, a utilização do espaço urbano pelo idoso. Neste caso, foi observado um número bastante superior de homens, ao mesmo tempo em que a interação social domina as atividades realizadas nesses espaços.

Caracterização da amostra – Espaços públicos
Número de idosos entrevistados: 20.
Idade média: 73 anos (60 a 93 anos).
Sexo: 17 homens e 3 mulheres.
Naturalidade: Florianópolis (14), outras cidades de Santa Catarina (5), outros estados do Brasil (1) e exterior (0).
Bairro onde mora: Centro (8), Estreito (1), Praia Comprida (1), Córrego Grande (1), Lagoa da Conceição (1), Saco dos Limões (1), Pântano do Sul (1), Serrinha (1), Barra da Lagoa (1) e Grande Florianópolis (4).
Tipo de moradia: Em residência (20) e em instituição asilar (0).
Profissão: Funcionários públicos aposentados (6), Militares aposentados (2), Lavradores aposentados (2), Comerciantes aposentados (2), Professores aposentados (2), Pintor (1), Doméstica (1), Autônomo aposentado (1), Rádio telegrafista aposentado (1), Pedreiro (1), Costureira aposentada (1).
Escolaridade: Não estudou (2), 1º grau completo (9), 2º grau completo (8), 3º grau completo (1).
Estado civil: Solteiros(as) (2), casados(as) (8), divorciados(as) (2), viúvos(as) (8).
Atividade no momento anterior à entrevista: Conversando com amigos (8), Contemplando o movimento (6), Descansando (3), Caminhando (2).

Quadro 13 – Caracterização da amostra em espaços públicos.

Na instituição asilar escolhida, Asilo Irmão Joaquim (Quadro 14), notou-se que, embora esta amostra tenha a média de idade superior às demais (75 anos), ela possui o mais baixo grau de instrução entre as amostras coletadas. Essa constatação certamente influenciou na determinação da profissão e, conseqüentemente, da renda. Cabe aqui ressaltar que este asilo é gratuito. Foi visto também um aumento do número de mulheres em comparação com os dados obtidos nos espaços públicos.

Caracterização da amostra – Instituição asilar
Número de idosos entrevistados: 5.
Idade média: 75 anos (69 a 87 anos).
Sexo: 3 homens e 2 mulheres.
Naturalidade: Florianópolis (1), outras cidades de Santa Catarina (3), outros estados do Brasil (0), e exterior (1).
Bairro onde mora: Centro (5).
Tipo de moradia: Em residência (0) e em instituição asilar (5).
Profissão: Lavradores aposentados (2), Vigia (1), Costureira aposentada (1), Do lar (1).
Escolaridade: Não estudou (1), 1º grau completo (3), 2º grau completo (1), 3º grau completo (0).
Estado civil: Solteiros(as) (4), casado(a) (0), divorciado(a) (1), viúvo(a) (0).
Atividade no momento anterior à entrevista: Assistindo tv (2), No quarto (2), Caminhando (1).

Quadro 14 – Caracterização da amostra em instituição asilar.

Na amostra da instituição de ensino superior – NETI (Quadro 15) – foi observado o mais alto grau de instrução dentre as amostras selecionadas. Além disso, esta amostragem constituiu a única em que o número de mulheres foi superior.

Caracterização da amostra – Instituição de ensino superior
Número de idosos entrevistados: 5.
Idade média: 69 anos (60 a 84 anos).
Sexo: 2 homens e 3 mulheres.
Naturalidade: Florianópolis (2), outras cidades de Santa Catarina (1), outros estados do Brasil (2) e exterior (0).
Bairro onde mora: Centro (2), Coloninha (1), Lagoa da Conceição (1) e Córrego Grande (1).
Tipo de moradia: Em residência (5) e em instituição asilar (0).
Profissão: Do lar (3), Sociólogo (1), Militar aposentado (1).
Escolaridade: Não estudou (0), 1º grau completo (0), 2º grau completo (4), 3º grau completo (1).
Estado civil: Solteiro(a) (0), casados(as) (3), divorciado(a) (0), viúvos(as) (2).
Atividade no momento anterior à entrevista: Assistindo aula (5).

Quadro 15 – Caracterização da amostra em instituição de ensino superior.

Chegamos, enfim, à caracterização da amostra geral, no Quadro 16. Junto aos dados gerais da amostragem obtida foi verificado que, além de atenderem ao critério de inclusão de ter vivido a maior parte da vida em Florianópolis, a maioria dos idosos entrevistados (57%) também nasceu nesta cidade. Tal fato contribui ainda mais para os vínculos culturais da pessoa idosa com o espaço urbano. A interação social, também observada principalmente na amostra colhida nos espaços públicos, permaneceu como principal atividade realizada no momento da abordagem dos idosos e, embora o número de homens seja maior, há uma quantidade considerável de mulheres (27%) na amostra geral. Foi constatado também que a metade dos idosos mora na área central da

cidade. Aqui encontramos um dado de extrema relevância, já que as cidades de médio a grande porte brasileiras passam por um processo de “esvaziamento” populacional e, conseqüente, degradação do centro. Sendo assim, manter os laços locais dos idosos com os elementos urbanos mais significativos para eles nessa área é, também, agir contra essa tendência.

Caracterização da amostra – Geral
Número de idosos entrevistados: 30.
Idade média: 72 anos (60 a 93 anos).
Sexo: 22 homens e 8 mulheres / 73% masculino e 27% feminino.
Naturalidade: 57% Florianópolis, 30% outras cidades de Santa Catarina, 8% outros estados do Brasil e 5% exterior.
Bairro onde mora: 50% Centro, 7% Córrego Grande, 7% Lagoa da Conceição, 3% Estreito, 3% Praia Comprida, 3% Saco dos Limões, 3% Pântano do Sul, 3% Serrinha, 3% Coloninha, 3% Barra da Lagoa e 15% Grande Florianópolis.
Tipo de moradia: 84% em residência e 16% em instituição asilar.
Profissão: 20% Funcionários públicos aposentados, 14% Do lar, 14% Lavradores aposentados, 10% Militares aposentados, 7% Comerciantes aposentados, 7% Professores aposentados, 7% Costureiras aposentadas, 3% Pintor, 3% Doméstica, 3% Autônomo aposentado, 3% Rádio telegrafista aposentado, 3% Pedreiro, 3% Vigia, 3% Sociólogo.
Escolaridade: 10% Não estudou, 40% 1º grau completo, 43% 2º grau completo, 7% 3º grau completo.
Estado civil: 21% solteiros(as), 36% casados(as), 10% divorciados(as), 33% viúvos(as).
Atividade no momento anterior à entrevista: 29% Conversando com amigos, 20% Contemplando o movimento, 17% Assistindo aula, 10% Descansando, 10% Caminhando, 7% Assistindo tv, 7% Sentado no quarto.



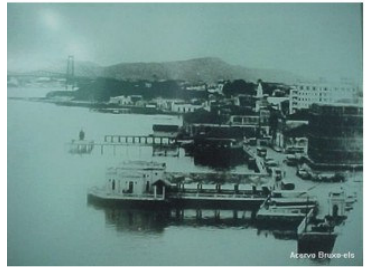




Quadro 16 – Caracterização da amostra geral.

Uma vez escolhido o estudo de caso e caracterizada a amostra têm início, então, os 4 momentos subseqüentes do procedimento de análise da apropriação formal/espacial do espaço urbano pela pessoa idosa.

4.3 1º momento: memória do idoso x identidade da cidade

No 1º momento, foram comparados os elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida e os elementos urbanos tombados, a fim de evidenciar o pressuposto estabelecido de que é possível identificar os elementos portadores da identidade da cidade a partir da memória do idoso. O tratamento dos dados, nesta primeira etapa, teve início com a identificação dos elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida, por meio da entrevista estruturada

(perguntas 11 e 12 – ver Apêndice A). Foram verificados 10 elementos urbanos, apresentados a seguir (Quadro 17).

Elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida	
Praça XV de Novembro	Catedral
 <p>A Praça XV é a principal praça da cidade de Florianópolis e constitui o seu núcleo histórico central.</p>	 <p>A Catedral foi construída no ponto mais alto da Praça XV, sendo um dos símbolos da cidade de Florianópolis.</p>
Palácio Cruz e Sousa	Miramar
 <p>Antigo Palácio do Governo, o Palácio Cruz e Sousa, na Praça XV, abriga hoje o Museu Histórico de Santa Catarina.</p>	 <p>O Miramar era um restaurante localizado num trapiche à frente da Praça XV, destruído na década de 1970 com a criação do aterro.</p>
Largo da Alfândega	Mercado Público
 <p>O Largo atendeu à Alfândega que ali funcionou até a década de 1960, quando o porto da cidade de Florianópolis foi desativado.</p>	 <p>O Mercado Público é um dos mais importantes e tradicionais pontos de encontro da sociedade.</p>
Rua Felipe Schmidt	Senadinho
 <p>A Rua Felipe Schmidt é uma das ruas mais importantes da cidade. Na década de 1970, parte dela foi transformada em calçadão.</p>	 <p>O Senadinho, ou Ponto Chic, é um importante café da cidade, instalado na Rua Felipe Schmidt desde a década de 1950.</p>

Estádio Adolfo Konder	Largo da Carioca (atual Largo Fagundes)
 <p>O chamado Campo da Liga, existiu até a década de 1980, quando deu lugar na década seguinte ao Shopping Beira Mar.</p>	 <p>O Largo da Carioca, um antigo campo gramado, é hoje uma praça, localizada na Rua Felipe Schmidt.</p>

Quadro 17 – Elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida. Fonte da foto (Estádio Adolfo Konder): http://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1dio_Adolfo_Konder Fonte da foto (Miramar): <http://www.ufsc.br/~esilva/Albuma01.htm> Fonte das demais fotos: Acervo próprio.

Em seguida, foi realizada a listagem desses mesmos elementos, com base em sua frequência junto às respostas dos idosos. A fim de evitar experiências exclusivamente pessoais, os elementos urbanos citados somente uma vez não foram considerados, sendo reunidos na categoria “Outros elementos” (Quadro 18).

Elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida (frequência)	
Elemento urbano	Percentual de citações
Praça XV de Novembro	22%
Mercado Público	15%
Miramar	10%
Catedral	9%
Largo da Alfândega	6%
Senadinho	6%
Palácio Cruz e Sousa	6%
Rua Felipe Schmidt	3%
Estádio Adolfo Konder	3%
Largo da Carioca	3%
Outros elementos	17%

Quadro 18 – Elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida (frequência).

Esses elementos identificados nos Quadros 17 e 18, foram localizados na Figura 13.

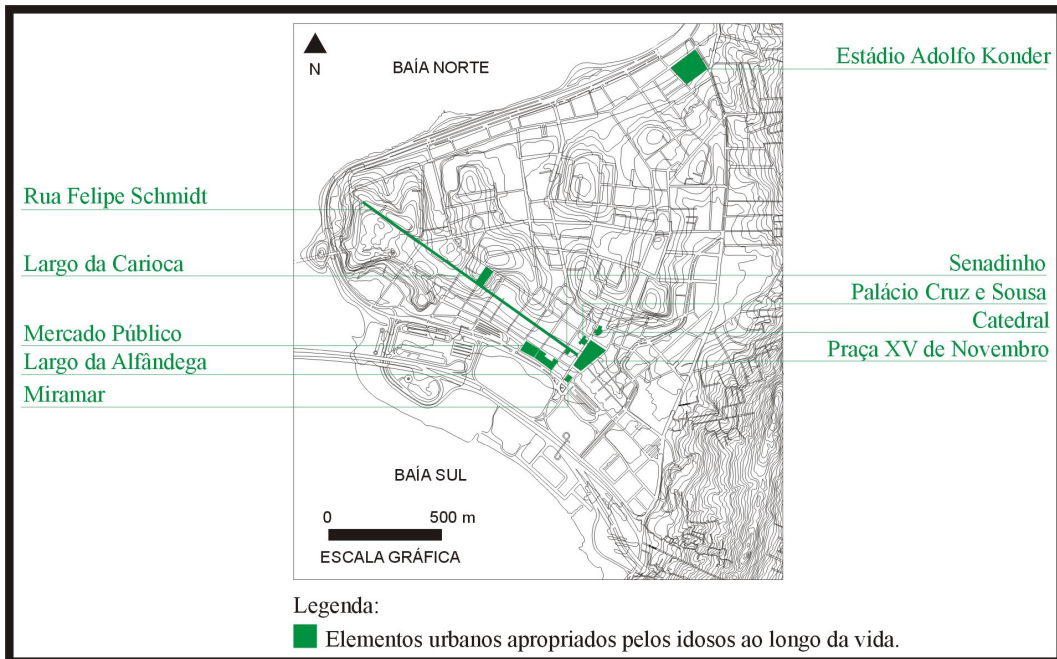


Figura 13 - Elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida. Mapa base adap. de Dias (2005).

O segundo mapa, resultado da documentação indireta, reuniu os elementos urbanos tombados existentes na área objeto de estudo, observados em Dias (2005) (Figura 14).

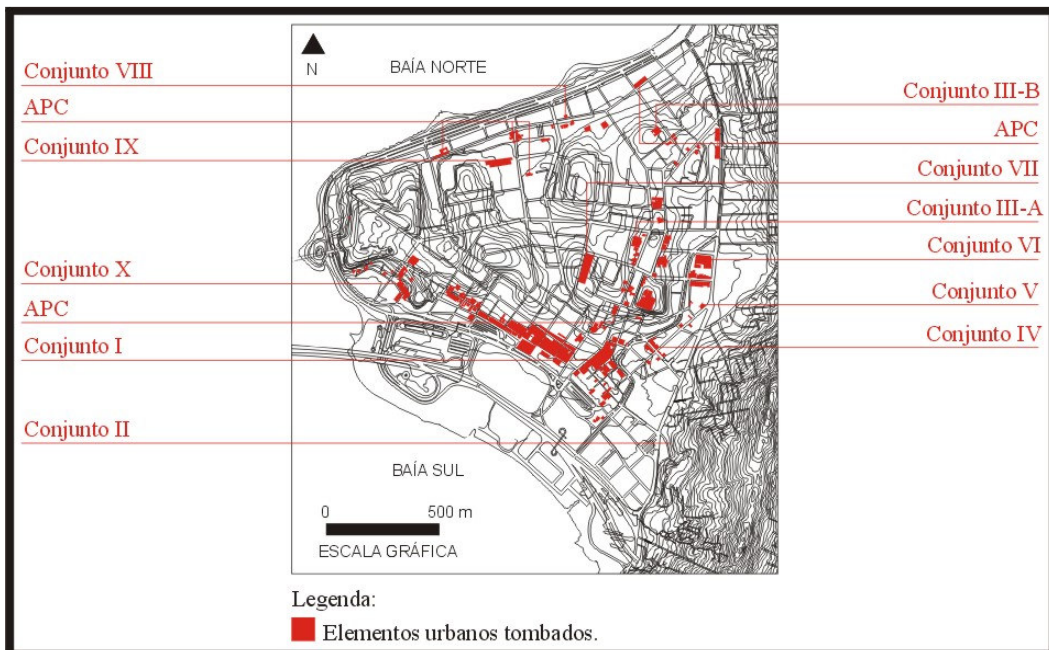


Figura 14 – Elementos urbanos tombados. Adaptado de Dias (2005).

Da comparação entre os dois mapas, resultou o mapa dos elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida que são tombados (Figura 15).

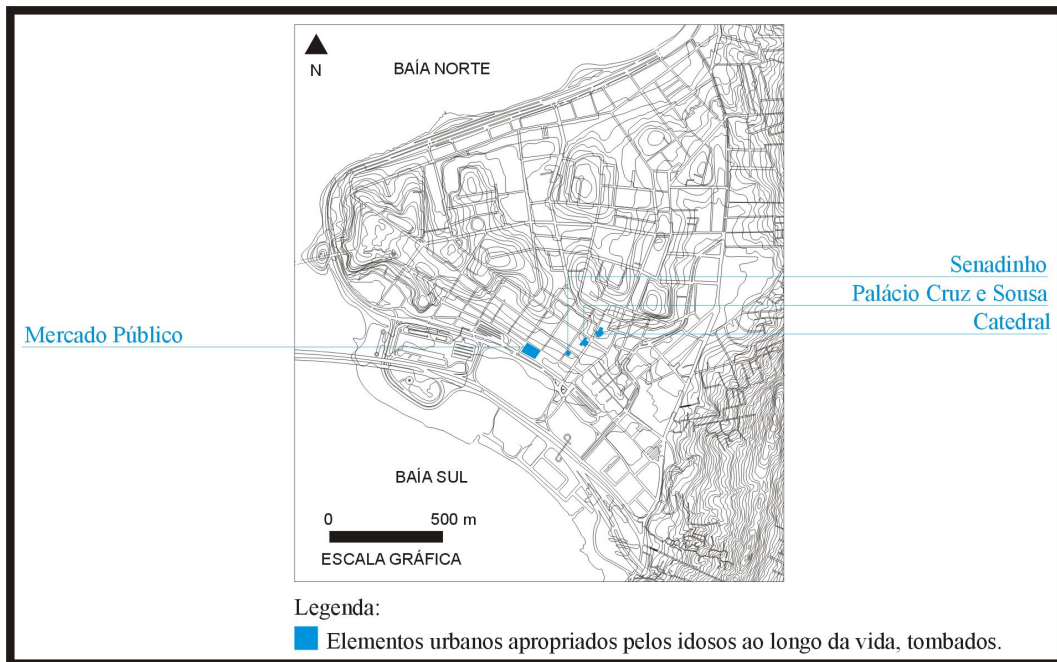


Figura 15 – Elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida que são tombados. Mapa base adaptado de Dias (2005).

4.3.1 Análise dos resultados encontrados

Primeiramente, cabe ressaltar que o Miramar, um bar sobre um trapiche em frente à Praça XV de Novembro, e o Estádio de futebol Adolfo Konder, elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida, já não existem mais. Enquanto o primeiro foi destruído com a criação do aterro da baía sul a partir da década de 60, o estádio deu lugar ao Shopping Beiramar, construído na década de 90, demonstrando o processo de transformação morfológica pelo qual vem passando a cidade de Florianópolis.

Foram observados alguns aspectos na comparação dos demais elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida com os elementos tombados (Figura 15). A Praça XV de Novembro, a Rua Felipe Schmidt, o Largo da Alfândega e o Largo da Carioca (atual Largo Fagundes), elementos citados pelos idosos, não são tombados. Todavia, o Tombamento, em Florianópolis, constitui um instrumento de ação predominantemente sobre arquiteturas, não

incidindo normalmente sobre espaços públicos. Além disso, a presença de espaços públicos entre os elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida confirma a existência de uma relação direta dessa geração com o espaço urbano, o que, certamente, possibilitou o contato e a constituição de laços entre esses idosos e os demais elementos urbanos localizados em seus entornos imediatos. Essa importância dos espaços públicos no uso dos elementos urbanos circundantes é logo verificada junto às arquiteturas apropriadas pelos idosos ao longo da vida – a Catedral, o Palácio Cruz e Sousa, o Senadinho e o Mercado Público – que, por sua vez, são tombados. Cabe ressaltar também que esses elementos tombados estão localizados no Centro Histórico definido pelo SEPHAN/IPUF, o que reforça o vínculo entre a memória do idoso e a identidade da cidade, visto que os elementos urbanos identificados como mais importantes ao longo da vida dos idosos da amostra são aqueles que participaram diretamente da gênese urbana da cidade de Florianópolis.



Por conseguinte, diante da correspondência entre os elementos existentes na memória da pessoa idosa e os elementos tombados (parâmetro adotado nesta pesquisa para os elementos portadores da identidade formal/espacial da cidade) e da relação direta existente entre elementos não tombados/elementos tombados/Centro Histórico da cidade de Florianópolis, verificou-se a existência de uma identidade comum entre a pessoa idosa, integrante da amostra, e o espaço urbano considerado. Logo, foi evidenciado o pressuposto estabelecido de que é possível identificar os elementos portadores da identidade formal/espacial da cidade a partir da memória do idoso.

4.4 2º momento: apropriação

No 2º momento, foram comparados os elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida com os elementos urbanos por eles apropriados atualmente, no intuito de verificar se a semantização e toponímia entre indivíduo e meio, criadas durante a vivência dos idosos, foram preservadas, ou seja, se os laços locais dos idosos foram mantidos.

Uma vez que, no 1º momento, já teriam sido identificados os elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida, neste 2º momento, foram identificados os elementos

urbanos apropriados pelos idosos atualmente, por meio das perguntas 13 e 14 da entrevista estruturada (ver Apêndice A). Nessa lista, dois elementos novos aparecem: a Igreja de São Francisco e o Shopping Beiramar, evidenciados no Quadro 19.

Elementos urbanos apropriados pelos idosos somente no presente	
Igreja de São Francisco	Shopping Beiramar
 <p>A Igreja de São Francisco, construída no século XIX, é uma das mais antigas da cidade.</p>	 <p>O Shopping Beiramar foi construído na década de 1990 no local onde antes existia o Estádio Adolfo Konder.</p>

Quadro 19 - Elementos urbanos apropriados pelos idosos somente no presente. Fonte das fotos: Acervo próprio.

Em seguida, foi realizada a listagem de todos os elementos urbanos apropriados pelos idosos atualmente, sendo obtida a sua frequência junto às respostas dos idosos (Quadro 20). Os elementos urbanos citados somente uma vez pelos idosos não foram considerados, sendo reunidos na categoria “Outros elementos”.

Elementos urbanos apropriados pelos idosos atualmente	
Elemento urbano	Percentual de citações
Praça XV de Novembro	20%
Mercado Público	13%
Largo da Alfândega	12%
Rua Felipe Schmidt	10%
Catedral	9%
Senadinho	6%
Igreja de São Francisco	4%
Shopping Beiramar	4%
Outros elementos	22%

Quadro 20 – Elementos urbanos apropriados pelos idosos atualmente (frequência).

Foi, então, retomado o mapa dos elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida, realizado no 1º momento (ver Figura 13), e realizado o mapa dos elementos apropriados pelos idosos hoje (Figura 16).

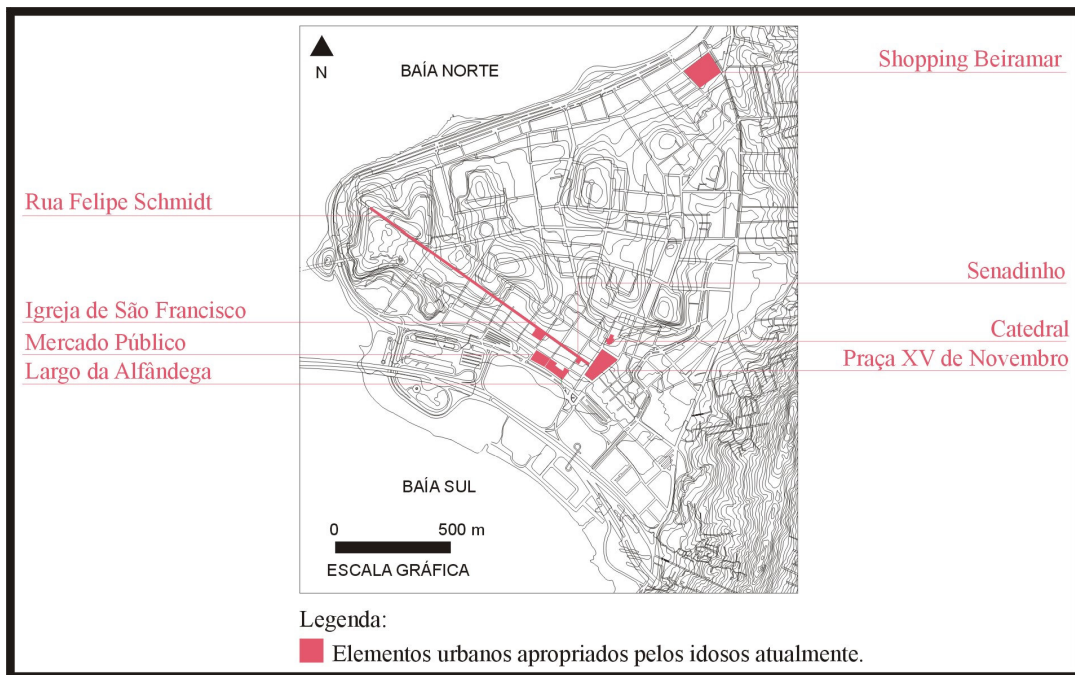


Figura 16 – Elementos urbanos apropriados pelos idosos atualmente. Mapa base adaptado de Dias (2005).

Da comparação entre os dois mapas, resultou o mapa dos elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida que ainda o são atualmente (Figura 17).

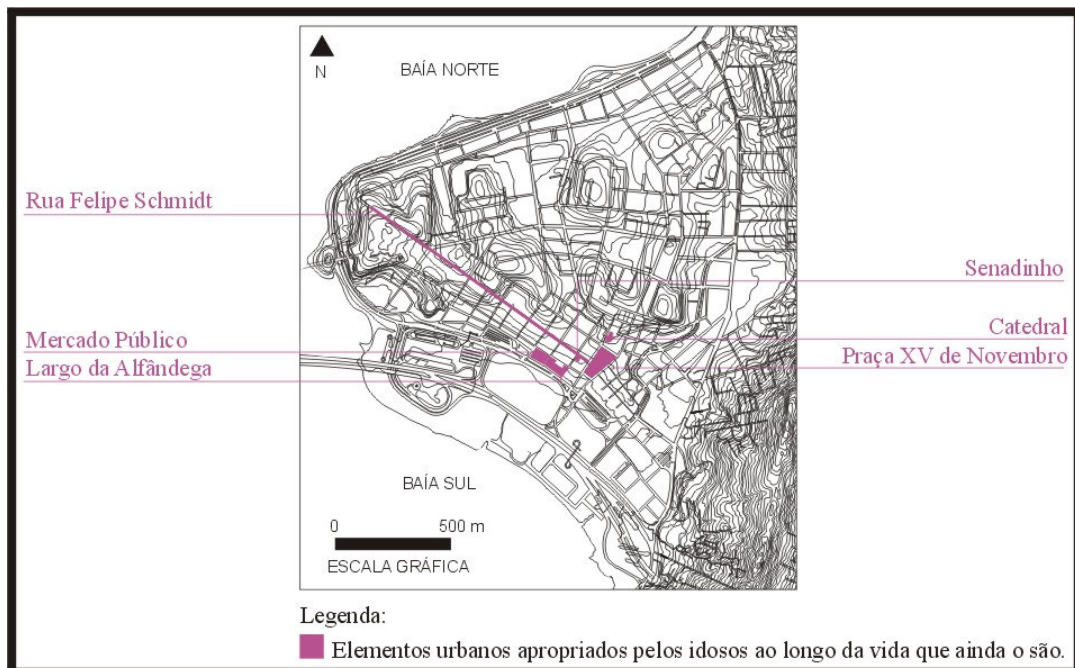


Figura 17 – Elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida que ainda o são atualmente. Mapa base adaptado de Dias (2005).

4.4.1 Análise dos resultados encontrados

Os elementos urbanos mais importantes ao longo da vida do idoso, guardados em sua memória, constituem os lugares responsáveis pelo seu vínculo com a cidade. Logo, a sua apropriação, ainda nos dias de hoje, revela a preservação dessa relação idoso/espço urbano. Da comparação entre os elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida e os elementos urbanos apropriados por eles atualmente, foi verificado que dos 10 elementos apropriados pelos idosos durante a vida e por eles eleitos mais significativos, 4 (Palácio Cruz e Souza, Largo da Carioca, Miramar e Estádio Adolfo Konder) não são mais apropriados por eles no presente e 6 elementos (Praça XV de Novembro, Rua Felipe Schmidt, Largo da Alfândega, Mercado Público, Catedral e Senadinho), ainda o são. Além disso, 2 novos elementos são apropriados pelos idosos somente nos dias de hoje (Igreja de São Francisco e Shopping Beira Mar).

Dentre os 4 elementos não mais apropriados hoje, somente o Palácio Cruz e Souza manteve sua constituição formal/espacial, sendo necessário analisar possíveis fatores ambientais que tenham influenciado no seu desuso. O Largo da Carioca sofreu alterações formais consideráveis, passando de um campo gramado para um estacionamento e, posteriormente, para uma praça. Os dois elementos restantes (Miramar e Estádio Adolfo Konder), como explicitado no 1º momento, foram destruídos. Entretanto, no mesmo local onde estava construído o Estádio, foi erguido um novo elemento – o Shopping Beira Mar – que é apropriado pelos idosos nos dias de hoje. Outro elemento, a Igreja de São Francisco, também é apropriado somente no presente. Tal vínculo pode ter sido criado ou reforçado em virtude do fechamento da Catedral para reformas recentemente.

Já a manutenção da apropriação da maioria dos elementos urbanos identificados como mais relevantes para os idosos da amostra, implica na preservação da maior parte da semantização e tofília criadas ao longo da vida entre esses idosos e o espaço urbano. Assim, é mantida a ambiência de Cullen (2004), ou seja, é preservado o conjunto espaços (espaços públicos)/formas (elementos urbanos circundantes) característico do enlace idoso/espço urbano, verificado no 1º momento – Rua Felipe Schmidt/Senadinho, Largo da Alfândega/Mercado Público, Praça XV de Novembro/Catedral. Essa preservação é constatada também entre esses

mesmos 6 elementos, devido à sua proximidade física. Além disso, esses elementos favoráveis à manutenção dos laços locais dos idosos devido ao fato de estarem inseridos no Centro Histórico indicam, também, a preservação da identidade formal/espacial da cidade, o que evidencia uma vez mais a relação memória do idoso/identidade da cidade e o pressuposto estabelecido. Por conseguinte, concluímos que a maioria dos laços locais dos idosos da amostra foram mantidos, assim como foi preservada grande parte da identidade formal/espacial da cidade de Florianópolis.

4.5 3º momento: apropriação e fatores ambientais

No 3º momento, foi verificada a influência dos fatores ambientais na apropriação ou não dos elementos urbanos pelos idosos atualmente. Para tanto, foram conhecidas a influência, positiva, razoável ou negativa de cada um dos fatores ambientais analisados na apropriação dos elementos urbanos pelos idosos (perguntas 15 e 16 – ver Apêndice A), bem como o fator mais relevante para a apropriação de um elemento urbano (pergunta 17 – ver Apêndice A).

A partir dos resultados da comparação entre os elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida e os elementos por eles apropriados atualmente, realizada no 2º momento, chegamos a três Grupos de elementos, com os quais trabalhamos nesses dois momentos seguintes (3º e 4º) do procedimento de análise:

- Grupo 1: elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida que não mais o são atualmente. Compreende 4 elementos, sendo eles o Palácio Cruz e Sousa, o Largo da Carioca, o Miramar e o Estádio Adolfo Konder.

- Grupo 2: elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida que ainda o são atualmente. É o maior grupo, contendo 6 elementos: a Praça XV de Novembro, a Rua Felipe Schmidt, o Largo da Alfândega, o Mercado Público, a Catedral e o Senadinho.

- Grupo 3: elementos urbanos apropriados pelos idosos somente nos dias de hoje. Contém somente 2 elementos: a Igreja de São Francisco e o Shopping Beiramar.

A atuação dos fatores ambientais junto à apropriação ou não dos elementos urbanos pelos idosos atualmente, foco principal deste 3º momento, teve como ponto inicial a identificação dos elementos urbanos mais apropriados pelos idosos no presente, já evidenciado no Quadro 20. Transferidos para o mapa (Figura 18), os dados desse Quadro 20 evidenciaram espacialmente a hierarquização dessa apropriação.

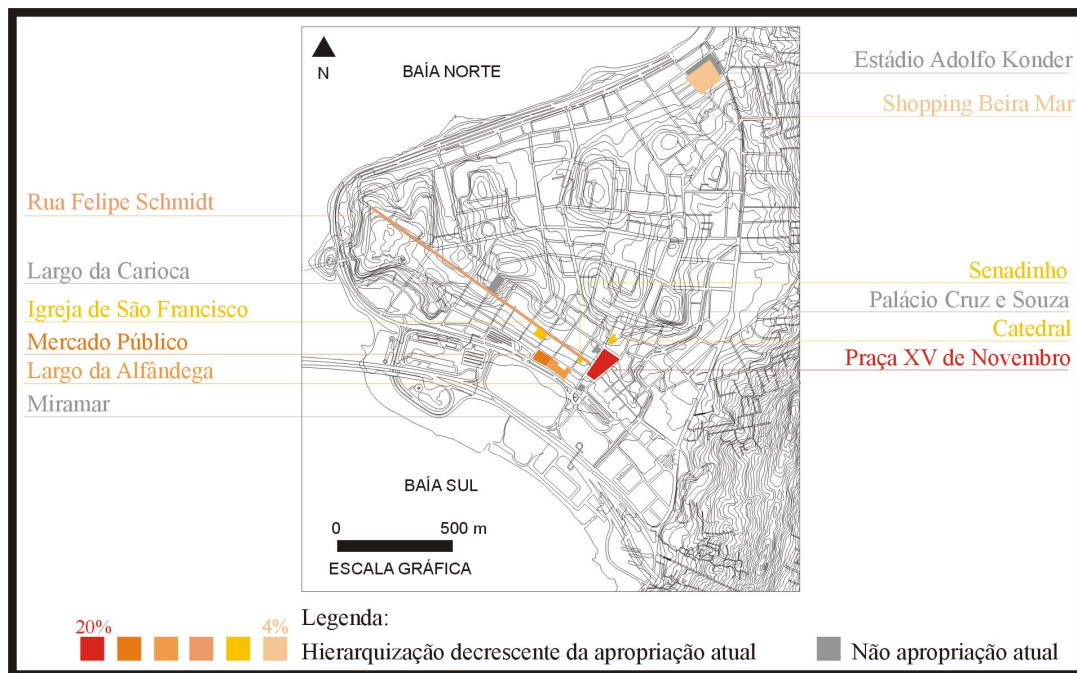







Figura 18 – Elementos urbanos apropriados pelos idosos atualmente, hierarquizados. Mapa base adaptado de Dias (2005).

Partimos, então, para a avaliação dos fatores ambientais realizada pelos idosos em cada um dos elementos dos três Grupos, a fim de verificar sua influência na apropriação.

No Grupo 1, referente aos elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida que não mais o são atualmente, coube verificar os possíveis fatores ambientais que inibiram a apropriação atual pelos idosos da amostra (pergunta 15 da entrevista estruturada – ver Apêndice A) somente do Palácio Cruz e Sousa e do Largo da Carioca, uma vez que o Miramar e o Estádio Adolfo Konder, como vimos anteriormente, não existem mais. Esses dados foram reunidos no Quadro 21.

Elementos urbanos e fatores ambientais avaliados pelos idosos - Grupo 1					
Elem. urb./Fat. amb.	Acesso	Conservação	Conforto	Social	Segurança
Palácio Cruz e Souza	-		-	-	-
Largo da Carioca	-		-	-	-































Legenda:

-  Positivo (fator ambiental avaliado como positivo pelos idosos)
-  Razoável (fator ambiental avaliado como razoável pelos idosos)
-  Negativo (fator ambiental avaliado como negativo pelos idosos)




Quadro 21 – Elementos urbanos e fatores ambientais avaliados pelos idosos (Grupo 1).

Já nos Grupos 2 e 3, cujos elementos urbanos são apropriados atualmente pelos idosos, foram avaliados todos os cinco fatores ambientais pré-determinados (acesso, conservação, conforto, social e segurança), por meio da entrevista estruturada (pergunta 16 – ver Apêndice A).

No Grupo 2 – elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida que ainda o são atualmente – foram avaliados os fatores ambientais atuantes na Praça XV de Novembro, no Mercado Público, no Largo da Alfândega, na Rua Felipe Schmidt, na Catedral e no Senadinho, conforme o Quadro 22.

Elementos urbanos e fatores ambientais avaliados pelos idosos - Grupo 2					
Elem. urb./Fat. amb.	Acesso	Conservação	Conforto	Social	Segurança
Praça XV					
Mercado Público					
Largo da Alfândega					
Rua Felipe Schmidt					
Catedral					
Senadinho					

Legenda:

-  Positivo (fator ambiental avaliado como positivo pelos idosos)
-  Razoável (fator ambiental avaliado como razoável pelos idosos)
-  Negativo (fator ambiental avaliado como negativo pelos idosos)

Quadro 22 – Elementos urbanos e fatores ambientais avaliados pelos idosos (Grupo 2).

No Grupo 3 – elementos urbanos apropriados pelos idosos somente nos dias de hoje – foram avaliados pelos idosos os fatores ambientais existentes na Igreja de São Francisco e no Shopping Beira Mar, como evidenciado no Quadro 23.

Elementos urbanos e fatores ambientais avaliados pelos idosos - Grupo 3					
Elem. urb./Fat. amb.	Acesso	Conservação	Conforto	Social	Segurança
Igreja São Francisco	●	●	●	●	●
Shopping Beira Mar	●	●	●	●	●
Legenda: ● Positivo (fator ambiental avaliado como positivo pelos idosos) ● Razoável (fator ambiental avaliado como razoável pelos idosos) ● Negativo (fator ambiental avaliado como negativo pelos idosos)					

Quadro 23 – Elementos urbanos e fatores ambientais avaliados pelos idosos (Grupo 3).

Terminadas as avaliações dos grupos pelos idosos, ainda neste 3º momento, foi abordada uma última questão: a identificação, dentre os fatores ambientais pré-determinados, daquele mais importante para os idosos se apropriarem de um determinado elemento urbano (pergunta 17 – ver Apêndice A). Após o tratamento quantitativo das respostas obtidas, o resultado foi estabelecido no Quadro 24, identificando o fator social como o mais relevante para a apropriação de um elemento urbano pelos idosos da amostra.

Importância dos fatores ambientais na apropriação de elementos urbanos pelos idosos	
Fator ambiental	Percentual
Social	46%
Segurança	27%
Acesso	20%
Conforto	7%
Conservação	0%

Quadro 24 – Importância dos fatores ambientais na apropriação de elementos urbanos pelos idosos.

4.5.1 Análise dos resultados encontrados

Verificamos, através da hierarquização da apropriação, que, além da maioria dos elementos urbanos apropriados ao longo da vida pelos idosos da amostra serem apropriados atualmente (Praça XV de Novembro, Rua Felipe Schmidt, Largo da Alfândega, Mercado Público, Catedral e Senadinho), eles ainda são os mais apropriados dentre todos os elementos citados pelos idosos. Tal constatação não somente ressalta a importância dos elementos urbanos apropriados ao longo da vida pelos idosos na manutenção de seus laços locais, mas também

consolida a ligação memória/apropriação, uma vez que os elementos apropriados ao longo da vida pelos idosos constituem os elementos mais significativos para eles, presentes em suas memórias. Além disso, por meio do mapa da Figura 18, observamos que há uma proximidade física considerável entre estes elementos e que sua localização coincide com o Centro Histórico. Essas condições evidenciam novamente o pressuposto estabelecido – é possível identificar os elementos urbanos portadores da identidade formal/espacial da cidade a partir da memória do idoso – visto que a maioria desses elementos urbanos apropriados pelos idosos atualmente coincide com os elementos tombados, estabelecidos nesta pesquisa como parâmetro dos elementos portadores da identidade da cidade.

A definição de três Grupos de elementos urbanos, facilitou a estruturação desse 3º momento, bem como seu entendimento, uma vez que os três conjuntos criados fazem referência aos principais elementos da pesquisa: os elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida. Assim, a partir desses elementos identificados como os mais significativos para os idosos, foram estabelecidos o Grupo 1 (elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida que não mais o são atualmente), o Grupo 2 (elementos urbanos apropriados pelos idosos que ainda o são atualmente) e o Grupo 3 (elementos urbanos apropriados pelos idosos somente nos dias de hoje).

No Grupo 1, as justificativas para a não utilização do Palácio Cruz e Sousa e do Largo da Carioca acusaram como causa a mudança de uso neles ocorrida – no Palácio, quando a antiga Sede do Governo virou Museu, e no Largo, quando o antigo campo foi transformado em uma praça. Essas alterações de uso implicaram em transformações formais/espaciais em ambos os elementos. Assim, foi identificado como fator ambiental inibidor da apropriação atual desses elementos a conservação. No Grupo 2, foram constatadas avaliações razoáveis/regulares com relação ao acesso à Catedral, à conservação e ao conforto no Senadinho e ao fator social na Rua Felipe Schmidt, sendo que neste último elemento, o seu entendimento como local tão somente de passagem foi recorrente (espaço para comentários junto à pergunta 16 – ver Apêndice B). Ainda no Grupo 2, e também no Grupo 3, cabe ressaltar o grande número de avaliações positivas. Porém, as avaliações positivas atribuídas ao fator segurança estão relacionadas somente ao período diurno, visto que todos os idosos abordados disseram não frequentar esses lugares à

noite. Já as avaliações negativas desses dois Grupos incidiram principalmente sobre o fator social, especialmente na Catedral e na Igreja de São Francisco, onde os idosos entenderam como função específica a missa (espaço para comentários junto à pergunta 16 – ver Apêndice B), e no Mercado Público e no Shopping Beiramar, onde eles compreenderam como finalidade única as compras e não a interação com os amigos ou o vislumbre do movimento de pessoas (espaço para comentários junto à pergunta 16 – ver Apêndice B). Verificamos, então, que o Mercado Público e o Shopping Beiramar, espaços reconhecidamente de convívio e interação social para outras faixas etárias, não o são para os idosos. Esse fato pode, inclusive, levar ao questionamento da apropriação desses dois elementos, diante da importância do fator social na apropriação de um lugar pelos idosos.

Essa forte ligação entre o fator social e a apropriação dos elementos urbanos pelos idosos da amostra é verificada, por meio da existência de vários espaços públicos (Praça XV de Novembro, Largo da Alfândega, Rua Felipe Schmidt) entre os elementos urbanos apropriados atualmente e da eleição, pelos idosos, do fator social como o fator ambiental mais importante para a apropriação de um elemento urbano. Ambas as constatações confirmam o contato que essa geração teve com a rua e, conseqüentemente, a intensidade das relações sociais estabelecidas no espaço público desde a infância, contribuindo para a constituição da ambiência urbana, vista no 2º momento.

4.6 4º momento: fatores ambientais e componentes morfológicos

O 4º momento – que encerra o procedimento de análise proposto – é subdividido em duas etapas. Na primeira delas, foi verificado de que maneira a cidade contribui morfológicamente para a apropriação do idoso, a partir da relação fatores ambientais/componentes morfológicos. Já na segunda e última etapa, foi constatado como a sociedade em geral (órgãos públicos, demais entidades e civis) zelou por esses componentes morfológicos relacionados à apropriação dos elementos urbanos pelos idosos, por meio da análise das transformações desses componentes ao longo da vida desses idosos. Neste 4º momento, excepcionalmente, além da análise dos resultados encontrados ao final da etapa, foram realizadas análises dos resultados parciais obtidos ao longo do tratamento de dados.

1ª etapa: teve como objetivo identificar os componentes morfológicos relacionados à apropriação dos elementos urbanos pelos idosos. Para tanto, foi realizada a verificação das relações existentes entre os fatores ambientais avaliados pelos idosos no 3º momento e os componentes morfológicos existentes em cada um dos elementos urbanos dos três Grupos por meio da planilha de observação/levantamento *in loco* (ver Apêndice C).

A aplicação da planilha se deu em três dias distintos: sábado (07/04/2007), domingo (08/04/2007) e segunda-feira (9/04/2007), em períodos matutinos (entre 09:00 e 12:00 h.), vespertinos (entre 15:00 e 18:00 h.) e noturnos (entre 19:00 e 22:00 h.). Logo, foram realizados um levantamento (incluindo um levantamento fotográfico) e nove observações por elemento urbano. Esses dados foram sintetizados na primeira parte da ficha de cada elemento. Já na segunda parte, foram verificadas possíveis relações entre os conceitos atribuídos pelos idosos aos fatores ambientais existentes em cada elemento urbano (Quadros 21, 22 e 23) e os componentes morfológicos constatados com a aplicação da planilha.

Duas legendas foram utilizadas como suporte à leitura das fichas. Para a síntese das planilhas de observação/levantamento *in loco* (em mapa), foi realizada a seguinte legenda (Figura 19).

Acesso:	Conforto:	Social:	Segurança:
← Fluxos idosos	//// Sombra	▲▲▲ Área de concentração de idosos (sexo masculino predominante)	■ Residencial
←--- Fluxos pedestres	● Iluminação noturna	●●● Área de concentração de idosos (sexo feminino predominante)	■ Comercial
←- - Fluxos veículos	▣ Bancos	▲●● Área de concentração de idosos (mista)	■ Residencial / Comercial
B Barreiras físicas	⊙ Telefones públicos	■●● Área de concentração das demais pessoas	■ Serviços
Po Pto ônibus	Wc Sanitários		■ Institucional
Pt Pto taxi	■ Vegetação		PF Posto policial
Conservação:	z Ruídos		PM Polícia móvel
+++ Área degradada	1 Gabarito		
▣ Área modificada			

Figura 19 – Legenda para síntese da planilha de observação/levantamento *in loco*.

Já para o quadro das relações verificadas entre os conceitos dados pelos idosos da amostra aos fatores ambientais e os componentes morfológicos levantados e observados nos elementos urbanos, foi estabelecida a legenda abaixo (Figura 20).

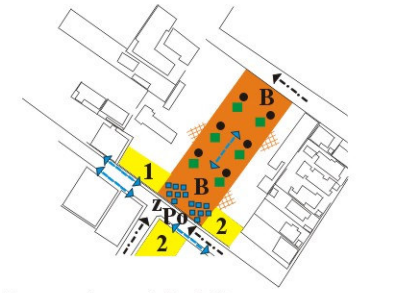
<p>Legenda:</p> <p>Positivo (componente morfológico associado a um fator ambiental positivo)</p> <p>Razoável (componente morfológico associado a um fator ambiental razoável)</p> <p>Negativo (componente morfológico associado a um fator ambiental negativo)</p> <p>- (não constatação de relação conceito fator ambiental/componentes morfológicos)</p>

Figura 20 – Legenda para as relações fatores ambientais/componentes morfológicos.

- **Grupo 1:** na coleta de dados relativos ao Grupo 1, foram desconsiderados o Miramar e o Estádio Adolfo Konder, uma vez que os dois não existem mais. Sendo assim, a planilha de observação/levantamento in loco foi aplicada no Palácio Cruz e Sousa e no Largo da Carioca. Nesse Grupo, foi determinado como objetivo identificar, junto a cada elemento urbano (Quadros 25 e 26), possíveis componentes morfológicos que inibiram a sua apropriação atual pelos idosos.

Grupo 1 - Elemento urbano: Palácio Cruz e Sousa					
<p>Síntese da planilha obs./lev.:</p> <p>■ Palácio Cruz e Sousa</p> <p>Temperatura média 26° Vento moderado Idosos no local (matutino): 3 Idosos no local (vespertino): 5 Idosos no local (noite): 0</p> <p>▲ N S/ escala</p>		<p>Acesso: espaço público fechado no período noturno; existência de vários desníveis no jardim do Palácio.</p>			
		<p>Conservação: tipologia do Palácio e malha urbana conservadas; jardim do Palácio transformado (reforma); inexistência de áreas para descanso.</p>			
		<p>Conforto: vegetação arbórea e gabarito do entorno criam áreas de sombra; vegetação arbórea da Praça XV de Novembro favorece o fluxo de idosos.</p>			
		<p>Social: não existem concentrações de idosos; presença de idosos isolados somente no período diurno.</p>			
		<p>Segurança: não existe uso residencial no entorno imediato; não existe posto policial no entorno imediato.</p>			
Comp. Morf./Fat. Amb.	Acesso	Conservação	Conforto	Social	Segurança
Comp. naturais	-	Jardim Palácio	-	-	-
Comp. edificados	-	-	-	-	-
Comp. complementares	-	Bancos/mesas	-	-	-
Comp. intervolumétricos	-	-	-	-	-

Quadro 25 – Fatores ambientais/Componentes morfológicos (Palácio Cruz e Sousa).

Grupo 1 - Elemento urbano: Largo da Carioca (atual Largo Fagundes)					
<p>Síntese da planilha obs./lev.: ■ Largo da Carioca</p>  <p>Temperatura média 26° Vento moderado Idosos no local (matutino): 0 Idosos no local (vespertino): 0 Idosos no local (noite): 0</p> <p style="text-align: right;">▲ N S/ escala</p>		<p>Acesso: existência de vários desníveis; inexistência de fluxos de idosos no entorno imediato; piso escorregadio e excesso de informações (perda da legibilidade).</p> <p>Conservação: transformação de todo o campo gramado em praça; bancos mal conservados.</p> <p>Conforto: vegetação arbustiva criando áreas mínimas de sombra; gabarito elevado do entorno cria áreas de sombra; inexistência de mesas para jogos.</p> <p>Social: embora exista um ponto de ônibus no local, não foi constatada a presença de idosos; concentração de pessoas de outras faixas etárias.</p> <p>Segurança: não existe uso residencial no entorno imediato; não existe posto policial no entorno imediato.</p>			
Comp. Morf./Fat. Amb.	Acesso	Conservação	Conforto	Social	Segurança
Comp. naturais	-	-	-	-	-
Comp. edificados	-	-	-	-	-
Comp. complementares	-	Bancos	-	-	-
Comp. intervolumétricos	-	O Largo	-	-	-

Quadro 26 – Fatores ambientais/Componentes morfológicos (Largo da Carioca).

Assim, foram identificadas as seguintes relações fatores ambientais/componentes morfológicos no Grupo 1 (Figura 21).

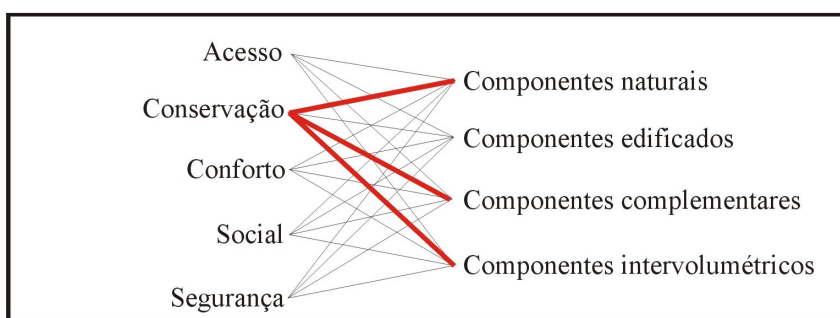
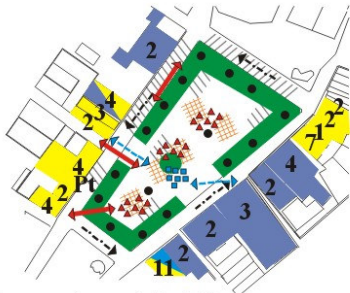


Figura 21 – Relações entre fatores ambientais e componentes morfológicos, Grupo 1.

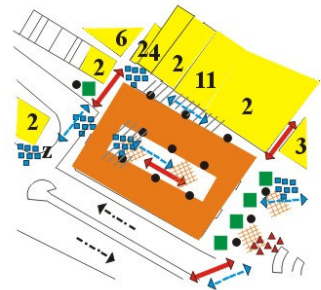
O comprometimento do fator ambiental conservação, observado no Grupo 1, possuiu ligação com a maioria dos componentes morfológicos avaliados. No Palácio Cruz e Sousa, ocorreram transformações nos jardins, atualmente abertos ao público. Apesar disso, não foram dispostas áreas para descanso nesse espaço – como mesas para jogos, mobiliário muito utilizado pelos idosos na área central da cidade, e bancos com encostos e apoios. Já no Largo da Carioca,

as mudanças foram maiores, uma vez que, além da inexistência de áreas de descanso, todo o largo foi transformado de campo gramado para uma praça. Além disso, essas alterações ocorridas no local com a reforma, foram caracterizadas pelo excesso de informações e mistura de materiais, o que prejudica sensivelmente a legibilidade do espaço e a conseqüente orientação do usuário, sobretudo o idoso. No Grupo 1, foi observado também o menor número de idosos, dentre todos os Grupos. No caso específico do Largo da Carioca, essa informação é ainda mais radical. Nesse lugar, não foi visto nenhum idoso ao longo das 9 observações realizadas.

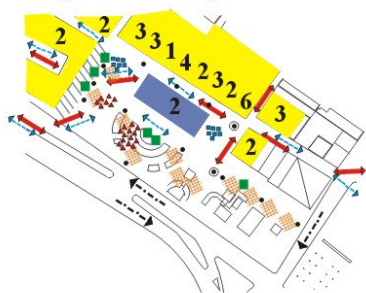
- **Grupo 2:** composto pelos elementos urbanos apropriados pelos idosos ao longo da vida e que ainda o são atualmente, o Grupo 2 compreende o maior Grupo de análise. Dele, fazem parte a Praça XV de Novembro, o Mercado Público, o Largo da Alfândega, a Rua Felipe Schmidt, a Catedral e o Senadinho. O objetivo aqui delimitado foi identificar, junto a cada elemento urbano, os componentes morfológicos que contribuíram ou não para a sua apropriação atual pelos idosos. Partimos, então, das fichas desses elementos, presentes nos Quadros 27, 28, 29, 30, 31 e 32.

Grupo 2 - Elemento urbano: Praça XV de Novembro					
<p>Síntese da planilha obs./lev.: ■ Praça XV de Novembro</p>  <p>Temperatura média 26° Vento moderado Idosos no local (matutino): 30 Idosos no local (vespertino): 40 Idosos no local (noite): 0</p> <p style="text-align: right;">▲ N S/ escala</p>		<p>Acesso: topografia predominantemente plana facilita o deslocamento do idoso; vegetação arbórea favorece o fluxo de idosos; pisos irregulares em algumas vias.</p> <p>Conservação: conservação da malha urbana e das tipologias de edificações referenciais (Catedral e Palácio Cruz e Souza).</p> <p>Conforto: existência de bancos e mesas de jogos; vegetação arbórea cria áreas de sombra; concentração de idosos junto às áreas de mobiliário da Praça XV.</p> <p>Social: bancos e mesas são áreas de integração social e vislumbre do movimento de pessoas; presença de idosos somente no período diurno.</p> <p>Segurança: não existe uso residencial, nem posto policial no entorno imediato.</p>			
Comp. Morf./Fat. Amb.	Acesso	Conservação	Conforto	Social	Segurança
Comp. naturais	Topo./Veg.	-	-	-	-
Comp. edificados	-	Tipologia	-	-	-
Comp. complementares	-	-	Bancos	Bancos	-
Comp. intervolumétricos	-	Malha urbana	-	-	-

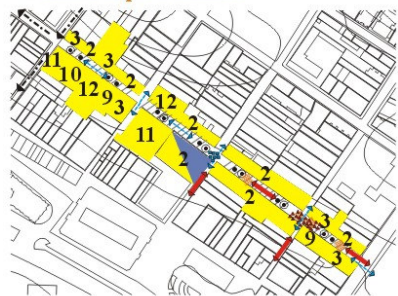
Quadro 27 – Fatores ambientais/Componentes morfológicos (Praça XV de Novembro).

Grupo 2 - Elemento urbano: Mercado Público					
<p>Síntese da planilha obs./lev.: ■ Mercado Público</p>  <p>Temperatura média 26° Vento moderado Idosos no local (matutino): 5 Idosos no local (vespertino): 10 Idosos no local (noite): 0</p> <p style="text-align: right;">▲ N S/ escala</p>		<p>Acesso: topografia plana facilita o deslocamento do idoso; piso irregular em algumas vias; destinação de vias ao trânsito exclusivo de pedestres.</p> <p>Conservação: a tipologia do próprio Mercado foi conservada.</p> <p>Conforto: os bancos e mesas do átrio do Mercado, móveis, são destinados aos bares ali localizados e não são utilizadas pelos idosos.</p> <p>Social: existem concentrações somente de pessoas de outras faixas etárias; presença de idosos somente no período diurno.</p> <p>Segurança: não existe uso residencial, nem posto policial no entorno imediato.</p>			
Comp. Morf./Fat. Amb.	Acesso	Conservação	Conforto	Social	Segurança
Comp. naturais	Topografia	-	-	-	-
Comp. edificados	-	Tipologia	-	-	-
Comp. complementares	-	-	Bancos	-	-
Comp. intervolumétricos	Circulação	-	-	-	-

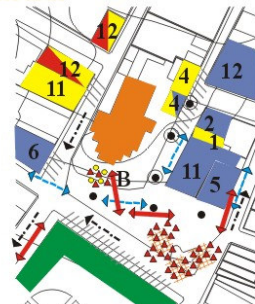
Quadro 28 – Fatores ambientais/Componentes morfológicos (Mercado Público).

Grupo 2 - Elemento urbano: Largo da Alfândega					
<p>Síntese da planilha obs./lev.: ■ Largo da Alfândega</p>  <p>Temperatura média 26° Vento moderado Idosos no local (matutino): 15 Idosos no local (vespertino): 30 Idosos no local (noite): 0</p> <p style="text-align: right;">▲ N S/ escala</p>		<p>Acesso: topografia plana facilita o deslocamento; piso irregular; destinação de vias ao trânsito exclusivo de pedestres; fluxo reconhecido entre Largo e Praça XV.</p> <p>Conservação: tipologia do edifício da Alfândega e do casario do entorno imediato.</p> <p>Conforto: existência de bancos e mesas de jogos. Porém, os idosos se concentram numa das extremidades do Largo, próximo à vegetação (sombra).</p> <p>Social: bancos e mesas são áreas de integração social e vislumbre do movimento de pessoas; presença de idosos somente no período diurno.</p> <p>Segurança: não existe uso residencial, nem posto policial no entorno imediato.</p>			
Comp. Morf./Fat. Amb.	Acesso	Conservação	Conforto	Social	Segurança
Comp. naturais	Topografia	-	Vegetação	-	-
Comp. edificados	-	Tipologia	-	-	-
Comp. complementares	-	-	Bancos	Bancos	-
Comp. intervolumétricos	Circulação	-	-	-	-

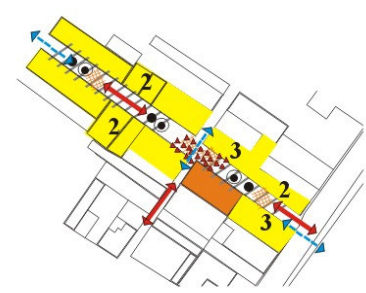
Quadro 29 – Fatores ambientais/Componentes morfológicos (Largo da Alfândega).

Grupo 2 - Elemento urbano: Rua Felipe Schmidt					
<p>Síntese da planilha obs./lev.: ■ Rua Felipe Schmidt</p>  <p>Temperatura média 26° Vento moderado Idosos no local (matutino): 35 Idosos no local (vespertino): 45 Idosos no local (noite): 0</p> <p style="text-align: right;">▲ N S/ escala</p>		<p>Acesso: topografia plana facilita o deslocamento do idoso; piso irregular em algumas vias e/ou partes; destinação de vias ao trânsito exclusivo de pedestres.</p> <p>Conservação: da tipologia e gabarito de algumas edificações. Porém, é visível o processo de verticalização. Conservação da malha urbana.</p> <p>Conforto: existência de bancos e mesas; os bancos não são distribuídos regularmente ao longo da via (áreas de descanso); ausência de vegetação (áreas de sombra).</p> <p>Social: embora os bancos e mesas sejam áreas de integração social, eles não estão presentes em toda a via; presença de idosos somente no período diurno.</p> <p>Segurança: não existe uso residencial, nem posto policial no entorno imediato.</p>			
Comp. Morf./Fat. Amb.	Acesso	Conservação	Conforto	Social	Segurança
Comp. naturais	Topografia	-	-	-	-
Comp. edificados	-	Tipologia	-	-	-
Comp. complementares	-	-	Bancos	Bancos	-
Comp. intervolumétricos	Circulação	Malha urbana	-	-	-

Quadro 30 – Fatores ambientais/Componentes morfológicos (Rua Felipe Schmidt).

Grupo 2 - Elemento urbano: Catedral					
<p>Síntese da planilha obs./lev.: ■ Catedral</p>  <p>Temperatura média 26° Vento moderado Idosos no local (matutino): 40 Idosos no local (vespertino): 50 Idosos no local (noite): 0</p> <p style="text-align: right;">▲ N S/ escala</p>		<p>Acesso: topografia predominantemente plana facilita o deslocamento do idoso; vegetação arbórea favorece o fluxo de idosos; escadaria da Catedral inibe o acesso.</p> <p>Conservação: tipologia da própria Catedral. Porém, é visível o processo de verticalização. Conservação da malha urbana.</p> <p>Conforto: existência de bancos e mesas de jogos. Porém, não há vegetação no largo entre a Catedral e a Praça XV.</p> <p>Social: grande concentração de idosos junto aos bancos e mesas de jogos; presença de idosos somente no período diurno.</p> <p>Segurança: uso residencial muito reduzido no entorno imediato; não existe posto policial no entorno imediato.</p>			
Comp. Morf./Fat. Amb.	Acesso	Conservação	Conforto	Social	Segurança
Comp. naturais	-	-	-	-	-
Comp. edificados	-	Tipologia	-	-	-
Comp. complementares	-	-	Bancos	-	-
Comp. intervolumétricos	Escadaria	Malha urbana	-	-	-

Quadro 31 – Fatores ambientais/Componentes morfológicos (Catedral).

Grupo 2 - Elemento urbano: Senadinho					
<p>Síntese da planilha obs./lev.: Senadinho</p>  <p>Temperatura média 26° Vento moderado Idosos no local (matutino): 20 Idosos no local (vespertino): 25 Idosos no local (noite): 0</p> <p>▲ N S/ escala</p>		<p>Acesso: topografia plana facilita o deslocamento do idoso; piso irregular em algumas partes da via; destinação de vias ao trânsito exclusivo de pedestres.</p> <p>Conservação: redução do espaço do Senadinho; bancos e mesas de jogos depredados; tipologia de alguns edifícios conservada; processo de verticalização.</p> <p>Conforto: existência de bancos e mesas de jogos, mas não localizados em áreas de sombra (ausência de vegetação no local).</p> <p>Social: bancos e mesas são áreas de integração social e vislumbre do movimento de pessoas; presença de idosos somente no período diurno.</p> <p>Segurança: não existe uso residencial, nem posto policial no entorno imediato.</p>			
Comp. Morf./Fat. Amb.	Acesso	Conservação	Conforto	Social	Segurança
Comp. naturais	Topografia	-	-	-	-
Comp. edificados	-	Senadinho	-	-	-
Comp. complementares	-	Bancos/mesas	Bancos	Bancos	-
Comp. intervolumétricos	Circulação	-	-	-	-

Quadro 32 – Fatores ambientais/Componentes morfológicos (Senadinho).

Assim, foram identificadas as seguintes relações fatores ambientais/componentes morfológicos no Grupo 2 (Figura 22).

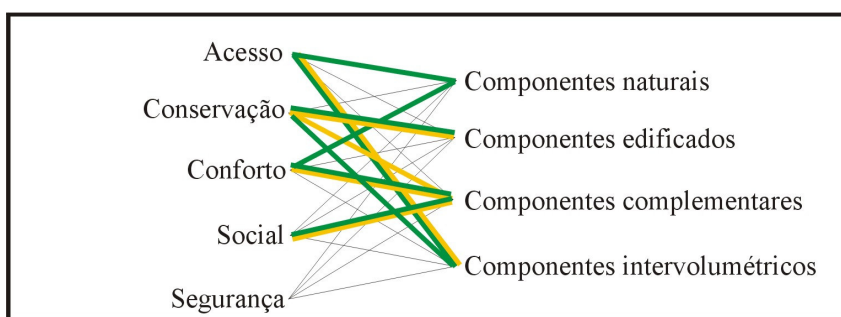


Figura 22 – Relações entre fatores ambientais e componentes morfológicos, Grupo 2.

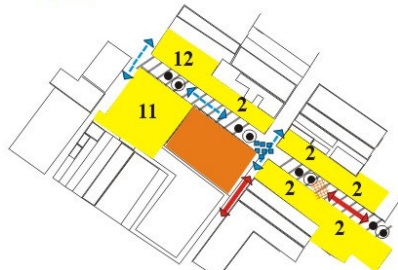
A apreensão dos componentes morfológicos associados ao Grupo 2 torna-se importante, na medida em que representa a constituição formal/espacial propícia à apropriação do idoso tanto no passado quanto no presente. Assim, foram verificados aqui os componentes morfológicos que contribuiriam para a manutenção dessa ambiência. A conservação da malha urbana e da tipologia, não somente da maioria das edificações presentes nos entornos imediatos dos elementos urbanos,

mas também dos próprios elementos, auxiliaram diretamente nessa manutenção da ambiência. Além disso, estando esses elementos inseridos no Centro Histórico, a conservação de seus invólucros torna-se relevante não somente para a apropriação do idoso, mas também para a manutenção da própria identidade da cidade. Porém, é preciso atentar para o processo de verticalização vigente na área central da cidade de Florianópolis.


A proximidade física entre os elementos urbanos deste Grupo, também tornou recorrentes outros componentes. A topografia predominantemente plana, aliada à destinação de grande parte das vias centrais ao trânsito exclusivo de pedestres, auxiliou na promoção do acesso do idoso. Entretanto, o piso irregular pode causar acidentes. A vegetação arbórea e os bancos e mesas para jogos, por sua vez, contribuíram para o conforto dos idosos, sendo que estes últimos ainda conformaram áreas de interação social e demarcação de sua territorialidade (fenômeno da nidificação – visto no Capítulo 2), como na Praça XV de Novembro, no Largo da Alfândega e no Senadinho. Já a ressalva realizada no 3º momento quanto aos conceitos negativos atribuídos ao fator social pelos idosos no Mercado Público e na Catedral – devido ao entendimento desses lugares como espaços, respectivamente, de compras e de oração (missa) – foi aqui comprovada, uma vez que não foram encontradas relações entre esses conceitos e os componentes morfológicos existentes nesses locais. Assim, a não socialização dos idosos da amostra nesses elementos acontece não devido a uma influência dos componentes morfológicos ali existentes, mas por iniciativa dos próprios idosos.

Por fim, a identificação dos elementos urbanos pertencentes ao Grupo 2 como os mais apropriados pelos idosos, realizada no 3º momento, foi aqui confirmada com a observação, visto que nesse grupo presenciamos o maior número de idosos entre os 3 analisados. Todavia, é importante ressaltar que – assim como observado no Grupo 1 – essa apropriação se deu tão somente no período diurno.

- **Grupo 3:** o Grupo 3 reúne os elementos urbanos apropriados pelos idosos somente nos dias de hoje. Logo, foi definido como objetivo identificar os componentes morfológicos que contribuem ou não para a apropriação pelos idosos. As sínteses das observações realizadas na Igreja de São Francisco e no Shopping Beiramar encontram-se nos Quadros 33 e 34.

Grupo 3 - Elemento urbano: Igreja de São Francisco					
<p>Síntese da planilha obs./lev.: ■ Igreja de São Francisco</p>  <p>Temperatura média 26° Vento moderado Idosos no local (matutino): 4 Idosos no local (vespertino): 5 Idosos no local (noite): 0</p>		<p>Acesso: topografia plana facilita o deslocamento do idoso; piso irregular em algumas partes da via; destinação de vias ao trânsito exclusivo de pedestres.</p> <p>Conservação: conservação da tipologia da própria Igreja; processo de verticalização.</p> <p>Conforto: o gabarito elevado de edificações do entorno imediato cria áreas de sombra; ausência de vegetação.</p> <p>Social: não existem concentrações de idosos; presença de idosos somente no período diurno.</p> <p>Segurança: não existe uso residencial no entorno imediato; não existe posto policial no entorno imediato.</p>			
Comp. Morf./Fat. Amb.	Acesso	Conservação	Conforto	Social	Segurança
Comp. naturais	Topografia	-	-	-	-
Comp. edificados	-	Tipologia	Gabarito	-	-
Comp. complementares	-	-	-	-	-
Comp. intervolumétricos	Circulação	-	-	-	-

Quadro 33 – Componentes morfológicos/fatores ambientais (Igreja de São Francisco).

Grupo 3 - Elemento urbano: Shopping Beiramar					
<p>Síntese da planilha obs./lev.: ■ Shopping Beira Mar</p>  <p>Temperatura média 26° Vento moderado Idosos no local (matutino): 2 Idosos no local (vespertino): 3 Idosos no local (noite): 0</p>		<p>Acesso: topografia plana facilita o deslocamento do idoso, porém o acesso dos idosos se dá principalmente por veículo.</p> <p>Conservação: processo de verticalização do entorno; o próprio Shopping foi consequência de transformações morfológicas (foi construído onde havia o Estádio).</p> <p>Conforto: não existem bancos e mesas de jogos nas imediações do Shopping; vegetação arbustiva e reduzida.</p> <p>Social: não existem concentrações de idosos; presença (mínima) de idosos somente no período diurno.</p> <p>Segurança: existe uso residencial no entorno imediato; não existe posto policial no entorno imediato.</p>			
Comp. Morf./Fat. Amb.	Acesso	Conservação	Conforto	Social	Segurança
Comp. naturais	-	-	-	-	-
Comp. edificados	-	-	-	-	-
Comp. complementares	-	-	-	-	-
Comp. intervolumétricos	-	-	-	-	-

Quadro 34 – Componentes morfológicos/fatores ambientais (Shopping Beira Mar).

Assim, foram identificadas as seguintes relações fatores ambientais/componentes morfológicos no Grupo 3 (Figura 23).

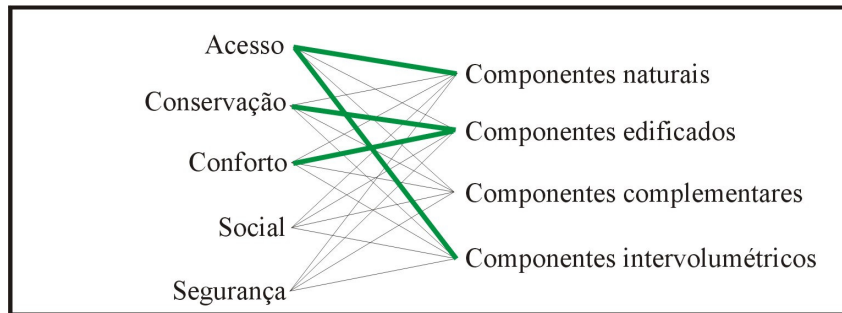


Figura 23 – Relações entre fatores ambientais e componentes morfológicos, Grupo 3.

Nos Grupos 2 e 3, verificamos uma semelhança entre os componentes morfológicos que contribuem para a apropriação dos idosos. Na Igreja de São Francisco, por exemplo, foi constatada parte dos componentes morfológicos identificados no Grupo 2 – como a topografia predominantemente plana e a destinação de parte das vias centrais ao trânsito exclusivo de pedestres. No entanto, tais componentes não se repetem no Shopping Beiramar, onde não foi observado nenhum componente morfológico associado aos fatores ambientais avaliados pelos idosos. Assim, a sua apropriação pelos idosos, já questionada no 3º momento, não encontra aqui nenhum rebatimento formal/espacial.

Um último ponto importante a ser mencionado é que no Grupo 3, assim como nos demais, a apropriação dos elementos urbanos pelos idosos aconteceu somente no período diurno. Uma outra constatação pertinente aos três Grupos de elementos urbanos é a existência de um fenômeno cada vez mais comum nas cidades brasileiras de médio a grande porte: devido ao declínio do uso residencial nas áreas centrais, o centro “morre” nos finais de semana. Tal fato foi ilustrado com a diminuição significativa da presença dos idosos, bem como de pessoas de outras faixas etárias, nos elementos urbanos analisados nesses dias.

Encerrada a identificação dos componentes morfológicos associados aos fatores ambientais avaliados pelos idosos, teve início a 2ª e última etapa deste 4º momento.

2ª etapa: uma vez identificados os componentes morfológicos relacionados à apropriação em cada um dos elementos urbanos dos três Grupos, esta última etapa teve como objetivo analisar as transformações ocorridas nesses componentes ao longo da vida dos idosos entrevistados. Todavia, em virtude de sua extensão, essa etapa foi realizada, neste trabalho, somente em um dos elementos urbanos, a fim de ilustrar essa fase do 4º momento e, assim, validar o procedimento de análise na íntegra.

Assim, foi escolhida a Praça XV de Novembro, tanto por pertencer ao Grupo 2 – onde encontram-se os elementos que atestam a continuidade dos laços locais do idoso e da identidade formal/espacial da cidade, contribuindo para a existência de uma ambiência urbana favorável à apropriação da pessoa idosa – quanto por ser a gênese desse enlace idoso/espço urbano – ponto inicial do povoamento e da malha urbana da cidade. Logo, o entendimento das transformações de seus componentes morfológicos ao longo do tempo é de suma importância para a manutenção dos laços locais da pessoa idosa e da identidade formal/espacial da cidade.

Primeiramente, foi realizada a verificação dos componentes morfológicos observados na 1ª etapa, nas fotografias atuais do elemento urbano (Praça XV de Novembro) obtidas com o levantamento in loco, por meio da técnica de fotointerpretação. Assim, foram constituídos os dados relativos às fotografias da década de 2000 (época atual) da Praça XV de Novembro. Em seguida, foram selecionadas fotografias antigas/históricas do elemento urbano, obtidas por meio da documentação indireta, e organizadas, juntamente com as fotografias atuais, ao longo de uma linha do tempo, para a aplicação da técnica de análise regressiva da paisagem.

O período da análise, delimitado pela idade média dos idosos constituintes da amostra, foi de 72 anos. Sendo assim, foram selecionadas para análise as fotografias da Praça XV, pertencentes às seguintes décadas:

Década de 2000: época atual;

- Década de 1970: término da construção do aterro da baía sul e implantação de novo sistema viário sobre a área aterrada, inclusive com novos acessos continente/ilha – Pontes Gov. Colombo Machado Salles e Gov. Pedro Ivo Campos;

- Década de 1960: última década de contato direto cidade/mar, antes da finalização do aterro da baía sul;

- Década de 1930: início da vivência dos idosos da amostra.

Por fim, foi determinado o referencial temporal adotado: as fotografias da década de 2000 (época atual). A partir deste ponto, a seqüência temporal das fotografias foi estabelecida, sendo possível a realização da análise regressiva da paisagem nas fotografias das décadas de 1970, 1960 e 1930, comparativamente com as fotografias atuais, como mostra a Figura 24.

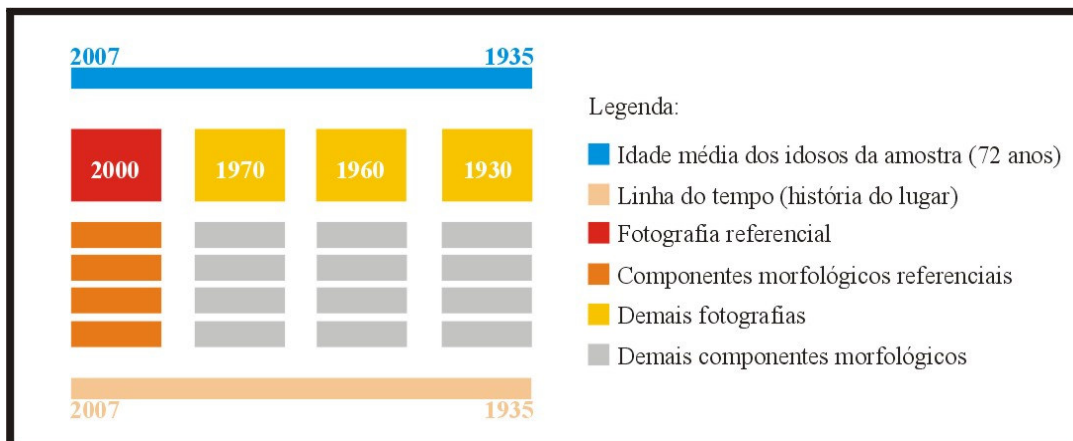


Figura 24 – Esquema da análise regressiva da paisagem realizada.

Foram, então, realizadas a fotointerpretação e a análise regressiva da paisagem na Praça XV de Novembro, como mostra o Quadro 35.

2007	1970	1960	1935
 <p>Referencial adotado</p>	 <p>Componentes: Naturais</p>	 <p>Edific.</p>	 <p>Comp.</p>
<p>Topografia predominantemente plana; vegetação arbórea densa (existência de áreas de sombra).</p>	<p>Perda do contato direto cidade/mar. Praça XV/mar: vegetação arbórea já encontra-se densa.</p>	<p>Contato direto cidade/mar: vegetação arbórea em crescimento (áreas de sombra menores).</p>	<p>Topografia inalterada: vegetação arbórea menos densa (poucas áreas de sombra).</p>
<p>Manutenção das tipologias de edificações referências na paisagem urbana, como a Catedral.</p>	<p>Com a construção do aterro da baía sul, o Miramar, um referencial para os idosos, é destruído.</p>	<p>São visíveis as tipologias da Catedral, do Palácio Cruz e Sousa e do Miramar, elementos referenciais.</p>	<p>Manutenção das tipologias de edificações referências na paisagem urbana, como a Catedral e o Palácio.</p>
<p>Bancos e mesas contribuem para a criação de áreas de permanência, descanso e integração social.</p>	<p>Bancos e mesas não constatados nas fotografias. Todavia, sua existência não é questionada (história).</p>	<p>A existência de bancos e mesas é verificada na Praça XV.</p>	<p>A existência de bancos e mesas é verificada na Praça XV.</p>
<p>Malha urbana conservada no entorno imediato da Praça XV.</p>	<p>Mesmo com a criação do aterro, a malha urbana do entorno imediato da Praça XV é conservada.</p>	<p>Malha urbana original nítida e inalterada.</p>	<p>Malha urbana inalterada.</p>
2007	2007	1935	1935

Quadro 35 – Fotointerpretação e análise regressiva da paisagem (Praça XV de Novembro). Fontes das fotos: Acervo próprio (2000) e <http://www.ufsc.br/~esilva/Albuma01.htm> (1970, 1960 e 1930).

A realização da análise regressiva da paisagem junto à Praça XV de Novembro, revelou que os componentes morfológicos que contribuem para a sua apropriação pela pessoa idosa – a topografia predominantemente plana, a vegetação arbórea e as áreas de sombra, os bancos e mesas criando áreas de descanso e interação social e a conservação da malha urbana – existiram ao longo de toda vida dos idosos da amostra, ou seja, esse contato foi ininterrupto. Entretanto, há uma ressalva a ser feita, com relação à preservação das tipologias dos elementos referenciais. Embora elementos como a Catedral tenham sido mantidos, a criação do aterro da baía sul levou à perda de um dos elementos urbanos mais significativos para os idosos: o Miramar. Esse “distanciamento” entre a cidade e o mar e, conseqüentemente, entre a Praça XV de Novembro e o mar, pode ser verificada nas fotografias aéreas auxiliares, de 2004 (mais recente), 1994, 1977, 1957, todas inseridas no período de vivência dos idosos da amostra, como na Figura 25.

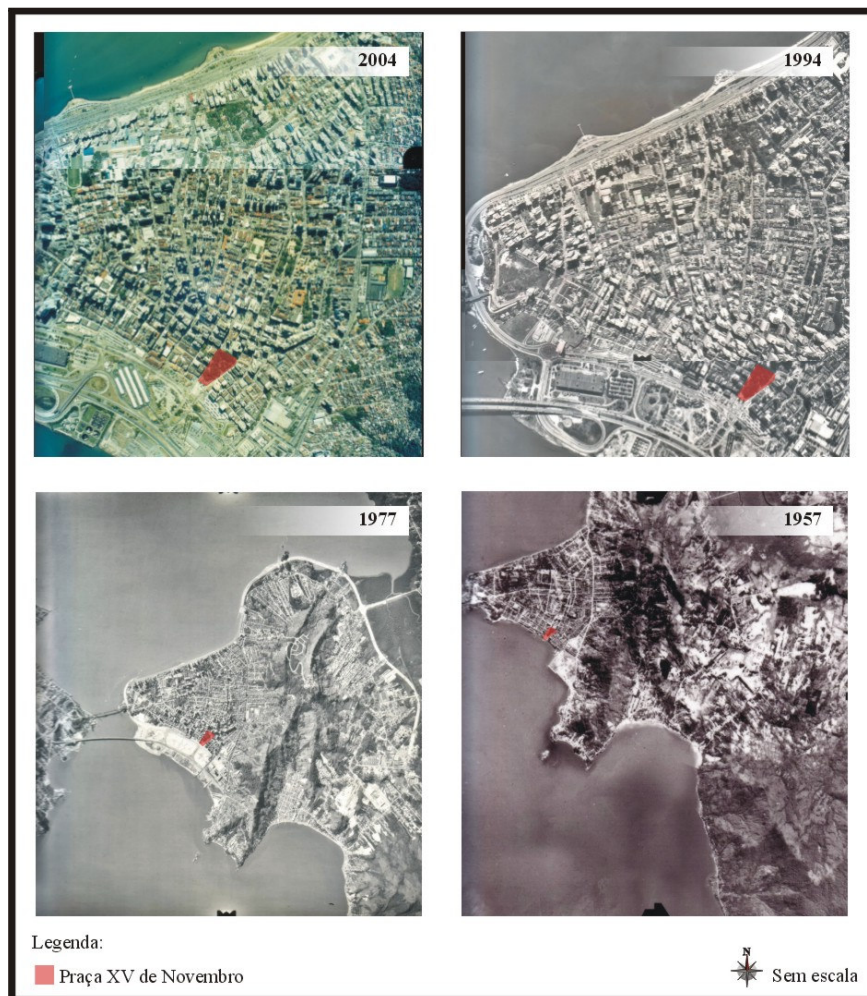


Figura 25 – Fotografias aéreas do centro urbano de Florianópolis de 2004, 1994, 1977 e 1957. Fonte: IPUF.

Amplas, as fotografias aéreas permitem a apreensão de transformações gerais, ocorridas na escala urbana, abrangendo toda a área objeto de estudo: o centro urbano de Florianópolis. Nelas são visíveis, além da criação do aterro e a destruição do Miramar, a preservação da malha urbana consolidada, mesmo com a implementação das grandes vias e de um novo parcelamento na área aterrada.

Assim, após a realização da análise regressiva da paisagem, concluiu-se que a sociedade zelou pela preservação dos componentes morfológicos relacionados à apropriação do elemento urbano em questão – a Praça XV de Novembro – pelos idosos da amostra. Porém, devemos ressaltar que a perda de elementos urbanos referenciais à pessoa idosa, como aconteceu com o Miramar, pode vir a comprometer a manutenção dos laços locais do idoso e da identidade da cidade.

4.6.1 Análise dos resultados encontrados

O 4º e último momento da pesquisa, constituiu, como frisado em seu início, a junção entre a apropriação, os fatores ambientais e os componentes morfológicos. Neste momento, foi observada a influência formal/espacial da cidade, mais precisamente dos entornos imediatos dos elementos urbanos mais significativos para os idosos da amostra, em sua apropriação atual, bem como verificadas as transformações ocorridas nessa constituição formal/espacial, ao longo da vida desses idosos.

A 1ª etapa – onde ocorreu a verificação dos componentes morfológicos correspondentes aos fatores ambientais avaliados pelos idosos no 3º momento – possibilitou o entendimento das características formais/espaciais atuantes nos 3 Grupos de elementos urbanos.

No Grupo 1 foram identificados componentes morfológicos relacionados à não apropriação atual dos elementos urbanos, tanto no Palácio Cruz e Sousa – as transformações ocorridas em seu jardim – quanto no Largo da Carioca (atual Largo Fagundes) – as mudanças formais/espaciais observadas em toda a sua área. Além disso, alterações morfológicas, como a construção do

aterro, contribuíram para o desuso de alguns locais da cidade, influenciando diretamente, por exemplo, na destruição do Miramar.

No Grupo 2 foi confirmada, por meio da aplicação da planilha de observação/levantamento in loco, que a justificativa para a avaliação negativa do fator social pelos idosos era relativa ao entendimento de funções específicas – como ir à missa ou às compras – e não a uma barreira física, uma vez que estas não foram constatadas. Outro importante ponto a ser colocado foi a recorrência, entre os elementos desse Grupo, de componentes morfológicos como a vegetação arbórea, a topografia predominantemente plana, a existência de bancos de mesas criando áreas de descanso, a destinação de parte das vias centrais ao trânsito exclusivo de pedestre e a manutenção de tipologias referenciais.

No Grupo 3 foram observados os mesmos componentes, o que nos permitiu compreender a não existência de componentes morfológicos novos e/ou específicos vinculados aos novos elementos urbanos apropriados pelos idosos. Assim, embora novos elementos tenham sido apropriados pela pessoa idosa em comparação com os elementos por ela apropriados ao longo da vida, estes não foram acompanhados por uma mudança ou nova característica morfológica do espaço urbano. Uma outra importante observação se faz necessária: a atribuição de fatores ambientais positivos ao Shopping Beiramar está muito mais relacionada à sua constituição formal/espacial interna do que externa, referente ao espaço urbano (espaço para comentários junto à pergunta 16 – ver Apêndice B). Nesse elemento urbano, o acesso, a conservação, o conforto e a segurança são positivos, enquanto o fator social é o único negativo. O Shopping se fecha em seus próprios limites, não se relacionando diretamente com a cidade e, assim, não constituindo uma continuação do espaço urbano. Essa manutenção da constituição formal/espacial da área de objeto da pesquisa (centro urbano de Florianópolis) foi também verificada na 2ª etapa, na aplicação da análise regressiva da paisagem nas fotografias, atuais e antigas/históricas, além do suporte em paralelo das fotografias aéreas.

Já na análise das transformações desses componentes ao longo do tempo, aplicada na Praça XV de Novembro, bem como em seu entorno imediato, foram percebidas exclusivamente pequenas alterações (crescimento da vegetação arbórea e o conseqüente aumento das áreas de

sombra), o que nos fez concluir que a maioria dos componentes morfológicos associados à apropriação da pessoa idosa, fizeram parte de toda a sua vida. Todavia, a criação do aterro da baía sul, influenciou negativamente não somente a relação cidade/mar, mas também a relação idoso/cidade, na medida em que “afastou” a Praça XV de Novembro do mar, levando à destruição o Miramar, um dos elementos urbanos mais significativos para os idosos.

Assim, ao analisarmos sob o ponto de vista da manutenção dos elementos urbanos apropriados ao longo da vida pelos idosos da amostra (elementos mais significativos para eles e, conseqüentemente, para a identidade da cidade), concluímos que a sociedade de Florianópolis tem zelado pela preservação formal/espacial desses elementos. No entanto, diante da identificação de fatores ambientais e componentes morfológicos não somente prós, mas também contra o processo de apropriação do espaço urbano por esses idosos, alguns cuidados são necessários, especialmente com relação à preservação dos espaços públicos e dos elementos urbanos referenciais na paisagem urbana.



Fonte: Acervo próprio. Adaptado de: www.ufsc.br/~esilva/

Ao término da base teórica e da elaboração e aplicação do procedimento de análise da apropriação formal/espacial do espaço urbano pela pessoa idosa, concluímos esta pesquisa, ressaltando a importância do pressuposto estabelecido acerca da possibilidade de identificação dos elementos urbanos portadores da identidade formal/espacial da cidade a partir da memória do idoso, bem como sua aplicabilidade junto ao estudo da apropriação. Enfim, validando o procedimento de análise aqui proposto.

5.1 A consolidação do procedimento de análise: teoria, elaboração e aplicação

Ao longo da vida, o ser humano constrói sua cultura com valores adquiridos e transmitidos de geração em geração. Nesse percurso vivencial, ele ergue e elege lugares, cenários importantes e com os quais se identifica. Assim, quando idoso, ele se volta para o passado e vislumbra a identidade da cidade, revelada nas formas e espaços desses mesmos lugares que ajudou a criar. Tais considerações, abordadas na presente pesquisa, tanto em teoria quanto na prática, justificam a aproximação entre a pessoa idosa e o espaço urbano, e nos permitem verificar a hipótese de que é possível identificar os elementos urbanos portadores da identidade formal/espacial da cidade a partir da memória do idoso.

No entanto, ao olhar para o passado, este mesmo idoso pode se deparar com o que não há, com a perda desses elementos urbanos com os quais se emocionou, vivenciou, enfim, dos quais se apropriou. Aqui, a proposição de um procedimento de análise da apropriação formal/espacial desses lugares pela pessoa idosa assume grande importância, uma vez que a manutenção dos laços locais do idoso, além de contribuir no sentido da melhoria de sua qualidade de vida, significa a preservação da identidade da cidade.

Diante, pois, da descaracterização de muitas das cidades brasileiras de médio a grande porte, em decorrência de constantes transformações morfológicas relacionadas ao rápido crescimento urbano, a aplicação deste procedimento torna-se extremamente útil. Tal constatação foi verificada junto ao estudo de caso selecionado – a cidade de Florianópolis – que passa atualmente por um processo similar.

O procedimento de análise aqui proposto, fundamentado no pressuposto estabelecido (é possível identificar os elementos urbanos portadores da identidade formal/espacial da cidade a partir da memória do idoso) e sua aplicabilidade no estudo da apropriação, revela como base a ligação memória/apropriação/fatores ambientais/componentes morfológicos. Essa estrutura, por sua vez, deu suporte tanto à fundamentação teórica quanto ao procedimento propriamente dito (elaboração e aplicação), possibilitando o estabelecimento de uma relação direta entre cada etapa do procedimento de análise e o embasamento teórico a ela necessário.

Assim, foram estabelecidos os 4 momentos subseqüentes de análise da apropriação, pautados nos objetivos específicos – definidos no capítulo 1 – e voltados, em conjunto, à consolidação do procedimento de análise, objetivo principal desta pesquisa.

No 1º momento foi evidenciado o pressuposto estabelecido – é possível identificar os elementos urbanos portadores da identidade formal/espacial da cidade a partir da memória do idoso. Nessa etapa, vimos que os elementos urbanos mais significativos para os idosos (os elementos apropriados ao longo de suas vidas), devido à constatação da cultura e história comuns entre a pessoa idosa e o espaço urbano, constituíam os elementos portadores da identidade formal/espacial da cidade. Enquanto o idoso carrega a carga cultural e histórica de seu povo em sua memória, a cidade a tem formalizada e espacializada em seus lugares mais significativos, como junto aos bens tombados. Tal afirmação teórica, por sua vez, foi também verificada na prática, diante da coincidência entre os elementos urbanos apropriados ao longo da vida pelos idosos da amostra e os elementos tombados (adotados nesta pesquisa como parâmetro para os elementos urbanos portadores da identidade da cidade), especialmente os localizados dentro do Centro Histórico, definido pelo SEPHAN/IPUF.

No 2º momento ocorreu a transição entre memória e apropriação. Nele foi verificado que os elementos urbanos apropriados ao longo da vida pelos idosos da amostra, em sua grande maioria, ainda o são atualmente. Em teoria, observamos ser a apropriação o processo de construção dos laços locais do indivíduo. Além disso, foi reconhecida a importância da constituição formal/espacial dos elementos urbanos no estabelecimento de significados, na identificação por parte do ser humano e conseqüente criação da idéia de lugar. Essa interação

entre o ser humano e o meio construído, constitui, segundo Cullen (2004), uma ambiência urbana. Na prática, comparando os elementos urbanos apropriados ao longo da vida (passado) pelos idosos da amostra com os elementos urbanos apropriados atualmente (presente) por eles, concluímos que os seus laços locais estão mantidos, ou seja, que a ambiência urbana característica do enlace idoso/meio urbano foi preservada, visto que esses idosos ainda se apropriam da maioria dos elementos urbanos que foram mais importantes para eles ao longo da vida.

No 3º momento foi definida a ligação apropriação/fatores ambientais. Aqui, foi visto que a apropriação é proporcionada tanto por aspectos intrínsecos, de ordem pessoal, quanto extrínsecos, relacionados ao ambiente. Assim, foi considerada a influência dos fatores ambientais (acesso, conservação, conforto, social, segurança) na apropriação. No tocante à pesquisa prática, da comparação realizada no 2º momento, foram originados três Grupos de elementos urbanos: o Grupo 1 (os elementos urbanos apropriados ao longo da vida pelos idosos que não mais o são atualmente), o Grupo 2 (os elementos urbanos apropriados ao longo da vida pelos idosos que ainda o são atualmente) e o Grupo 3 (os elementos urbanos apropriados pelos idosos somente nos dias de hoje).

A primeira constatação prática foi a de que, além da maioria dos elementos urbanos apropriados ao longo da vida pelos idosos também o serem atualmente (Grupo 2), eles ainda são os mais utilizados. Além disso, esses elementos se concentram justamente na área do Centro Histórico, reforçando ainda mais a ligação memória do idoso/identidade da cidade. A apropriação desses elementos, por sua vez, pode ser associada diretamente à influência positiva de grande parte dos fatores ambientais, exceto em elementos como a Catedral e o Mercado Público onde o fator social recebeu uma avaliação negativa considerável, uma vez que os idosos compreenderam como funções específicas, respectivamente, orar e fazer compras. Situação semelhante ocorreu no Grupo 3, onde os mesmos conceitos foram atribuídos à Igreja de São Francisco e ao Shopping Beiramar. Quanto aos elementos não mais apropriados nos dias de hoje (Grupo 1), foi identificado o fator conservação como o responsável pela não apropriação atual de elementos urbanos significativos para os idosos, como o Palácio Cruz e Sousa e o Largo da Carioca. Por fim, foi identificado o fator social como o mais importante para os idosos na apropriação do

espaço urbano. Tal constatação evidencia o contato que essa geração teve com a rua e com as relações sociais ali existentes ao longo da vida e em muito justifica a existência de vários espaços públicos dentre os elementos urbanos apropriados atualmente pelos idosos, como a Praça XV de Novembro, o Largo da Alfândega e a Rua Felipe Schmidt.

No 4º momento foi realizada a ligação fatores ambientais/componentes morfológicos, com vistas a verificar de que maneira a cidade contribui morfológicamente para a apropriação do idoso, bem como analisadas as transformações desses componentes ao longo da vida dos idosos da amostra. Vimos, em teoria, que, por mais abstrato que seja, todo fator ambiental incidente sobre um local possui relação com os componentes morfológicos (componentes naturais, edificados, complementares ou intervolumétricos) ali existentes.

Logo, na pesquisa prática, numa 1ª etapa, foram relacionados os fatores ambientais positivos e negativos à apropriação (avaliados pelos idosos no 3º momento) aos componentes morfológicos existentes nas áreas dos elementos urbanos pertencentes aos três Grupos, por meio da planilha de observação/levantamento. Assim, verificamos que a cidade contribui morfológicamente de maneira negativa junto ao Grupo 1, com a não conservação formal/espacial de áreas no Palácio Cruz e Sousa e no Largo da Carioca, enquanto contribui positivamente nos Grupos 2 e 3, por meio da topografia predominantemente plana, da transformação de parte das vias centrais em calçadas (como a rua Felipe Schmidt) da criação de áreas de sombra pela vegetação e de permanência pela presença de bancos e mesas (na Praça XV de Novembro) e da preservação das tipologias dos edifícios referenciais em algumas áreas (como o Largo da Alfândega). Exceção é feita ao Shopping Beiramar, onde, diante da inexistência de componentes morfológicos relevantes em seu entorno, acreditamos que ele os reúna em seu interior.

Na 2ª etapa desse 4º momento, esses mesmos componentes morfológicos foram verificados nas fotografias atuais dos elementos urbanos, por meio da fotointerpretação. A partir daí, foi aplicada a análise regressiva da paisagem somente sobre um desses elementos (a Praça XV de Novembro), devido à extensão dessa etapa. No entanto, dada a importância da Praça XV de Novembro, tanto para o idoso da amostra (elemento urbano mais apropriado por ele) quanto para a cidade (gênese da malha urbana), ela constituiu um exemplo extremamente rico da

aplicação dessa última etapa. Foi, então, verificado que grande parte dos componentes morfológicos relacionados à sua apropriação foram mantidos ao longo de toda a vida desses idosos (idade média dos idosos pertencentes à amostra), salvo a construção do aterro, que culminou na destruição de um importante elemento urbano – o Miramar. Logo, concluímos que a sociedade, de um modo geral, zelou pelos componentes morfológicos essenciais à apropriação da pessoa idosa, junto ao elemento urbano analisado – a Praça XV de Novembro e seu entorno imediato.

A presente pesquisa, ao relacionar memória/apropriação/fatores ambientais/componentes morfológicos, com base na identidade comum entre idoso e cidade, foi fundamentada na vivência urbana da pessoa idosa. Assim, este estudo demonstra o vínculo existente entre os espaços vivenciados e apropriados pelos idosos ao longo da vida e a sua própria compreensão da cidade que habita. Esta cidade é percebida e armazenada na memória do idoso durante o seu percurso vivencial, por meio de seus espaços públicos e elementos construídos, enfim, de seus espaços e formas. O idoso atual é, na maior parte dos casos, a criança que brincou na rua, o jovem que namorou na praça e o adulto que trabalhou no edifício ao seu lado. A aplicação do procedimento de análise aqui proposto evidenciou a importância dessa vivência urbana na criação da ambiência, do enlace indivíduo/meio, enfim, da identificação entre a pessoa idosa e a cidade e conseqüente apropriação dos elementos urbanos. Nesse momento, nos perguntamos: qual será a leitura da cidade que farão os futuros idosos, uma vez que esse contato com o espaço urbano é sabidamente menor nas gerações mais novas?

No intuito de responder a essa pergunta, cada vez mais estudos voltados a uma melhor relação entre o idoso e o espaço urbano são necessários. Daí a importância da validação do presente procedimento de análise. De acordo com Sternik (1976) *apud* Bins Ely (1997), a validade de uma ferramenta está relacionada à sua capacidade de medir o que se propõe a medir. Sendo, então, o procedimento aqui proposto, pautado na verificação de uma hipótese e conseqüente estabelecimento de um pressuposto (é possível identificar os elementos urbanos portadores da identidade formal/espacial da cidade a partir da memória do idoso), a validade a ser testada é a de constructo, ou seja, da construção de uma relação entre conceito e manifestação por meio desse instrumento. Por conseguinte, uma vez atendidos os objetivos específicos

estabelecidos ao longo dos 4 momentos, bem como verificada a hipótese formulada, estabelecido o pressuposto e evidenciada sua aplicabilidade no estudo da apropriação (memória/apropriação/fatores ambientais/componentes morfológicos), concluímos estar validado o procedimento de análise aqui proposto, objetivo principal da presente pesquisa.

5.2 Sugestões para futuras pesquisas

A verificação da hipótese formulada e estabelecimento do pressuposto de que é possível identificar os elementos portadores da identidade formal/espacial da cidade a partir da memória do idoso, além da análise da apropriação formal/espacial do espaço urbano pela pessoa idosa, possibilita toda uma gama de aplicações e desenvolvimento de estudos. Dentre eles, podemos sugerir:

- A fim de verificar a hipótese formulada em teoria e evidenciar o pressuposto estabelecido na prática, a presente pesquisa adotou os elementos tombados como parâmetro para os elementos urbanos portadores da identidade da cidade. Uma outra forma de identificação desses elementos mais significativos do espaço urbano pode ser realizada por meio da aplicação de entrevistas também na população em geral.

- Uma vez que o procedimento de análise foi validado junto ao estudo de caso selecionado (Florianópolis), sugerimos aumentar a amostra, a fim de verificar se existirão alterações nos elementos urbanos apropriados pelos idosos, bem como nos fatores ambientais que influenciam na apropriação.

- Estudos paralelos à análise da apropriação formal/espacial podem ser desenvolvidos, como discriminação entre os lugares vivenciados por idosos e por idosas ao longo da vida, bem como atualmente. Além disso, esses dados podem ser também divididos de acordo com as origens da amostra (idosos em espaços públicos, idosos em instituições asilares e idosos em instituições educacionais).

- Tendo sido a pesquisa de campo – envolvendo as entrevistas estruturadas e a aplicação da planilha de observação/levantamento *in loco* – deste estudo desenvolvida no período verão/outono, cabe a sua aplicação em outras épocas do ano, no intuito de verificar a influência das alterações climáticas na apropriação formal/espacial dos elementos urbanos pelo idoso.

- A aplicação das técnicas de fotointerpretação e análise regressiva da paisagem no Centro Histórico, por si só, já ilustrou a viabilidade do procedimento de análise proposto. Porém, é possível estender o uso dessas duas técnicas a todo o centro urbano, a fim de verificar transformações morfológicas ocorridas em outras áreas do centro da cidade que tenham influenciado na apropriação atual do espaço urbano pela pessoa idosa.

- Uma vez que a análise regressiva da paisagem permitiu apreender possíveis transformações, ao longo do tempo, dos componentes morfológicos relacionados à apropriação, recomendamos, juntamente com o Plano Diretor da cidade, a realização de um estudo na direção contrária, ou seja, uma prognose – segundo Zampieri, Silva e Loch (2000), trata-se da realização de conjeturas acerca do ambiente físico – desses mesmos componentes, no intuito de verificar quais as tendências e possíveis alterações futuras na constituição formal/espacial dos lugares analisados.

- Sugerimos a aplicação desse procedimento de análise, na mesma área objeto de estudo, mas a futuras gerações de idosos. A vivência urbana do idoso atual pode parecer óbvia nos dias de hoje, mas a análise das gerações seguintes, onde essa experiência é sabidamente menor, pode revelar sérias alterações quanto à apropriação do espaço urbano.



Fonte: Acervo próprio. Adaptado de: www.ufsc.br/~esilva/

Referências bibliográficas

ALTMAN, Irwin; CHEMERS, Martin. **Culture and Environment**. Monterey, CA: Brooks/Cole Publishing Company, 1984.

AYMONINO, Carlo. **O significado das cidades**. Lisboa: Editorial Presença, 1984. 235 p.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 711 p.

BENÉVOLO, Leonardo. **A cidade e o arquiteto: método e história na arquitetura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991. 2ª edição. 144 p.

BENTO, Manuel M. S. **A validade e a fidelidade nas investigações de carácter científico**. Disponível em: <<http://arlequim.no.sapo.pt/validade%20e%20fidelidade.htm#validade>> Acesso em: 4 de abril 2007.

BARROS, Cybele Ferreira Monteiro de. **Casa Segura: uma arquitetura para a maturidade**. Disponível em: <<http://www.casasegura.arq.br/>> Acesso em: 4 de fevereiro 2006.

BINS ELY, Vera Helena Moro. **Avaliação de fatores determinantes no posicionamento de usuários em abrigos de ônibus a partir do método da grade de atributos**. 207 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Curso de Pós-graduação em Engenharia de Produção Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

BINS ELY, Vera Helena Moro. [et. al.] Integração das diretrizes energéticas no processo de concepção arquitetônica. In: RIO, Vicente Del; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso. (org.) **Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / PROARQ, 2002, 392 p.

BINS ELY, Vera Helena Moro. Acessibilidade espacial – condição necessária para o projeto de ambientes inclusivos. In: MORAES, Anamaria de. (org.) **Ergodesign do ambiente construído e habitado**. 2ª edição. Rio de Janeiro: iUsEr, 2005, 146 p.

BOLLE, Willi. Cultura, patrimônio e preservação. In: ARANTES, Antonio Augusto (Org.). **Produzindo o passado**. Estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense, 1984. 255 p.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança dos velhos. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484 p.

BRASIL. Leis. Lei nº 8842 jan. 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial**, Brasília, 5 jan. 1994.

_____. Leis. Lei nº 10741 out. 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial**, Brasília, 3 out. 2003.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**; tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. ISBN 85-7164-149-8. 150 p.

CAMARANO, Ana Amélia (coord.) **Texto para discussão nº 681. Como vai o idoso brasileiro?** Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada IPEA. Rio de Janeiro, 1999. ISBN 1415-4765.

CARAMELLI, Paulo; BARBOSA, Maira Tonidandel. **Como diagnosticar as quatro causas mais frequentes de demência?** Rev Bras Psiquiatr 2002; 24 (Supl I): 7-10. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v24s1/8850.pdf#search=%22dem%C3%Aancia%22>> Acesso em: 23 de agosto 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. 271 p.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001. 282 p.

CHRISTENSON, Margaret A. **Aging in the Designed Environment**. London: The Haworth Press, 1990.

COELHO NETTO, Joaquim Teixeira. **A construção do sentido na arquitetura**. 4ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999. 178 p.

COUTINHO, Evaldo. **O espaço da arquitetura**. 2ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998. 239 p.

CRUZ, Carla; RIBEIRO, Uirá. **Metodologia Científica – Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil, 2003.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 2004. 202 p.

DEL RIO, Vicente. Cidade da mente, cidade real: percepção ambiental e revitalização na área portuária do RJ. p. 3-22. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. 265 p.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. 265 p.

DIAS, Adriana Fabre. **A reutilização do patrimônio edificado como mecanismo de proteção: uma proposta para os conjuntos tombados de Florianópolis**. 173 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Curso de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

DORNELES, Vanessa Goulart. **Acessibilidade para idosos em áreas livres públicas de lazer**. 178 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Curso de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

DUARTE, Fabio. **Crise das matrizes espaciais: arquitetura, cidades, geopolítica, tecnocultura**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002. 275 p.

ELIAS, Eduardo de Oliveira. **Escritura urbana: invasão da forma/evasão do sentido**. São Paulo: Perspectiva: Secretaria de Estado da Cultura, 1989. 150 p.

ENCICLOPÉDIA WIKIPÉDIA. **Estádio Adolfo Konder**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1dio_Adolfo_Konder> Acesso em: 06 de abril 2007.

FERRARA, Lucrécia D`alessio. **Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

FERREIRA, Marcos Ribeiro. Problemas ambientais como desafio para a psicologia. In: PINHEIRO, José Q.; GÜNTHER, Hartmut; GUZZO, Raquel S. L. (Orgs.). **Psicologia Ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004. 196 p.

FILHO, Oswaldo Bueno Amorim. Topofilia, topofobia e topocídio em Minas Gerais. p.139-152. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. 265 p.

FITCH, James Marston. Bases empíricas de la decisión estética. In: PROSHANSKY, Harold M.; ITTELSON, William H.; RIVLIN, Leanne G. **Psicologia ambiental**. El hombre y su entorno físico. Cidade do México: Editorial Trillas, 1978.

GIACOMIN, Karla Cristina. Demências vasculares. p. 151-160. In: FREITAS, E. V.; PY, L.; NERI, A. L.; CANÇADO, F. A. X.; GORGONI, M. L.; ROCHA, S. M. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2002. ISBN: 8527707497. 1187 p.

GIBSON, James J. **The Senses Considered as Perceptual Systems**. Boston: Houghtan Mifflin Company, 1966.

GOFFMAN, Erving. **La mise en scène de la vie quotidienne – les relations en public**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1973. 372 p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004. 197 p.

HALL, Edward T. **A dimensão oculta**. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977. 200 p.

_____. La antropologia del espacio: un modelo de organización. In: PROSHANSKY, Harold M.; ITTELSON, William H.; RIVLIN, Leanne G. **Psicologia ambiental**. El hombre y su entorno físico. Cidade do México: Editorial Trillas, 1978.

HUNT, Michael E. **The Design of Supportive Environments for Older People**. In: Congregate Housing for the elderly. Haworth Press, 1991.

INSTITUTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL/IPHAN. (Brasil). Cartas Patrimoniais. **Carta de Brasília 1995**. Documento Regional do Cone Sul sobre Autenticidade, em 1995. Brasília, 1995. Ministério da Cultura: IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=265>> Acesso em: 02 de agosto 2006.

_____. (Brasil). Cartas Patrimoniais. **Carta de Petrópolis 1987**. 1º Seminário Brasileiro para Preservação e Revitalização de Centros Históricos. Ministério da Cultura: IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=257>> Acesso em: 03 de agosto 2006.

_____. (Brasil). **Perguntas frequentes**. Ministério da Cultura: IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=100&sigla=Institucional&retorno=paginaPerguntasFrequentes>> Acesso em: 03 de agosto 2006.

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE FLORIANÓPOLIS/IPUF. **Fotografias aéreas da cidade de Florianópolis**. Acervo IPUF 1957, 1977, 1994, 1998, 2002, 2004.

ITTELSON, William H.; PROSHANSKY, Harold M.; RIVLIN, Leanne G.; WINKEL, Gary H. **An introduction to Environmental Psychology**. New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1974. ISBN 0-03-001346-1.

KALACHE, Alexandre. **Envelhecimento populacional no Brasil: uma realidade nova**. In: Cadernos de Saúde Pública. vol. 3. n° 3. Rio de Janeiro Julho/Setembro 1987, p. 217-220. ISSN 0102-311X. SciELO Brazil. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X1987000300001&script=sci_arttext> Acesso em: 15 de abril de 2007.

KOHLSDORF, Maria Elaine. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996. 253 p.

LEITÃO, Lúcia. Espaço do abrigo? Espaço do afeto! p. 365-369. In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiana Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso (Orgs.). **Projeto do Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002. 389 p.

LE MOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos; 51). 2ª reimpressão da 5ª ed. de 1987. 116 p.

LOCH, Carlos. **A interpretação de imagens aéreas**: noções básicas e algumas aplicações nos campos profissionais. 3ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993. 120 p.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 227 p.

MASCARO, Sonia de Amorim. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 1997. (Coleção Primeiros Passos; 310).

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NERI, Anita Liberalesso. O curso do desenvolvimento intelectual na vida adulta e na velhice. Pág. 900 a 913. In: FREITAS, E. V.; PY, L.; NERI, A. L.; CANÇADO, F. A. X.; GORGONI, M. L.; ROCHA, S. M. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2002. ISBN: 8527707497. 1187 p.

NETO, Milton Menezes da Costa (org.). **Atenção à Saúde do Idoso** – Instabilidade postural e queda. Brasília: Ministério da Saúde; Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica, 1999. 40 p.

NOBRE, Eduardo A. C. **Os Tipos na Arquitetura e no Urbanismo**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAUUSP. 2003. Disponível em: http://www.fau.usp.br/docentes/deprojeto/e_nobre/tipos_arq_urb.pdf Acesso em: 11 de agosto 2006.

OLIVEIRA, Livia de. Percepção e representação do espaço geográfico. p. 187-212. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de (orgs.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. 265 p.

PAPALEÓ NETTO, Matheus. O estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos. Pág. 2 a 12. In: FREITAS, E. V.; PY, L.; NERI, A. L.; CANÇADO, F. A. X.; GORGONI, M. L.; ROCHA, S. M. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2002. ISBN: 8527707497. 1187 p.

PARR, A. E. En busca de la teoria. In: PROSHANSKY, Harold M.; ITTELSON, William H.; RIVLIN, Leanne G. **Psicologia ambiental**. El hombre y su entorno físico. Cidade do México: Editorial Trillas, 1978.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004. 436 p.

PERRACINI, Mônica Rodrigues. Planejamento e adaptação do ambiente para pessoas idosas. Pág. 798 a 807. In: FREITAS, E. V.; PY, L.; NERI, A. L.; CANÇADO, F. A. X.; GORGONI, M. L.; ROCHA, S. M. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2002. ISBN: 8527707497. 1187 p.

PINHEIRO, José Q.; GÜNTHER, Hartmut; GUZZO, Raquel S. L. Psicologia Ambiental: área emergente ou referencial para um futuro sustentável? In: PINHEIRO, José Q.; GÜNTHER, Hartmut; GUZZO, Raquel S. L. (orgs.). **Psicologia Ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004. 196 p.

ROBSON, David; NICHOLSON, Anne-Marie; BARKER, Neil. **Homes for the Third Age: a design guide for extra care sheltered housing**. London, UK: E & FN SPON, 1997.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção Primeiros Passos; 203). 5ª reimpressão da 3ª ed. de 1994. 88 p.

ROSSI, Aldo. **Arquitetura da cidade**. Tradução de Eduardo Brandão. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 306 p.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. / Milton Santos** - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SIMÕES, Regina. **Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo do idoso**. Prefácio de Wagner Wey Moreira. 3ª edição. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1998.

SOMMER, Robert. **Espaço Pessoal**. Coleção Ciências do comportamento. São Paulo: EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.

STEA, David. Espacio, territorio y movimientos humanos. In: PROSHANSKY, Harold M.; ITTELSON, William H.; RIVLIN, Leanne G. **Psicologia ambiental**. El hombre y su entorno físico. Cidade do México: Editorial Trillas, 1978.

TALETE, Tânia Sofia Fernandes. **Quinta da mina: modos de vida num bairro de habitação social**. Dissertação de licenciatura em sociologia. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Lisboa, 2003. Disponível em: <<http://www.cm->

barreiro.pt/ficheiros/ficheirosassociados/Tese%20de%20Licenciatura.pdf> Acesso em: 08 de setembro 2006.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983. 250 p.

_____. **Topofilia**. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

VAZ, Nelson Popini. **O centro histórico de Florianópolis: espaço público do ritual**. Florianópolis: FCC Ed. / Editora da UFSC, 1991. 112 p.

VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis: memória urbana**. Florianópolis: Editora da UFSC e Fundação Franklin Cascaes, 1993. 390 p.: il. – (Coleção Memória de Florianópolis; 3).

VIEIRA, Eliane Brandão; KOENIG, Annemarise. Avaliação cognitiva. p. 921-928. In: FREITAS, E. V.; PY, L.; NERI, A. L.; CANÇADO, F. A. X.; GORGONI, M. L.; ROCHA, S. M. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2002. 1187 p.

VIGOTZKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos cognitivos superiores / L. S. Vigotzki**; organizadores Michael Cole [et. al.]; tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche – 6ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

YASSUDA, Mônica Sanches. Memória e envelhecimento saudável. p. 914-920. In: FREITAS, E. V.; PY, L.; NERI, A. L.; CANÇADO, F. A. X.; GORGONI, M. L.; ROCHA, S. M. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2002. 1187 p.

YEITCH, Russel; ARKKELIN, Daniel. **Environmental Psychology: an interdisciplinary perspective**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, 1995.

ZAMPIERI, S. L.; SILVA, E.; LOCH, C. **A importância da análise e estudos de prognose e regressão da paisagem para o cadastro multifinalitário ambiental**. In Anais: COBRAC 2000 - Congresso Brasileiro de Cadastro Técnico Multifinalitário – UFSC. Florianópolis, 2000.



Fonte: Acervo próprio. Adaptado de: www.ufsc.br/~esilva/

Apêndice A: roteiro das entrevistas estruturadas

Controle:

Entrevista n°: _____

Data: ___/___/___.

Início: ___:___

Término: ___:___

Eliminatória/condições para a realização da pesquisa:

1) Idade:

2) Quanto tempo da sua vida morou em Florianópolis:

Caracterização da amostra:

3) Sexo:

4) Local (cidade) onde nasceu:

5) Bairro onde mora (em Florianópolis):

6) Mora em (casa/instituição)

7) Profissão:

8) Nível de escolaridade:

9) Estado civil:

10) Atividade realizada no momento anterior a entrevista:

Passado:

11) Quando o (a) senhor (a) pensa na sua vida (lembra da sua vida), quais os 3 primeiros lugares do centro da cidade de Florianópolis vêm à sua memória?

12) Qual era a importância de cada um desses lugares na vida do (a) senhor (a)?

Presente:

13) Quais os 3 principais lugares do centro da cidade de Florianópolis que fazem parte da sua vida hoje/atualmente?

14) Qual a importância/função de cada um desses lugares na vida do(a) senhor(a)?

15) Por que o senhor não citou esse lugar como um dos 3 principais da sua vida atualmente?

16) Quais as características destes lugares que o senhor citou como utilizados hoje, são importantes para o senhor freqüenta-los? O que falta nesses lugares para o senhor se sentir mais confortável?




17) Qual a sua impressão/opinião (positivo/razoável/negativo), no uso desses lugares pelo senhor hoje, com relação...

- Acesso
- Conservação
- Conforto

- *Social*

- *Segurança*

Opções de avaliação mostradas aos idosos:

-  Negativo
-  Razoável
-  Positivo

18) Dentre esses atributos (pontos) listados, quais é o mais importante para o senhor vir a um lugar do centro da cidade (e usá-lo)?

Apêndice B: quadro de respostas da entrevista estruturada

Controle									
Entrevista nº	02	Data	30/01/07	Início	9:56	Término	10:10	Local	Lago Alfindge
Eliminatória									
Idade	64			Tempo de moradia em Florianópolis				04 (9 de Florianópolis) 5 Florianópolis	
Caracterização da amostra									
Sexo	Naturalidade	Bairro	Casa <input checked="" type="checkbox"/>	Profissão	Escolaridade	Estado civil	Atividade		
M	Biguaçu	Parkes S.1	Instituição	professor	8ª série	cesol	conversador buro		
Passado									
Lugar	Importância	Fator ambiental (-)							
Praga XV	passar / descens	pq e praça este imto melandre? "passar do mundo em buca" "vegetando"							
Lago de Alfindge	passar e à beira mar ver os barcos no trapiche perto do Mercado								
Presente									
Lugar	Importância	Características (+ e -)							
Mercado Público	ver os frutos da mar	(+) ver as novidades ver os peixes							
Lago de Alfindge	descens	(-) pessoal que trava na rua (+) feira							
Rua Felipe Schmidt	ver as lojas passar	(+) calçadas							

Lugar	Marcel Public		
Acesso	X	☹	☹
Preservação	X	☹	☹
Conforto	X	☹	☹
Social	☹	☹	X
Segurança	X	☹	☹

so' pra ver produtos da mar
(dic)

Lugar	Lago de Alfândega		
Acesso	X	☹	☹
Preservação	X	☹	☹
Conforto	X	☹	☹
Social	X	☹	☹
Segurança	X	☹	☹

(dic)

Lugar	Roc Estipe Schmidt		
Acesso	X	☹	☹
Preservação	X	☹	☹
Conforto	X	☹	☹
Social	X	X	☹
Segurança	X	☹	☹

ver as lojas, marinha

Fatores ambientais				
Acesso	Preservação	Conforto	Social	Segurança

Comentários:

Apêndice C: planilha levantamento/observação

Planilha nº:	Local:
---------------------	---------------




Acesso:

<p>← Fluxos idosos</p> <p>←--- Fluxos pedestres:</p> <p>←--- Fluxos veículos:</p> <p>B Barreiras físicas:</p> <p>Po Pto ônibus:</p> <p>Pt Pto taxi:</p>
--





Conservação:

<p> Área modificada:</p> <p> Área degradada/danificada:</p>






Conforto:

<p>//// Sombra:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Iluminação noturna: <p> Bancos:</p> <p> Telefones públicos:</p> <p>Wc Sanitários:</p> <p> Vegetação:</p> <p>z Ruídos:</p>

Social:

<p> Área de concentração de idosos (sexo masculino predominante):</p> <p> Área de concentração de idosos (sexo feminino predominante):</p> <p> Área de concentração de idosos (mista):</p> <p> Área de concentração das demais pessoas:</p>

Segurança:

<p> Residencial:</p> <p> Comercial:</p> <p> Residencial / Comercial:</p> <p> Serviços:</p> <p> Institucional:</p>	<p>PF Policiamento fixo:</p> <p>PM Policiamento móvel:</p>
--	--

Observações gerais:

--

Planilha nº: 02 Local: Grupo 2 - Praça XV, Catedral, Senadinho

Levantamento + observações (escala 1):



Data: 09/09/2009 Horário: 16:10 Temperatura: 26°
 Céu: aberto / nuvens Vento: moderado Idosos: 90

Observações específicas:
 Acesso: escadaria catedral (-)
 Conservação: _____
 Conforto: _____
 Social: _____
 Segurança: _____



Fonte: Acervo próprio. Adaptado de: www.ufsc.br/~esilva/

Anexo A: Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS**
Parecer Consubstanciado Projeto nº 181/2006**I - Identificação**

Título do Projeto: A memória do idoso e a identidade da cidade como instrumentos de análise da inserção da pessoa idosa no espaço urbano

Pesquisador Responsável: Profª Drª Vera Helena Moro Bins Ely - Departamento / Centro

Pesquisador Principal: Emmanuel Sá Resende Pedroso

Instituição onde se realizará: Espaços urbanos públicos de Florianópolis

Data de entrada no CEP: 24/05/2006

II - Objetivos

Geral: A partir da identificação dos espaços públicos urbanos mais significativos para o idoso (os espaços identificados como mais importantes ao longo do seu processo de vivência), observar como a cidade de Florianópolis tem zelado por esses espaços (se a cidade os considera portadores de sua identidade e como ocorre a atual inserção do idoso nesses espaços).

Específicos:

- Identificar os espaços urbanos públicos mais relevantes na memória da pessoa idosa;
- Estabelecer a relação entre os espaços identificados como mais relevantes na memória do idoso e a vida do idoso na época correspondente (tempo, período de vida, uso e locais de moradia, trabalho e lazer);
- Identificar os espaços urbanos públicos portadores da identidade da cidade (levantamento dos espaços urbanos públicos tombados – nos níveis federal, estadual e municipal);
- Verificar a coincidência ou não entre os espaços urbanos públicos mais significativos para o idoso e os estabelecidos como portadores da identidade a cidade;
- Identificar os espaços urbanos públicos vivenciados atualmente, estabelecendo a área de vivência atual da pessoa idosa na cidade;
- Estabelecer a relação entre os espaços identificados como vivenciados atualmente pelo idoso e a vida do idoso hoje (tempo, período de vida – atual, uso e locais de moradia, trabalho e lazer);
- Verificar a existência ou não de espaços públicos urbanos mais significativos para a pessoa idosa na sua área de vivência atual;
- Verificar e analisar a possível vivência atual pelo idoso, de espaços urbanos públicos não significativos para ele;
- Identificar os fatores extrínsecos/ambientais (de acordo com as necessidades ambientais do idoso: físicas, informativas e sociais) atuantes na relação entre o idoso e a cidade, que contribuem para a atual vivência ou não dos espaços mais significativos na memória da pessoa idosa – se o idoso atualmente vai ou não ao local que tem significado para ele e por que – e o rebatimento dessas informações na morfologia urbana durante o mesmo período.

III - Sumário do Projeto

Pesquisa a ser desenvolvida em diversas etapas, constituída de documentação indireta: pelo levantamento bibliográfico e constituição da base teórica; de entrevista com idosos; documentação direta, por meio de visitas exploratórias e levantamento histórico e fotográfico de espaços urbanos públicos e análise regressiva da paisagem; observação direta intensiva. O espaço a ser estudado é a região central da cidade de Florianópolis, em sua porção insular. Os dados obtidos serão submetidos a tratamento por meio de cruzamentos, inicialmente buscando verificar se os espaços citados pelos

idosos são os mesmos portadores da identidade da cidade e, em um segundo momento, se os espaços citados pelos idosos são utilizados por eles atualmente.

IV – Comentários

Pesquisa de abordagem qualitativa, cujo projeto, apresentado em formato simplificado, não esclarece, em relação aos sujeitos participantes, quantos idosos serão convidados a participar como respondentes da entrevista, nem de que maneira estas pessoas serão recrutadas. Também não esclarece se a entrevista será gravada ou não, se será uma entrevista estruturada, semi-estruturada ou livre, assim como não apresenta um roteiro da mesma.

V - Parecer do CEP: Com pendências

VI - Data da Reunião

Florianópolis, 07 de agosto de 2006

Washington Portela de Souza

Coordenador

VII – Parecer final:

Ante o exposto, somos pela aprovação do projeto em análise.

Aprovado

Data da Reunião: 25 de setembro de 2006.







Devem ser encaminhados relatórios parciais anuais e relatórios finais dos projetos Aprovados pelo CEP da UFSC.




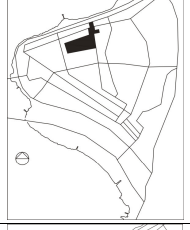
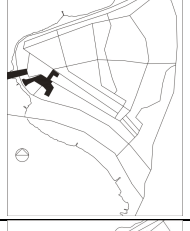
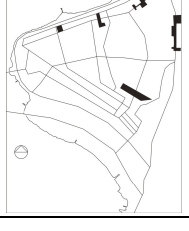


Vera Lucia Bosco
Coordenadora do CEP

Fonte: CONEP/ANVS - Resoluções 196/ 96 e 251/ 97 do CNS.

Anexo B: Relação dos Conjuntos Tombados e Áreas de Preservação Cultural existentes no centro urbano de Florianópolis

Conjuntos Tombados e APC's, segundo Dias (2005)				
Conjunto	Edificações tombadas	Tombamento	Descrição	Localização
Conjunto I	242	Municipal	Praça XV de Novembro e seu entorno, compreendendo também partes das ruas Conselheiro Mafra e Felipe Schmidt.	
		Estadual		
		Federal		
Conjunto II	24	Municipal	Rua Menino Deus e Hospitais de Caridade e Militar. Compreende o único conjunto tombado localizado fora da área determinada como objeto da pesquisa.	
		Estadual		
		Federal		
Conjunto III - A	28	Municipal	Disposto em duas partes sendo a parte A localizada na praça Getúlio Vargas e seu entorno	
		Estadual		
		Federal		
Conjunto III - B	08	Municipal	A parte B está localizada na área próxima ao Largo Benjamim Constant.	
		Estadual		
		Federal		
Conjunto IV	19	Municipal	Início da rua General Bitencourt.	
		Estadual		
		Federal		
Conjunto V	10	Municipal	Término da rua General Bitencourt.	
		Estadual		
		Federal		

Conjunto VI	25	Municipal	Rua Hermann Blumenau.	
		Estadual		
		Federal		
Conjunto VII	13	Municipal	A igreja de Nossa Senhora do Rosário e seu entorno imediato.	
		Estadual		
		Federal		
Conjunto VIII	06	Municipal	Rua Bocaiúva.	
		Estadual		
		Federal		
Conjunto IX	11	Municipal	Rua Esteves Júnior.	
		Estadual		
		Federal		
Conjunto X	29	Municipal	Antiga zona portuária, compreendendo a Ponte Hercílio Luz e o Forte Santana.	
		Estadual		
		Federal		
APC's	-	Municipal	Pequenos setores localizados no Centro Histórico, próximos a bens expressivos, como o Teatro Álvares de Carvalho.	
		Estadual		
		Federal		